

ESPAÇO PÚBLICO . ESPAÇO LIVRE . INFRAESTRUTURA

Consolidação de um interior de quarteirão
no tecido urbano do Bairro Alto

Diogo Neto Damas
(Licenciado)

Projeto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação:
Professor Doutor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professor Doutor Jorge Firmino Nunes

Júri:
Presidente: Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa
Vogal: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Lisboa,
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Julho de 2018



ESPAÇO PÚBLICO . ESPAÇO LIVRE . INFRAESTRUTURA

Consolidação de um interior de quarteirão
no tecido urbano do Bairro Alto

Diogo Neto Damas
(Licenciado)

Projeto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de Orientação:
Professor Doutor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professor Doutor Jorge Firmino Nunes

Júri:
Presidente: Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa
Vogal: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Lisboa,
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Julho de 2018

RESUMO

Título: Espaço Público . Espaço Livre . Infraestrutura
Perante a realidade da cidade de Lisboa, o presente trabalho confirma a necessidade de consolidação de diversas áreas urbanas fragmentadas, fruto da expansão da cidade.

Autor: Diogo Neto Damas
O passado industrial, que hoje escondido na paisagem urbana do Bairro Alto, revela um complexo industrial que escapa à polarização das unidades industriais em torno das vias de comunicação, implantando-se num interior de quarteirão expectante.

Equipa de Orientação:
Professor Doutor Nuno Mateus
Professor Doutor Jorge Nunes
A leitura do território revela a génese rural do Bairro Alto, do qual o objeto de trabalho é testemunha. O seu carácter insular revela a oportunidade de repensar o espaço público do lugar. Caracterizado atualmente por uma estrutura viária que não permite um aproveitamento do espaço público, a definição de um eixo que pretende conectar o interior do bairro de forma deliberada a locais de permanência apresenta-se como necessária, cumprindo a intenção de consolidação macro-urbana.

Mestrado Integrado em Arquitetura
Lisboa, FAUL
Julho, 2018
A nível do desenho urbano, o projeto promove a continuidade da malha urbana para o interior do quarteirão, desenhando plataformas em torno de diversos edifícios de elevado valor patrimonial, relembrando a implantação do casario nas colinas de Lisboa.

O projeto centra-se, á escala arquitetónica, num grande vazio no qual é investigada a hipótese de criação de uma infraestrutura pública. Esta conforma uma praça-jardim e um espaço interior, público e livre, que procura responder ás necessidades funcionais e sociais de local.

A materialidade do projeto vai no sentido da continuidade do espaço público, do bairro ao quarteirão e deste ao edifício.

(233 palavras)

Palavras Chave: Urbanidade | Praça | Espaço Público | Infraestrutura| Bairro Alto

ABSTRACT

Title: Public Space . Free Space .
Infrastructure
By analysing the city of Lisbon, the present work confirms the necessity for the consolidation of several fragmented urban areas, due to the expansion of the city.

Author: Diogo Neto Damas
The industrial past that nowadays remains hidden in the urban landscape of Bairro Alto, reveals an element that departs the polarization of industries along transport infrastructures by establishing itself within an undeveloped city block.

Equipa de Orientação:
Phd Architect Nuno Mateus
Phd Architect Jorge Nunes
Understanding the territory imparts the rural genesis of Bairro Alto, from which the object of work in witness. The insular character of both presents the opportunity to rethink its public space. Currently characterised by a road structure which doesn't allow for a proper use of the public space, the definition of an axis that deliberately aims to connect the interior of the neighbourhood to places of staying presents an intention of macro-urban consolidation.

Integrated Master in Architecture
At the level of urban design, the project promotes the continuity of the urban fabric towards the inside of the block, designing platforms around several building of high heritage value, reminiscent of the settlement of building on the hills of Lisbon.

Lisbon, FAUL
July, 2018
The project focuses at the architectonic level around a large void in which the hypothesis of creating a public infrastructure is investigated. This will encompass a square-garden and a interior, unrestrained, public space, that seeks to answer the functional and social need of the place.

The project' s materiality goes towards the continuity of the public space, from the neighbourhood to the block and from the block to the building.

(244 words)

Key-words: Urbanity | Square | Public Space | Infrastructure | Bairro Alto

AGRADECIMENTOS

Começo por expressar a minha gratidão para com todos aqueles que estiveram presentes ao longo deste percurso.

Ao professor Nuno Mateus, pela partilha da sua experiência e do gosto de construir, que me incutiu o valor do tempo e a ambicionar falhar de forma cada vez melhor.

Ao professor Jorge Nunes, pela dedicação e um imenso gosto pela Arquitetura, e pelas estimulantes conversas e partilhas.

Aos colegas, à Leonor, à Catarina, à Rita, à Joana, à Inês e ao Henrique, com os quais partilhei a descoberta da Arquitetura.

Aos meus amigos, ao Guilherme, à Carolina, à Beatriz, ao Paulo e ao Xavier, por compreenderem a minha obsessão por esta disciplina.

Aos meus pais e aos meus avós, pela presença e apoio constante e inabalável.

A todos , um humilde e honesto obrigado!

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução | 3 |
| 2. Da Cidade ao Lugar | 11 |
| 2.1 Génese de Modernidade - Bairro Alto | 15 |
| 2.2 Estado do Lugar na Cidade | 23 |
| 2.3 Arquitetura e Urbanismo | 27 |
| 2.4 Terramoto e Reconstrução | 31 |
| 2.5 Bairro Alto - Capital do Periodismo | 37 |
| 2.5.1 Jornal O Século | 41 |
| 3. Indústria e Desenvolvimento | 43 |
| 3.1 A Industrialização da Cidade | 47 |
| 3.2 Indústria no Bairro Alto e Aterro da Boavista | 53 |
| 3.3 Desindustrialização do Centro Urbano | 57 |
| 4. Do Lugar ao Espaço | 61 |
| 4.1 Património e Indústria - História; Memória; Tempo | 61 |
| 4.2 Arquitetura da Cidade | 67 |
| 4.2.1 O Contexto | 71 |
| 4.2.2 Acupunctura Urbana - Gerador de Urbanidade | 75 |
| 4.3 Arquitetura do Espaço | 79 |
| 4.3.1 O Espaço no Modernismo | 81 |
| 4.3.2 A Planta Livre de Le Corbusier | 85 |
| 4.3.3 A Planta Livre de Mies van der Rohe | 89 |
| 4.3.4 O Espaço Universal de Mies van der Rohe | 91 |
| 4.4 Casos de Referência | |
| 4.4.1 S. R. Crown Hall - Mies van der Rohe | 93 |
| 4.4.2 Tenerife Espacio de las Artes - Herzog & de Meuron | 97 |
| 4.4.3 Rolex Learning Centre - SANAA | 101 |
| 4.4.4 Marquise do Parque Ibirapuera - Oscar Niemeyer | 105 |
| 4.4.5 Reabilitação do Chiado - Álvaro Siza Vieira | 109 |

| | |
|---|-----|
| 5. Projeto | |
| 5.1 Considerações do Contexto Urbano | 113 |
| 5.2 Desenho Urbano | 115 |
| 5.3 Praça | 121 |
| 5.4 Edifício Infraestrutura | 123 |
| 6. Conclusão | 129 |
| 7. Referências Bibliográficas | 131 |
| 8. Anexos | 137 |

INDICE DE IMAGENS

2 1. INTRODUÇÃO

1. Imagem Aérea de Lisboa no Início do século 20

in OASRS no Flickr <https://www.flickr.com/photos/oasrs/5160980903>.

2. DA CIDADE AO LUGAR

10 2. Plan de Lisbonne Son Port, Le Cher. Calmet Beauvoisin 1833

in Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/4007>.

12 3. Vista de Lisboa, J. Braunio, séc. XVI

in Arquivo Municipal de Lisboa.

13 4. "LISBONA PER PRAECLARA PORTUGALLIAE METROPOLIS" , Vista de Lisboa no séc XVII, Rombout van den Hoeye

in Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/1714>.

18 5. Planta da Cidade de Lisboa, João Nunes Tinoco, 1650

in Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/3880>.

20 6. Diferentes fases de desenvolvimento urbano urbano de Vila Nova de Andrade e Bairro Alto

in **Carita**, Hélder [et al.] - Bairro Alto :Mutações e Convivências Pacíficas. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, 2012.

27 7. Planta do Bairro Alto com indicação a negro dos edifícios dos séc. XVI -XVII

in **Carita**, Hélder [et al.] - Bairro Alto :Mutações e Convivências Pacíficas. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, 2012.

28 8. Planta da cidade de Timgad, Algéria, Frederick Poll

in Wikimedia Commons https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Timgad_-_Expansion_in_2nd_and_3rd_Century.jpg.

29 9. Plantas do piso térreo de edifício dos séc. XVI-XVII

in **Carita**, Hélder [et al.] - Bairro Alto :Mutações e Convivências Pacíficas. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, 2012.

- 10. Prédio quinhentista na Rua da Atalaia, Anónimo, 1898-1908** 29
 in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=1930391&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>.
- 11. Gravura do Terramoto de 1755** 30
 in <https://marialynce.files.wordpress.com/2008/11/terramoto-lisboa.jpg>.
- 12. Sobreposição da malha pombalina e medieval, Carlos Mardel, 1755.** 33
 in Arquivo Municipal de Lisboa.
- 13. Carta Topográfica de Lisboa e os seus Suburbios, Duarte José Fava, 1808** 34
 in Arquivo Municipal de Lisboa.
- 14. Fotografia do jornal A República na Rua de S. Roque, João Hermes Cordeiro Goulart, 1969** 38
 in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=324204&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.
- 15. Fotografia do jornal O Mundo na Rua de S. Roque, Machado e Souza, entre 1898 e 1908** 38
 in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=255988&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.
- 16. Fotografia da redação do Jornal Diário de Notícias, Alberto Carlos Lima** 38
 in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2167885&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>
- 17. Impressão do último Diário Popular** 39
 in jornal Público <https://www.publico.pt/2013/12/15/local/noticia/no-bairro-alto-os-jornais-deram-lugar-a-polos-de-cultura-1616354#&gid=1&pid=2>
- 18. Fotografia do Edifício do Jornal O Século, antigo Palácio Viscondes de Lançada, Paulo Guedes** 40
 in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2107840&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>.

41 **19.** Fotografia de grupo de ardinhas, durante a greve, na rua Formosa junto da redacção do jornal O Século, no antigo Palácio do Visconde de Lançada, Joshua Benoliel, 1911
in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=267571&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.

41 **20.** Fotografia do Edifício do Jornal O Século, Paulo Guedes
in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2103608&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>

41 **21.** Fotografia da Rua de O Século, Anónimo
in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Imagem.aspx?ID=2330860&Mode=M&Linha=1&Coluna=1>

3. INDUSTRIA E DESENVOLVIMENTO

46 **22.** Fotografia panorâmica sobre o rio Tejo, Anónimo, 1906
in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254927&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.

50 **23. - 24. - 25. - 26.** Atlas Industrial de Lisboa (sobreposição e implantação em torno dos meios de comunicação)
Esquema elaborado pelo autor.

55 **27.** Fotografia da Fábrica de Gás da Boavista, Joshua Benoliel, 1907
in Arquivo Municipal de Lisboa <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=265314&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.

59 **28.** Registo das instalações industriais na cidade de Lisboa, nomeadamente na zona ribeirinha, que contrastam com os palácios a Norte.
Esquema Elaborado pelo Autor.

62 **29.** Fotografia da fachada da Fábrica de Gás da Boavista para a Av. 24 de Julho
in Arquivo Municipal de Lisboa.

- 30.** Fotografia da demolição das chaminés da Fábrica de Gás de Belém, 1935 **62**
 in Arquivo Municipal de Lisboa.
- 4. DO LUGAR AO ESPAÇO**
- 31.** Brooklyn Boogie Woogie, Piet Mondrian, 1942-43. **66**
 in MoMA <https://www.moma.org/collection/works/78682>.
- 32.** Fotografia das Economist Towers em Londres. **71**
 in The Architect's Journal <https://www.architectsjournal.co.uk/news/row-erupts-over-economist-building-revamp/10017013.article>.
- 33.** Vista axonométrica do percurso público através da Stuttgart Neue Staatsgalerie **72**
- 34.** Tabela de pontos de acupunctura. **74**
 in **SOLÁ-MORALES**, Manuel – A Matter of Things. Roterdão: NAI Publishers, 2008.
- 35.** Counter-construction. Constrction de l' Espace-Temp II, Theo van Doesburg, 1924 **80**
 in **COLQUHOUN**, Alan - Modern Architecture. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- 36.** Casa Schroder, Gerrit Rietveld, 1924. **83**
 in Fotografia do Autor.
- 37.** Maison Dom-ino, Le Corbusier, 1914. **84**
 in **FRAMPTON**, Kenneth - Modern Architecture: A Critical History. Londres, Thames & Hudson, 1990.
- 38. - 39.** Casas de Corbusier para a Exposição Weissenhofsiedlung, 1927. **84**
 in Fondation Le Corbusier <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysName=redirect64&sysLanguage=en-en&IrisObjectId=5562&sysParentId=64>.
- 40.** Plantas do piso térreo, primeiro andar e cobertura da Villa Savoye, em Poissy, França, 1929-31 **87**
 in **COLQUHOUN**, Alan - Modern Architecture. Oxford: Oxford University Press, 2002.

- 88 **41.** Planta do projeto para uma casa de campo em alvenaria de tijolo, Mies van der Rohe, 1923
in **FRAMPTON**, Kenneth - Modern Architecture: A Critical History. Londres, Thames & Hudson, 1990.
- 89 **42.** House under construction, Kazimir Malevich, 1915-16
in Trvium Art History <https://arthistoryproject.com/artists/kazimir-malevich/house-under-construction/>.
- 89 **43.** Planta do Pavilhão Alemão, Exposição Mundial de Barcelona, Mies van der Hohe, 1929
in **FRAMPTON**, Kenneth - Modern Architecture: A Critical History. Londres, Thames & Hudson, 1990.
- 91 **44.** Perspectiva interior do projeto para uma sala de concertos de Mies van der Rohe, 1942
in MoMA Collection https://www.moma.org/collection/works/702?artist_id=7166&locale=pt&page=11&sov_referrer=artist.
- 92 **45.** Fachada do S. R. Crown Hall.
in IIT College of Architecture <https://arch.iit.edu/about/sr-crown-hall>.
- 94 **46.** Planta do S. R. Crown Hall, 1956
in Archdaily <https://www.archdaily.com/776447/exploring-chicagos-architectural-legacy-through-5-exceptional-projects/5646d18be58ecee8fb0003b2-exploring-chicagos-architectural-legacy-through-5-exceptional-projects-sr-crown-hall-floor-plan>.
- 94 **47.** Planta do Altes Museum, Berlim.
in **FRAMPTON**, Kenneth - Modern Architecture: A Critical History. Londres, Thames & Hudson, 1990
- 94 **48.** Fotografia da nave desocupada do Crown Hall.
in WikiArquitetura <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/crown-hall-2/#lg=1&slide=19>
- 94 **49.** Exposição de trabalhos a concurso ao prémio MCHAP, Chicago, 2014.
in Wiel Arets Architects http://www.wielaretsarchitects.com/en/media/news/the_college_of_architecture_at_iit_to_host_the_mchap_award_benefit_dinner.

- 50.** Espaço de trabalho e exposição e convívio na Faculdade de Arquitetura de Chicago. **95**
 in revista Metalocus <https://www.metalocus.es/en/news/college-architecture-iit-announces-mchap>
- 51.** Vista Aérea do TEA - Tenerife Espacio de las Artes, 2010 **96**
 in El Croquis - 152-153 - Herzog & de Meuron 2005-2010.
- 52. - 53. - 54.** Vistas do percurso urbano através do TEA, 2010 **98**
 in El Croquis - 152-153 - Herzog & de Meuron 2005-2010.
- 55.** Vista do interior do grande espaço do TEA, a olhar sobre a praça que o intersecta, 2010 **99**
 in El Croquis - 152-153 - Herzog & de Meuron 2005-2010.
- 56.** Panorama do exterior do Rolex Learning Centre em Lausanne, 2011 **100**
 in El Croquis - 155 - SANAA 2008-2011.
- 57.** Espaço rampeado com alunos sentados em puffs no Rolex Learning Centre em Lausanne, 2011 **102**
 in Office James Leng <http://www.jamesleng.net/rolex-learning-center/>.
- 58.** Alçado, corte e planta do piso térreo do Rolex Learning Centre, 2011 **103**
 in El Croquis - 155 - SANAA 2008-2011.
- 59.** Praticantes de Sownboard a descer as rampas do Rolex Learning Centre, 2011 **103**
 in Archdaily <https://www.archdaily.com/161853/rolex-learning-center-photographic-project-johann-watzke-anne-fanny-cotting-aurelie-mindel-of-epfl/ski-learning-2>.
- 60.** Fotografia aérea da construção do Parque Ibirapeura, Werner Haberkorn, 1950 **104**
 in Parque Ibirapuera <https://parqueibirapuera.org/passeio-com-musica-no-ibirapuera-iv/>.
- 61.** Croquis do esquema do complexo cultural do Parque Ibirapuera, Oscar Niemeyer, 1954 **107**
 in **PAPADAKI**, Stamo - Oscar Niemeyer: Works in Progress. New York: Reinhold Publishing Corporation, 1956

- 107 **62.** Fotografia do espaço sob a pala da Marquise de Niemeyer
in Parque Ibirapuera <https://parqueibirapuera.org/passeio-com-musica-no-ibirapuera-iv/>.
- 108 **63.** Fotografia dos Terraços do Carmo a partir da ponte pedonal do Elevador de Santa Justa, 2017
Fotografia do Autor
- 110 **64.** Croquis de Siza Vieira mostrando o percurso desde o pátio no interior do quarteirão até ao pórtico sul da Igreja do Convento do Carmo, 2013
in **Siza**, Álvaro - Chiado em Detalhe. Lisboa: Babel, 2013
- 110 **65.** Alçado do Pátio B e da escada de acesso ao pórtico Sul da Igreja do Convento do Carmo, 2000
in **SIZA**, Álvaro - A Reconstrução do Chiado - Lisboa. Porto: Figueirinhas, 2000
- 110 **66.** Esquema das novas passagens criadas no projeto de requalificação do Chiado assinalando as novas possibilidades de deslocamento, 2013
in Serventi, Michele - O Chiado, Do saguão pombalino ao pátio de Siza. Porto: FAUP, 2013. Tese de Mestrado.
- 111 **67.** Fotografia do Pátio A do Chiado.
in Moreira, Miguel - Limites e Transições na Vida da Cidade, Dinâmicas Colectivas no Aterro da Boavista. Lisboa, FAUL, 2014. Tese de Mestrado
- 111 **68. - 69.** Fotografias do pátio B e das escadas de acesso ao portal.
Fotografias do Autor.
- 114 **70.** Esquema do Atravessamento desde S.Bento a S. Roque.
Esquema elaborado pelo Autor.
- 115 **71.** Esquema da criação Atravessamento desde S.Bento a S. Roque.
Esquema elaborado pelo Autor.
- 116 **72.** Eixo Norte-Sul e Este-Oeste a cruzarem-se no interior do Bairro Alto.
Croquis elaborado pelo Autor.

| | |
|---|------------|
| 73. Atravessamentos propostos e novos eixos no interior do quarteirão. | 117 |
| Croquis elaborado pelo Autor. | |
| 74. Ligação da praça ao pátio do Palácio Pombal. | 117 |
| Croquis elaborado pelo Autor. | |
| 75. Maquete de trabalho do plano urbano. | 119 |
| Fotografia do Autor | |
| 76. Perspetiva da Praça, Plataformas e a Academia das Ciências. | 120 |
| Croquis elaborado pelo Autor. | |
| 77. Maquetes da configuração das plataformas. | 122 |
| Fotografia do Autor | |
| 78. Diversas iterações da configuração espacial de um dos volumes. | 125 |
| Croquis elaborado pelo Autor. | |



1. INTRODUÇÃO

O ensaio que aqui se apresenta tem como objeto um quarteirão na zona norte de Santa Catarina, mais concretamente a Oeste do Bairro Alto. A zona afigura-se como uma área de elevado valor patrimonial e um vasto território urbano, cujo tecido se encontra já bastante consolidado. O quarteirão sobre o qual o trabalho reflete e propõe intervir apresenta, no entanto, um carácter díspar dos restantes. Envolto de um território de grande valor arquitetónico, configura-se um interior expectante, com a exceção da preexistência de uma unidade industrial da Companhia Metalúrgica Nacional (Cometna).

A cidade de Lisboa, pela sua localização próxima de um meio de comunicação de grande escala e amplamente disponível, do rio Tejo, e consequentemente do Oceano Atlântico, viu a implantação das suas primeiras unidades industriais ser feita ao longo das margens do rio. Com o aparecimento de novos meios de comunicação, tal como a rede ferroviária e rodoviária, as indústrias foram-se agregando consecutivamente a estes novos meios de transporte que iam aparecendo na cidade, gerando uma polarização das indústrias junto destes. Todavia, existem casos que vêm contrariar esta lógica, sendo a fábrica presente no quarteirão um seu exemplo.

O presente trabalho reflete sobre os temas da reutilização de espaços industriais e consequente consolidação do espaço público em consonância com as características e necessidades do território.

O local de intervenção encontra-se próximo de um aglomerado urbano com aproximadamente quinhentos anos de história, o Bairro Alto. O seu aparecimento deve-se ao forte crescimento populacional e ao desenvolvimento marítimo da cidade de Lisboa dos séc. XV e XVI. Inicialmente constituído como um bairro habitacional para as massas, transforma-se posteriormente numa zona burguesa com a construção de vários palácios e casas senhoriais.

1. Pode observar-se a concentração industrial no Aterro da Boavista com o casario tradicional na parte superior. De notar, a presença do terreno de intervenção, em cima, ao meio, com o Convento de Jesus e o Liceu Passos Manuel.

Após o terramoto de 1755, com a criação do Aterro da Boavista, surge um novo polo industrial na cidade de Lisboa, diretamente ligado ao rio, e posteriormente à linha férrea. Apesar da grande maioria das unidades fabris, predominantemente da área metalúrgica, se terem localizado na zona do aterro, algumas fábricas começaram a aparecer no interior do Bairro Alto, levando à saída da aristocracia do local e tornando-se o Bairro mais popular. As indústrias que se instalaram no interior ou fronteiras do Bairro Alto, aparecem como casos isolados na lógica da implantação industrial. Com efeito, esta não se deve à disponibilidade de bons meios de comunicação, uma vez que a sua escala havia sido pensada de acordo com necessidades habitacionais com mais de um século à altura.

Assiste-se, nos finais do século XIX, ao aparecimento de uma nova tipologia industrial no Bairro Alto. Os vários jornais que aqui se instalaram, constroem tipografias que vêm afirmar uma nova escala dos espaços industriais aí existentes.

Existe, atualmente, evidência da intersecção de dois tempos de vida diferentes no Bairro. Por um lado, existe um número considerável de palacetes nesta zona, uma memória da vida burguesa do séc. XVIII e XIX. Estes edifícios são geralmente de elevado valor patrimonial. Por outro, a instalação de unidades fabris no interior do bairro, afastou a população do mesmo, transformando-o num local de habitação proletária, dando-se mesmo o aparecimento de alguns pátios operários.

O local de intervenção é uma fração de um vasto quarteirão que é, em si, um espelho da evolução do Bairro Alto. Inicialmente composto por Palácios, Conventos, seus respetivos jardins e terrenos de cultivo, o Bairro Alto vê o seu interior ocupado por uma unidade industrial de grandes dimensões. O restante espaço, caindo no esquecimento até hoje, torna-se expectante de uma intervenção de consolidação geral do quarteirão.

O tema surgiu no âmbito da disciplina de Projeto VI na qual foi feita

uma análise da implantação e fatores de agregação da indústria na cidade de Lisboa. Desta abordagem surgiu, igualmente, a necessidade de dar resposta ao terreno expectante no interior do quarteirão, visando a sua integração na estrutura urbana do Bairro Alto.

O tema tem por base o espaço público e a geração de urbanidade. A estratégia passa pela proposta de um edifício que procura dar resposta às necessidades da vida pública no Bairro Alto. Um espaço que permita realizar as atividades públicas, até aqui impossibilitadas dada a inexistência de uma praça no interior do Bairro.

A vontade de conferir urbanidade ao espaço do interior do quarteirão, transformando-o assim em parte integrante da malha urbana do Bairro Alto é o objetivo primordial deste trabalho. Admitindo que este novo espaço público partilhe de uma génese e carácter diferente dos demais, pretende-se que este se afirme como um espaço que faz a ponte com a unidade urbana do Bairro.

O objetivo maior da intervenção passa por conceber uma paisagem urbana multifacetada, sobre o suporte da ilha urbana constituída pelo interior de quarteirão em análise, conectando-a com o lugar público “exterior” e afirmando um espaço público “interior” através da criação de um equipamento cultural, um motor gerador de urbanidade.

De forma a estabelecer uma nova urbanidade no interior de quarteirão encerrado sobre si mesmo, importa que o local se relacione com a cidade, conectando o espaço público circundante, criando ligações e dando sentido a percursos existentes.

Pressupondo como fundamental compreender as lógicas urbanas do Bairro Alto, a sua escala e consolidação, procura dar-se resposta a um desenho urbano na ligação das duas ilhas referidas supra – o bairro alto como um todo e o quarteirão em análise. O entendimento do espaço interior do quarteirão como espaço público compreende o desenvolvimento de lógicas de comunicação inter-relacional com a malha urbana em torno do local. O espaço, pela sua escala,

configura-se como uma dilatação da via pública e do espaço urbano no bairro se considerarmos a compressão espacial sentida no interior do Bairro Alto.

A estratégia passa pela requalificação e consolidação do interior do quarteirão como um conjunto de espaços, pátios e jardins ligados entre si e por sua vez conectados ao Bairro Alto.

O primeiro ponto consiste no estudo e compreensão da cidade de Lisboa, do seu desenvolvimento e da sua história. Passando pela implantação da cidade nas colinas e fazendo um zoom progressivo e temporal ao Bairro Alto. Procura-se o entendimento do local de projeto, desde a sua criação á cerca de 500 anos, como o primeiro bairro de malha regular e planeada na cidade de Lisboa, bem como á comprovação das transformações populacionais que esta sofreu.

De forma a esboçar as premissas de intervenção no local, o segundo ponto incide sobre a indústria na cidade de Lisboa, evidenciando os fatores da sua localização que levaram á criação de pólos industriais, com particular interesse a partir do terramoto de 1755, altura em que se dá o desenvolvimento da ocupação industrial no Aterro da Boavista. Procuramos também compreender o que leva á especialização da indústria do Bairro Alto na sua relação com o desenvolvimento do Periodismo.

Num terceiro ponto é construído um estado da arte que visa o enquadramento do tema proposto com base nos conceitos abordados pelo projeto. Num primeiro momento é introduzida a problemática do património com as suas várias vertentes. Os últimos anos têm visto emergir o tema da Reabilitação Industrial – Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial realizada pelo TICCIH¹; e os Princípios de Dublin, carta resultante da XVII Assembleia Geral do ICOMOS². Este tema adquire especial protagonismo em meios urbanos, pelas possibilidades de regeneração urbana. As unidades

1 TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage.

2 ICOMOS - International Council on Monuments and Sites.

fabris são, geralmente, locais de uma generosidade espacial pouco comum nas cidades. Antagonicamente o Bairro Alto dispõe de uma grande economia de escala, sendo o espaço público bastante exíguo e os lotes de pequena dimensão. A sobreposição destas duas escalas faz surgir novas possibilidades de habitar o Bairro Alto.

De forma a criar uma base teórica que sustente o desenho urbano, o estudo das questões do contexto tornam-se vitais. Também o entendimento do conceito de Acupuntura Urbana, como método de intervir cirurgicamente na cidade e em consonância com as lógicas urbanas do bairro informará a intervenção. De relevar será a análise do trabalho de Manuel de Solá-Morales, nomeadamente na sua obra “A Matter of Things” sobre a relação da arquitetura e o desenho urbano e ainda a capacidade das intervenções no espaço público de gerar urbanidade.

Por conseguinte, procuramos compreender de que forma a praça/plataforma será capaz de responder à criação de um espaço público no seu positivo e um equipamento cultural ativador do espaço público no seu negativo, integrado no contexto topográfico do terreno.

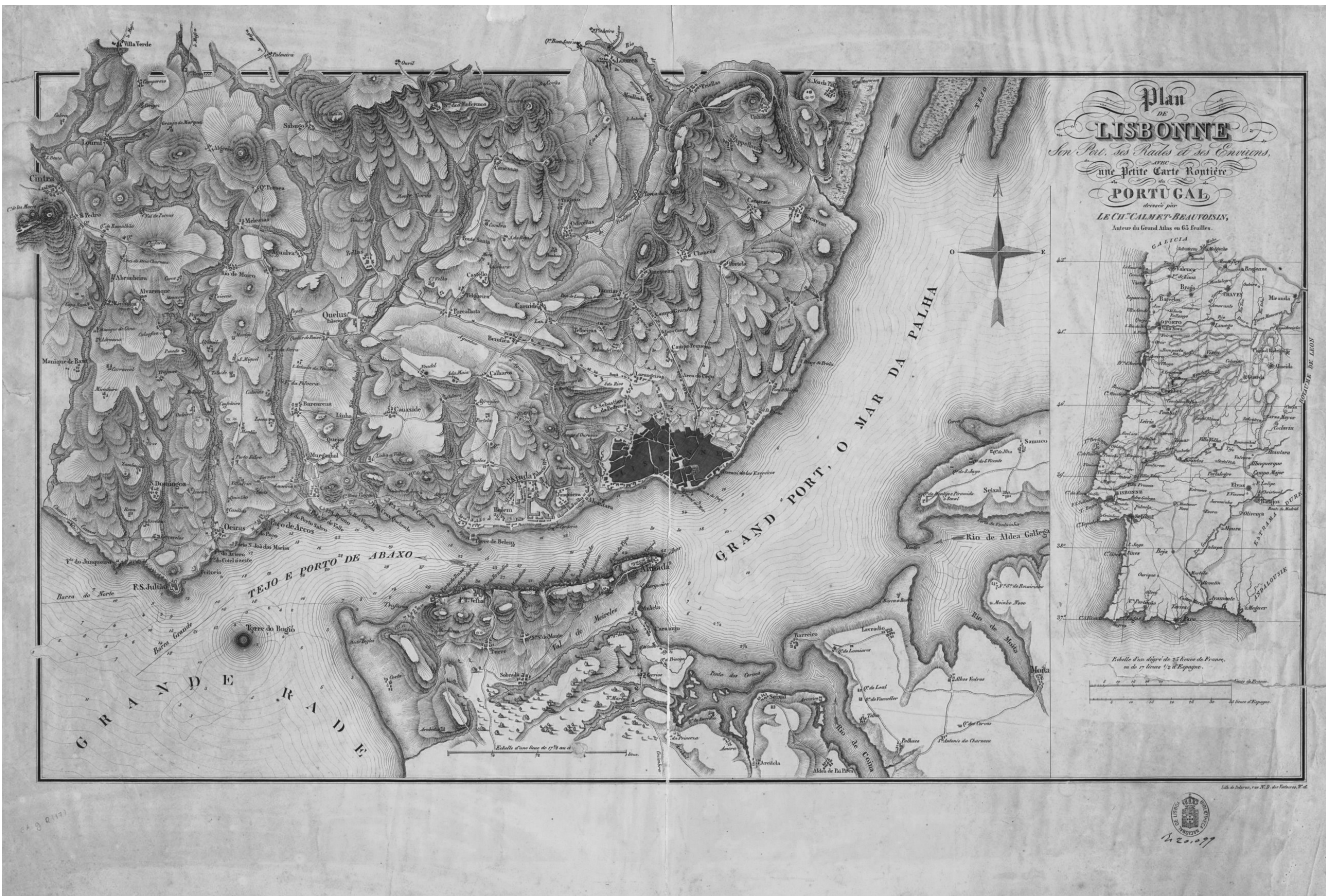
O edifício proposto configura-se como uma continuação da praça, infraestrutura de suporte a atividades culturais e pólo de atração ao local. Ao propiciar diferentes apropriações e usos num registo contínuo com a praça, o equipamento é um ativador do espaço público, de intersecção e confluência de pessoas – um espaço de permanência numa malha urbana que não o permite facilmente. De forma a informar o seu desenho é necessário analisar a problemática do espaço, nomeadamente a sua conceção no movimento moderno com o trabalho de Le Corbusier e Mies van der Rohe.

Por fim são analisados exemplos concretos de projetos, equipamentos públicos e intervenções urbanas semelhantes á intervenção deste trabalho. Destacam-se os projetos de Reabilitação do Chiado do arquiteto Álvaro Siza Vieira a nível urbano, o Crown Hall de Mies van der Rohe com o qual se podem estabelecer paralelismos com

a lógica espacial proposta e a nível mais infraestrutural, e por fim a Marquise do Parque Ibirapuera de Oscar Niemeyer.

A intervenção projetada é elencada no ponto quatro, que, como memória descritiva e justificativa, procura demonstrar e explicar as opções tomadas. A materialização da ideia é aqui o produto sustentado pelo pensamento e análise configurado nos capítulos anteriores.

A expressão cultural do Bairro Alto e a sua influência na restante cidade é evidenciada pelo legado e história do local. Desde tertúlias em palácios á disseminação do periodismo pelo território nacional, tendo como capital o Bairro Alto, é então inegável a ligação estreita entre a sua vitalidade e a cultura.



2. DA CIDADE AO LUGAR

Lisboa, cidade das sete colinas, com o Tejo no seu regaço e às portas do Atlântico, dispõe de uma localização privilegiada. Foi ao longo dos tempos uma posição estratégica desejada pelos impérios que por ela passaram, dadas as capacidades defensivas proporcionadas pelas colinas que se desfazem na água. Também as ligações marítimas proporcionadas pelo recurso mais farto da cidade, a água – rio e mar - que suportaram o desenvolvimento, de povoação a metrópole, de Olissipo a Lisboa.

Tratando-se de uma extremidade do continente Europeu, Lisboa teve sempre um papel importante nas relações comerciais e culturais. Este estatuto vai então exacerbar-se com a evolução da navegação marítima e a conseqüente relevância que adquire na sociedade, sustentando a expansão dos povos junto ao mar.

Os períodos de grande volume de comércio marítimo sempre se traduziram em Lisboa num forte crescimento demográfico, e necessariamente na expansão da área da cidade. Lisboa cresce então de forma radial desde o centro e a primeira fixação do povoado em Lisboa - a Colina do Castelo de S. Jorge.

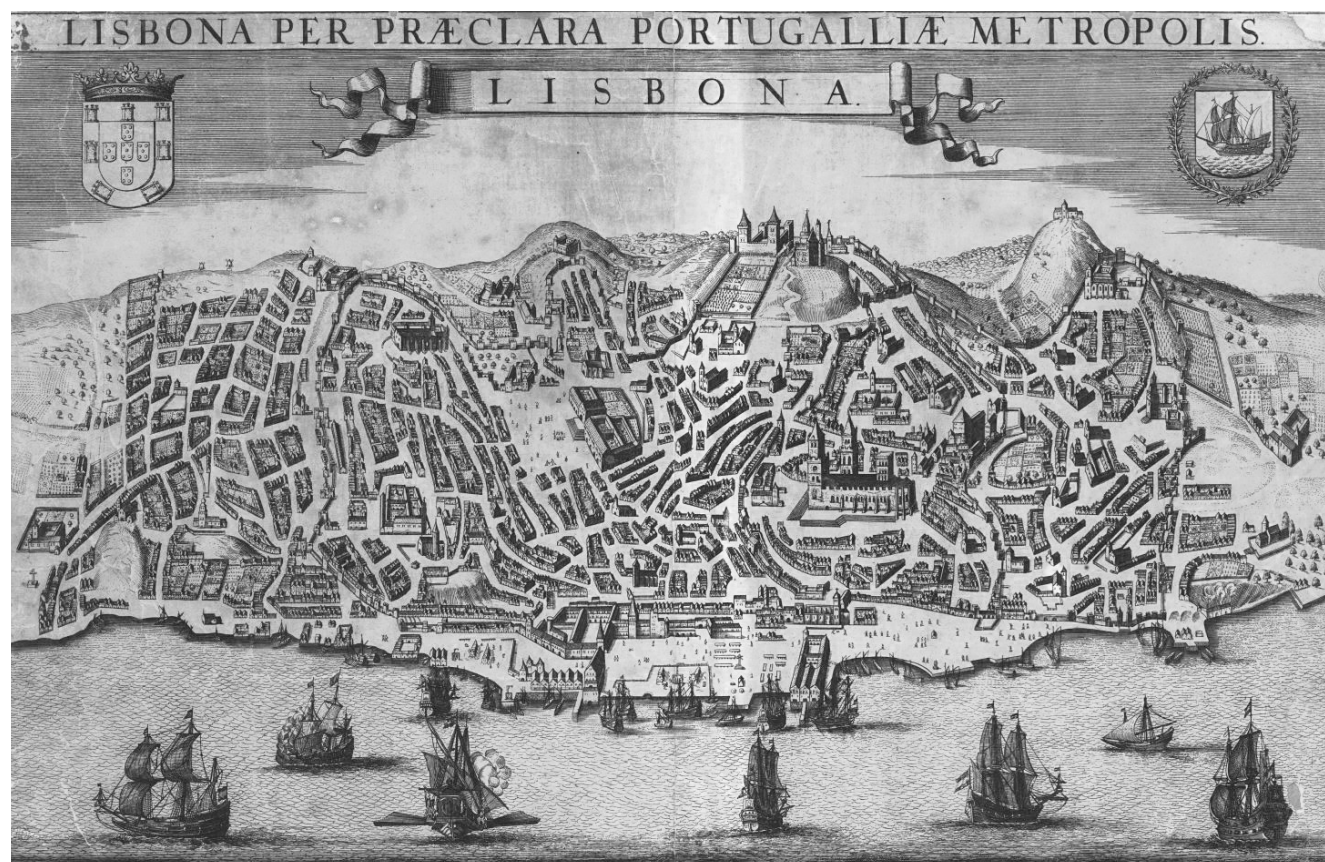
A expansão da cidade para além das cercas erigidas para sua proteção, traduziu-se no sucessivo repensamento dos seus limites.

Cidade desenhada pelas diversas ocupações, Lisboa permite a coexistência de culturas e geometrias que se traduzem numa urbe com um carácter consolidado pelo tempo.

A expansão da cidade, desde a sua génese, sempre se apoiou na orografia e natureza do território, propiciando a permanência humana, traduzindo-se nas diversas implantações do construído. Também as qualidades naturais das zonas em redor da cidade possibilitaram o uso do solo para agricultura e recreio, especialmente pela Corte.

2. (página oposta) É exibida a topografia acidentada em torno da cidade de Lisboa.





3. (página oposta) Esta gravura do início do séc.XVI mostra o volume de tráfego marítimo da cidade de Lisboa. A cidade encontra-se ainda confinada pela Cerca Fernandina.

4. (em cima) No séc. XVII é já perceptível a expansão urbana, ocupando terrenos agrícolas para poente.

2.1 GÉNESE DA MODERNIDADE – BAIRRO ALTO

A cidade de Lisboa, assiste, no séc. XV e XVI, simultaneamente aos Descobrimientos, a um *boom* demográfico proporcionado pela situação económica favorável da altura. O aumento do número de habitantes propicia uma vaga de construção que depressa preenche os terrenos disponíveis no interior da Cerca Fernandina. O esgotamento do espaço intra-muros demanda agora a expansão da cidade para fora das suas muralhas, criando novos pólos urbanos que, pela comodidade dos acessos ao interior da cidade, se concentram próximo das portas da muralha.

A expansão da cidade para além das Portas de St^a. Catarina, com os primeiros assentamentos urbanos do Bairro Alto, acontece em paralelo com a vontade expressa da Casa Real de transformar Lisboa numa cidade que se adegue á recente qualidade de vasta metrópole, bem como o foco da atividade comercial e cultural de um jovem império. Esta posição é reforçada com a chegada da Armada de Vasco da Gama, vinda da Índia e abrindo assim uma via marítima de comércio que provará ser bastante rentável.

Correlativo ao plano inicial de reordenamento do território e da cidade de Lisboa, ocorre a instauração da iniciativa urbana de Vila Nova de Andrade³. Datando ambos os planos de 1498, este novo empreendimento não surge como fenómeno particular, mas sim como elemento integrante das vastas estratégias urbanas levadas a cabo durante o reinado de D. Manuel.

As várias operações urbanas levadas a cabo, constituem uma lógica de desenvolvimento que concebe o espaço urbano como *“um todo homogéneo, funcional e significativo”* (Carita, 1990).

3 O nome remete para o seu fundador, Bartolomeu de Andrade, proprietário dos terrenos em que se vai implantar o novo bairro a seu mando.

Anterior à construção do ambicioso plano de Bartolomeu de Andrade, é determinado por ordem régia o abatimento de quaisquer olivais ainda existentes na área configurada pela Cerca Fernandina, cedendo assim espaço para construção, levando a uma consolidação da zona mais central da cidade. Fruto da operação é a Vila Nova da Oliveira onde se encontra hoje o Carmo, cujo desenho de quarteirão remete já para uma lógica regularizada e moderna.

“O Bairro Alto não é (...) a primeira experiência urbanística em termos da cidade moderna. Dentro das muralhas, (...) nasce a Vila Nova do Olival onde, embora em menor escala, se encontram os princípios ditados pelo Rei. Das cercas dos frades Trinos e do Carmo, vai nascer a partir de 1502 um pequeno bairro, na altura chamado Vila Nova do Olival ou da Oliveira, cuja imagem revela afinidade, tanto a nível urbanístico como arquitetónico, com o Bairro Alto”

(Carita, 1990)

A experiência, pela sua base normalizada tanto a nível do processo de loteamento como da normalização e regulamentação dos aspetos construtivos dos volumes arquitetónicos, constituirá um modelo para as seguintes urbanizações.

“O alinhamento continuo das fachadas dos edifícios, a largura das ruas, a recorrência quase sistemática a alvenaria de tijolo e pedra, as janelas de sacada de pedra de dois palmos constituem-se como pressupostos urbano-arquitetónicos ditados pelo Rei e que encontraremos, pouco tempo depois, sistematizados em maior escala, primeiro na Vila Nova de Andrade e posteriormenete no Bairro Alto de São Roque” .

(Carita, 1990)

Ao mesmo tempo que a cidade tende a espalhar-se para ocidente, com a Construção da Ribeira das Naus e o Bairro do Cata-Que-Faraz⁴, cresce a partir desta zona e em direção à Ermida de São Roque a Vila Nova de Andrade. Resultado das perspectivas comerciais, este novo bairro sofrerá um processo acelerado de aumento populacional e conseqüentemente um alargamento da sua dimensão.

A expansão da cidade para ocidente verifica-se numa lógica de Baixa e Alta, potenciada pela topografia. Na baixa, próximo das margens do Tejo localizam-se as infraestruturas portuárias e administrativas, enquanto que a “alta” se estabelece como zona habitacional.

Nasce então o Bairro Alto, ou Vila Nova de Andrade, complementarmente às vastas estratégias urbanas da Lisboa Manuelina e como testemunho da Lisboa dos Descobrimentos. Apesar de a origem do Bairro Alto remontar a 1498, o seu desenho geométrico datará de uns anos mais tarde, e por conseguinte se apontar a Vila Nova do Olival como a primeira experiência de desenho urbano moderno, com o Bairro Alto a aparecer depois como uma afirmação dos ideais modernos.

O Bairro Alto instalou-se num ambiente rural e de hortas suburbanas, fator que possibilitou a criação de um processo urbano de grande envergadura. O desenvolvimento do Bairro Alto executou-se em várias fases, devido a fatores económicos e sociais. A primeira fase, iniciada em 1498 diz respeito ao plano urbanístico, elaborado por Bartolomeu de Andrade, para duas herdades que adquire de Luis de Atouguia. Será a existência destas duas vastas propriedades, e o facto de se encontrarem na posse de uma só pessoa, que viabilizará a realização, no séc. XVI, de uma das mais abrangentes operações imobiliárias em Lisboa, dotada de uma lógica de conjunto pioneira no ordenamento do espaço urbano.

4 Zona referente ao actual Cais do Sodré.

“A divisão em talhões uniformes permitiu a aplicação de uma extensa malha ortogonal (...) e a definição de lotes tipo e de regras uniformes de construção. A proibição do uso de varandas salientes à maneira das tradicionais fachadas de ressalto medievais e a normalização das cérceas e da planimetria das fachadas foi determinante para a uniformidade do conjunto, apesar da diversidade de tipologias habitacionais que vieram a instalar-se” .

(Calado e Ferreira, 1992)

Este plano inseria-se assim nas reformas urbanas promovidas pela Provedoria de Obras Reais para a Ribeira e para o Centro. A exatidão do plano é demonstrada pela proporção dos lotes propostos – “...doze braças de comprimento e seis de largo...” , ou seja um duplo quadrado.

Estamos perante um axiomático cenário de racionalidade métrica e de conceptualização abstrata do traçado, que se apoia num módulo geométrico, afastando-se da urbanística medieval baseada no modelo linear de rua com travessas.



5. É evidente a diferença entre a cidade de desenho medieval e a expansão para ponte que se adivinha no lado esquerda da gravura.

“Se não temos aquele desenho de régua e esquadro da Baixa Pombalina, com suas ruas paralelas ou perpendiculares, temos um traçado geométrico. O contraste com a generalidade da restante cidade é flagrante” .

(Custódio, 1994)

A Vila Nova de Andrade começa então como um pequeno núcleo organizado que subia do rio até às portas de Santa Catarina, ainda que com o terramoto e os planos pombalinos se tenha alterado substancialmente. Tratando-se de um período de transição em termos de desenho urbano, esta zona apresentava algumas afinidades com o modelo medieval, perceptível nos longos quarteirões que a definem.

A segunda fase de expansão do Bairro Alto que se dará a partir de 1513, será muito mais próxima do módulo geométrico proposto, e estender-se-á para norte atingindo o Alto de S. Roque. É notável o emprego disseminado de lógicas urbanas da cidade moderna, que se irão consolidar nesta altura e cimentar a posição de Lisboa como uma cidade moderna e evoluída.

“Nesta nova cidade, edificada de novo, no bairro alto, cheios de gente nobre e fidalgos ilustres; os valados toscos se trocaram em formosas ruas; o campo se fez cidade, o monte se converteu em corte e o sítio deserto se viu mudado em copiosa povoação, de sorte, que representa hoje aquele bairro huma bastante cidade...” .

(Teles, 1647)

A terceira fase de construção do Bairro Alto será impulsionada pela instalação da Companhia de Jesus no local. Em 1553, os Jesuítas instalam-se na Ermida de São Roque e como resultado do desenvolvimento do complexo religioso e da influência social da ordem, inicia-se a expansão para norte do projeto urbano da zona ocidental da cidade que passa a denominar-se Bairro Alto de São Roque.

No seguimento do plano existente, esta nova vaga de ocupação do território insere-se nas lógicas do desenho urbano das fases anteriores, consolidando assim a expansão da cidade para ocidente. Embora os jesuítas não tenham desempenhado um papel proactivo no projeto da expansão do Bairro Alto, terá sido o prestígio e forte dinamismo da ordem religiosa a desempenhar um papel fulcral na atracção de *“...membros da nobreza que passaram a construir os seus palácios na parte norte, agora identificada por Bairro Alto de São Roque”* . (Carita, 1990)

A abundância de igrejas e conventos, servindo de enquadramento, e estabelecendo pólos de agregação e enriquecimento do local contribuem igualmente para o processo de nobilitação do Bairro.

As qualidades do espaço urbano são também de salientar. O Bairro, implantado num planalto inclinado para Sul resultaria num espaço de grande salubridade. A topografia proporcionava um vento dominante de Norte, que se entendia ser saudável, talvez por provir do campo. Também o relevo relativamente uniforme, com pendente para sul, em direção ao rio, servia para limpar os arruamentos com a chuva. O Bairro era portanto, naturalmente um espaço limpo. Igualmente, a largura das ruas interessava à nobreza e alta burguesia, tendo em conta que Lisboa sofria de um grave problema de trânsito, causado pelas ruas estreitas, pelo que a introdução do coche irá cimentar a qualidades das vias do bairro em detrimento das demais pela facilidade de acesso.

A permanência espanhola em Portugal vem decerto influenciar o desenho da arquitetura. A inexistência quase total de ornamentos nas fachadas, mesmo nas casas nobres, terá dado ao bairro uma imagem ao gosto austero do Escorial⁵, talvez até mais latente que o maneirismo italiano (Carita, 1990). A arquitetura pombalina encontrará nesta tendência a base do desenho dos seus objetos.



6. Diferentes fases de desenvolvimento urbano da Vila Nova de Andrade e do Bairro Alto. É sublinhada a importância da implantação conventual no local. Peça executada por Hélder Carita com base nos levantamentos de João Nunes Tinoco (1650) e José Valentin de Freitas (séc. XVIII).

5 O Mosteiro do Escorial é um grande complexo que alberga para além das funções monásticas, palácio, museu e biblioteca. Tendo a obra sido iniciada em 1563, é possível estabelecer paralelismos estilísticos com o Bairro Alto.

De forma semelhante ao estilo espanhol da época, o portal será mesmo o único elemento a caracterizar a casa senhorial e a distingui-la de outras edificações. A construção erudita, seguindo a sobriedade do desenho das fachadas do período maneirista integra-se assim na perfeição no conjunto edificado.

A evolução urbana e social do Bairro Alto é, no séc. XVII e XVIII, assinalada por uma ocupação crescentemente burguesa e aristocrática com edificações de matriz erudita. Concomitantemente, o casario de origem vernacular, própria de habitações de uma população fortemente relacionada com a actividade marítima, permanece dialeticamente relacionado com a malha urbana pré-existente.

“Fica toda esta grande povoação fora dos muros de Lisboa(...). He este bairro, senão o mais frequentado, ao menos o mais gabado; as casarias mui nobres, a obra de arquitetura romana e de traça moderna; o sítio o mais alto da cidade, mais descoberto ao Norte, mais lavado dos ventos e mais purificado nos ares, e como as chuvas tem tanto corrente para o mar fica todo mui limpo e sadio, e fora dos incómodos, que nas mais partes da cidade se padecem, as ruas são mui largas, e mui bem lançadas, e de todas a mais fermosa, a mais alegre, e por próprio nome a rua larga, he a que leva à igreja de Sam Roque e a Casa da Companhia, a quem se deve o grande augmento que neste sitio teve a cidade de Lisboa, de sorte que não havendo ali dantes mais que uma pequena ermida, e três ou quatro casas térreas, hoje se ve uma tam grande povoaçam, com que tanto se acrescentou a cidade de Lisboa...”

(Teles, 1647)

2.2 ESTADO DO LUGAR NA CIDADE

Avaliando a implantação industrial no Bairro Alto, é imediata a identificação da singularidade da Fábrica Cometna a Oeste do Bairro Alto. Esta, juntamente com os espaços e edifícios na sua envolvente configuram a pedra de toque deste projeto. O Lugar apresenta a situação particular de existência simultânea de edifícios de carácter nobre e uma unidade fabril de grandes dimensões num só quarteirão. Importa agora analisar a história destas construções, de forma a melhor se sustentar as decisões de projeto.

O primeiro edifício a implantar-se no local é o Palácio Pombal, inicialmente denominado Palácio dos Carvalhos. Reminiscente da origem rural do Bairro Alto, o palácio era a peça principal de uma grande propriedade, o Morgado da Rua Formosa, com campos de cultivo a poente e norte do palácio. Mandado construir na segunda metade do séc. XVII, o edifício sobrevive ao Terramoto de 1755 e sofre novas obras de expansão e dignificação aquando da subida de Sebastião José de Carvalho e Melo a Marquês de Pombal. O complexo é formado pela casa principal a Este, com uma grande frente para a Rua Formosa, e pelos anexos a Norte. Ligando os dois volumes, encontra-se uma fachada-cenário, que esconde um pátio de acesso aos vários edifícios. É também defronte desta fachada, que se desenvolve uma praça, semicircular, com um chafariz, obra de Carlos Mardel. De forma aproximadamente simétrica, é desenhado outra praça semicircular onde a rampa da Rua João Pereira da Rosa encontra a Rua Formosa ou de O século, defronte do jornal do mesmo nome.

Outrora um grande complexo formado por diversos edifícios, o conjunto apresenta-se atualmente fracionado em várias partes. O edifício principal, terá albergado diversas funções durante o séc. XX, nomeadamente escritórios de empresas e delegações diplomáticas sendo hoje propriedade da Câmara Municipal de Lisboa.

O corpo que se encontra junto do cruzamento entre a Rua de O Século e a Rua da Academia das Ciências terá sido transformado num atelier de arquitetura e encontra-se fechado. Instala-se, em 1995, no edifício a Noroeste onde se localizavam as cavalariças e cozinhas, a Escola Superior de Dança tendo já este espaço sido ocupado pelos escritórios da Cometna. Este é o corpo que mais alterações sofreu, restando apenas alguns espaços originais. Terá existido também um corpo a sul da casa principal, que foi demolida para dar lugar a um novo edifício do Jornal O Século. A conectar todos os elementos deste grande complexo, estava um vasto jardim, que se desenvolvia em duas plataformas, com alguns espaços escavados na muralha que sustenta a parte superior do jardim.

A sul do Palácio Pombal, surge no séc. XVIII o Palácio dos Viscondes de Lançada, onde se viria a instalar o jornal O Século. A evolução cronológica dos dois edifícios que compõem atualmente o Ministério do Ambiente, encontra-se no subcapítulo referente ao Jornal O Século.

No início do séc. XX, instala-se no patamar inferior do jardim do Palácio Pombal, uma fábrica de moldes da Cometna. Inicialmente formada por um conjunto de pequenos edifícios em madeira é depois construído um longo edifício em betão com 3 naves, sendo que as duas naves exteriores têm dois pisos e a nave central dispõe da altura completa do edifício.

Por fim, o local de intervenção completa-se com o vasto terreno a poente, que será o alvo principal do projeto, pelo seu carácter expectante, numa zona da cidade já bastante consolidada. Resquícios do passado rural do Bairro Alto, estes seriam terrenos de cultivo do Convento de Jesus e do Convento dos Paulistas, tendo sido parcialmente ocupados pelo Liceu Passos Manuel no início do séc. XX e por um pavilhão desportivo, do arquiteto Victor Mestre, em 2010. Este espaço, implantando-se entre três edifícios de grande escala, a fábrica já referida: O Convento de Jesus (atualmente Academia das Ciências) e o Liceu Passos Manuel; representa uma grande oportunidade de intervenção capaz de influenciar a vida urbana do Bairro Alto.

2.3 ARQUITETURA E URBANISMO

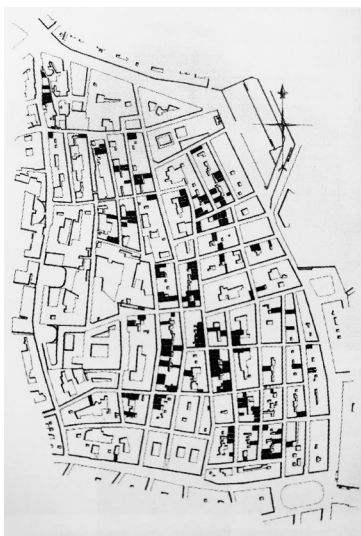
Entre a arquitetura erudita dos monumentos e a rural, o Bairro Alto apresenta uma arquitetura urbana de assinalada unidade. Enquanto o plano do Bairro apresenta afinidades com as reformas da Lisboa Manuelina, a sua arquitetura, vincadamente urbana, pode ser atribuída ao trabalho da Provedoria das Obras Reais.

A Provedoria de Obras Reais, fundada com a missão de dotar esta cidade portuguesa de uma superior uniformidade e coerência formal, irá suportar-se em ideais modernos de ordem, razão e funcionalidade com vista a produzir a nova imagem da “cabeça do reino” ⁶. O contributo da Provedoria nasce da visão progressista de António Carneiro, que ciente da relevância basilar da arquitetura e do urbanismo como dispositivo de convergência e consolidação do poder real, irá, juntamente com um grupo de intelectuais, comerciantes e funcionários da Casa Real de *“sólida formação científica centrada nas ciências náuticas”* (Carita, 1990) elaborar normas e estratégias reguladoras de qualquer construção.

“...o Bairro Alto afirma-se como uma antítese ao urbanismo medieval.”

(Carita, 1990)

Este novo desenho de cidade nasce por oposição á cidade medieval, cujo emaranhado de ruas testemunhava a herança da tradição islâmica. Enquanto a lógica medieval de construção de cidade se baseava no modelo de “rua-travessa” ⁷, o Bairro Alto posiciona o quarteirão – retangular e com uma proporção aproximada ao de um duplo quadrado com 30 por 60 palmos - como o módulo gerador do traçado urbano.



7. (em cima) Planta do Bairro Alto com indicação a negro dos edifícios dos séc. XVI-XVII .

6 Expressão referente à capital do império

7 Modelo urbano composto por uma rua principal, a rua direita e travessas, ruas secundárias que emergem da principal.

Tal como o emaranhado de ruas da Lisboa medieval é consequência da ocupação islâmica no território português, podemos encontrar afinidades entre o plano do Bairro Alto, renascentista por excelência, com o desenho urbano proposto para os novos assentamentos urbanos da Roma antiga. O plano era estruturado por dois eixos principais – o Decumanus Maximus, que se desenvolvia no sentido Este-Oeste, e o Cardus, no sentido Norte-Sul. A partir destas ruas principais era criada uma matriz viária de ruas paralelas e perpendiculares resultando numa quadrícula já explorada pelos gregos, inicialmente com o plano para a cidade de Mileto, e depois outras.

Analisando a estrutura viária do Bairro Alto é possível identificar duas ruas que o atravessam e conectam as suas diferentes faces, nomeadamente a Rua da Rosa, a única rua que atravessa por completo o Bairro Alto no sentido Norte-Sul, sensivelmente centrada, e formando, pode afirmar-se, o Cardo do Bairro. Esta, forma uma ligação direta entre a Rua D. Pedro V e o Largo do Calhariz através do bairro. No sentido Este-Oeste, na função de Decumano, podemos identificar um conjunto de vias – a Travessa da Queimada, a Travessa dos Inglesinhos e a Rua João Pereira da Rosa, que só não alinham devido a uma ligeira inflexão no encontro com a Rua da Rosa, fruto, porventura, de alguma irregularidade topográfica ou de demarcação das vias.

Estas, por sua vez, são responsáveis por conectar o Largo Trindade Coelho, defronte da igreja de São Roque, com a praça semi-circular em frente as antigas instalações do Jornal O Século.

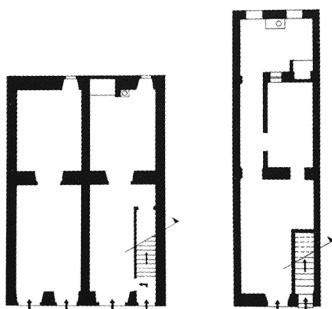
Este último atravessamento, torna-se fulcral na ligação do local de trabalho ao interior do Bairro Alto. A vontade de abertura do interior de quarteirão do local de projeto e a criação de um espaço público qualificado aliado a este atravessamento procura conectar o exíguo espaço urbano no interior do Bairro a esta nova praça.



8. (em cima) Plano para a cidade de Timgad, na Algéria, erigida aquando da ocupação do império romano.

Também a construção se constituirá como diametralmente oposta aquela realizada até então, herdada da Idade Média. A Provedoria de Obras Reais vai determinar a normalização e regulamentação da arquitetura do Bairro. Ao invés da estrutura de madeira, os novos edifícios foram construídos em alvenaria de pedra e cal. Cunhais em pedra foram igualmente empregues de forma a reforçar as construções.

Da mesma forma que o sistema construtivo, também o desenho dos vãos é determinado pela Provedoria. As janelas de sacada obedecem à mesma proporção que é aplicada aos lotes – o duplo quadrado – com 5x10 palmos, ao passo que as janelas de peito irão manifestar métricas retangulares ou quadradas. A estandardização dos vãos advém da necessidade de os tornar adequados à resistência das paredes, inclusive o tamanho das molduras de pedra das janelas que apresentam a largura de um palmo e a profundidade de palmo e meio. Por fim, também as varandas e saliências das paredes serão alvo de regulamentação.



Os edifícios do Bairro Alto, pioneiros na aplicação das regras impostas pela Provedoria, servirão de modelo arquitetónico, e as varandas de sacada em pedra, de palmo e meio tornar-se-ão os elemento característicos da arquitetura do séc. XVII e XVIII em todo o território nacional. A medida do palmo e meio irá alastrar-se a qualquer saliência ou recuo no plano da fachada, tendo o último que alinhar com os edifícios à ilharga deste, promovendo a continuidade das fachadas construídas em paralelo.

A formulação de uma arquitetura de pendor racional e desenho austero, estabelece uma matriz resistente às alterações estilísticas dotando o Bairro Alto de uma manifesta coerência e unidade estética.

9. (em cima) Planta exemplificativa do piso térreo dos edifícios dos séc. XVI-XVII.

10. (ao centro) Típico prédio do séc. XVI, localizado na Rua da Atalaia.



Eigentliche Vorstellung des grausamen Erbebens, so die Königl. Haupt und Residenz Stadt Lissabon in Portugall betroffen, fast gänzlich verwüstet und zu einem Stein-Haufen gemacht. Solches geschah den 1. November 1755. an Allerheiligen vormittag um 10. Uhr da das meiste Volk in den Kirchen versamlet war, und eine hefftige Feuers Drunst machte den sturz der Paläste und Häuser noch gräßlicher und viele 1000. Menschen, fanden unter den fallenden Häuser und Steinen ihr Grab. Das wütheten der zerquetschet und das weichen der Kinder und verlassen war so erbärmlich, daß es mit keiner Feder fast zu beschreiben ist, daß wüthete unter den publicquen Gebäuden haben gelitten. Der Königl. Palast N:1. Die Mauer 2. und die Gegend des Schiffes Platzes 3. Erquickworts weiß haben die Portugesen, vor Zeiten pflegen zu sagen, wenn Gott lieb hab dem geb er in Lissabon ein Haus. Wälen Gott sie, wie alle Menschen, durch die Erdbeben warnet seine Macht und Gewalt zu erweisen. Duff zu thun und ein frohres Leben zu führen, welches Gott uns allen durch seine Gnade verleihen wolle.

Frz. Buchler. scul. Erben. excud. 17.

2.4 TERRAMOTO E RECONSTRUÇÃO

O Terramoto de 1 de Novembro de 1755 deixa o Bairro Alto praticamente ileso. Somente as construções limítrofes, a Sul e Nascente, experienciaram o efeito da catástrofe e do incêndio. Eventualmente, pelo facto deste bairro apresentar já, em termos gerais, a geometria ortogonal proposta para o plano pombalino, não é visado nos planos de reconstrução da cidade. O Bairro Alto, “...cidade duplamente resgatada do passado...” (Araújo et. al., 2012) é, simultaneamente, cidade que sobreviveu incólume ao Terramoto e, cidade onde se encontram demonstrados os valores que o novo plano resgata.

O desenho urbano que é apresentado pelo plano pombalino para o local contempla apenas as áreas afetadas do Bairro, isto é, os seus limites, tendo como efeito a criação de uma ilha urbana. A volumetria das novas edificações implantadas na fronteira do Bairro Alto vem “adquirir uma escala de monumentalidade que se estrutura como muralha de envolvimento da malha interior do bairro” (Carita, 1990). O “muralhar do Bairro” é o exacerbar de uma identidade urbana que se manterá como imagem do passado enquanto objetos arquitetónicos concebidos para a fronteira do Bairro o envolvem por uma nova imagem de cidade, que virando as costas ao Bairro se abre sobre a urbe.

A estrutura social do Bairro Alto é também abalada pelo Terramoto com a partida da Corte para a Ajuda. A nobreza, seguindo o exemplo, tende então a procurar terras seguras, deixando, assim, vários palácios que passam a ser ocupados pela alta burguesia ou adquirindo funções completamente diferentes da original.

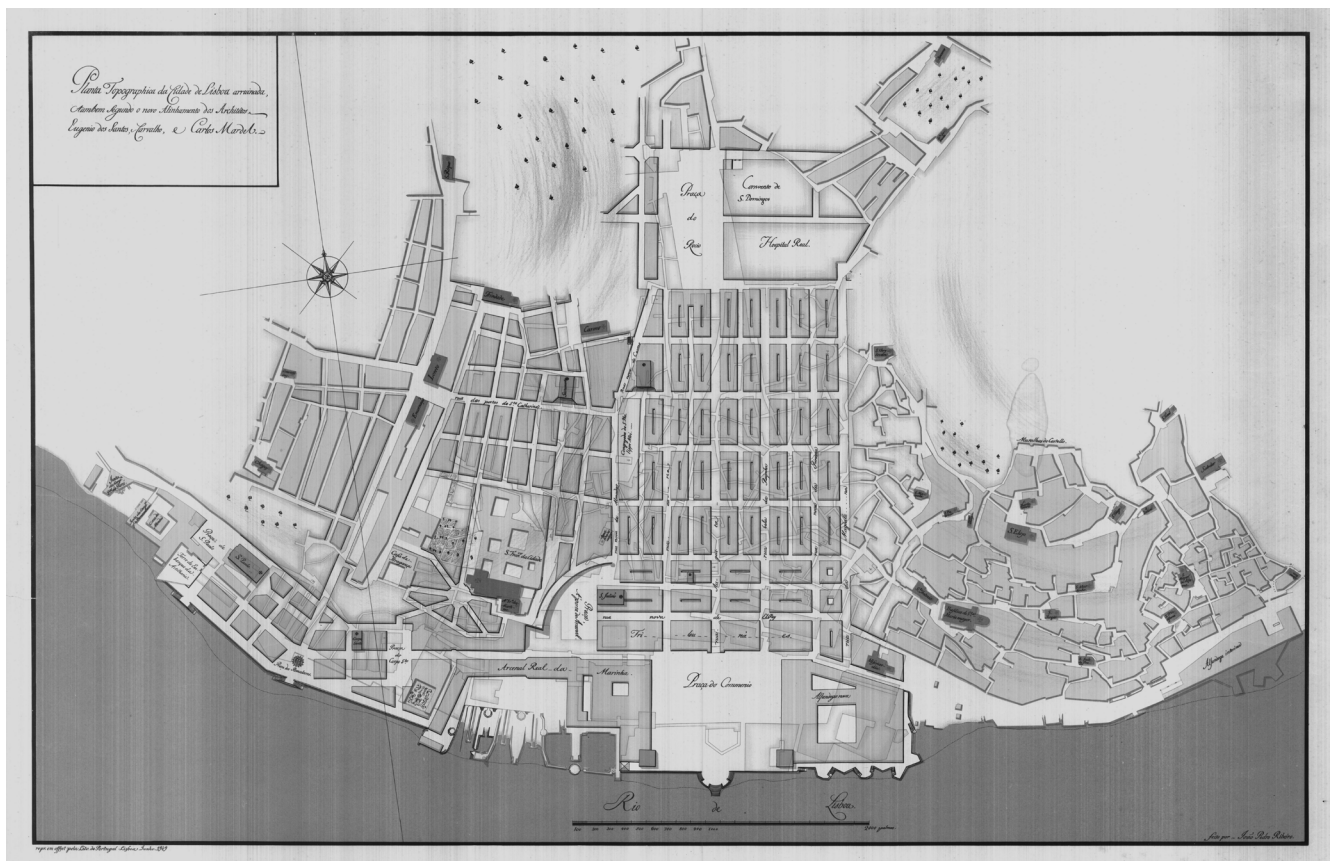
11.(páginaoposta)Representação do terramoto que assolou a cidade de Lisboa em 1755.

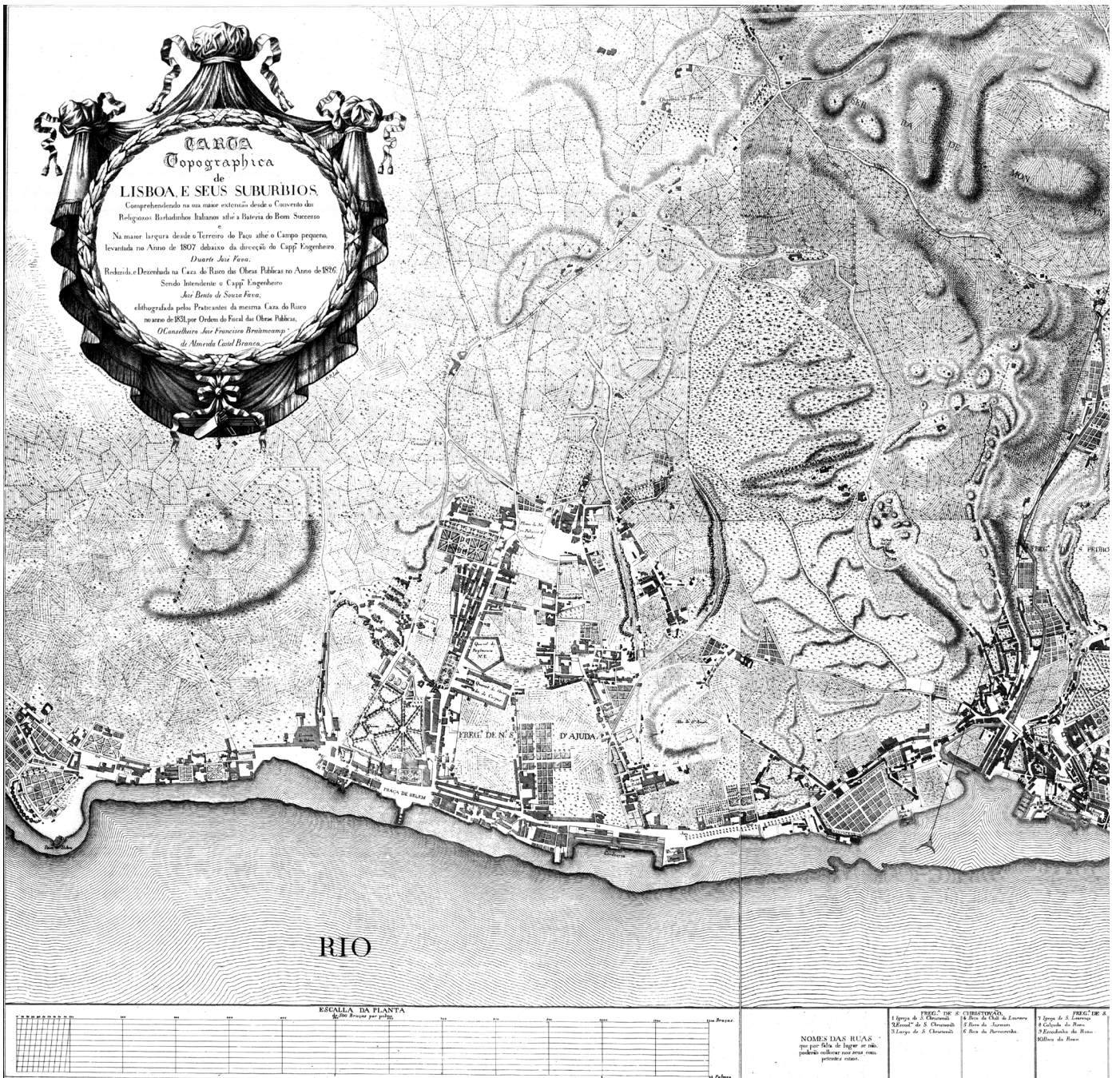
Independentemente do facto de o interior do Bairro ser palco de uma particular decadência social, o seu limite, com as obras públicas levadas a cabo, cimenta a sua posição enquanto zona de elevado valor social.

A introdução de novos espaços públicos, e a consolidação das artérias limítrofes do Bairro que os conectam, constituem locais de polarização das classes sociais mais altas e o reforço dos limites insulares do Bairro. Começando pela praça Luís de Camões - construída no local do devoluto Palácio dos Marialva - constitui-se como uma dilatação do espaço público e de transição com o Chiado. A nascente, o Largo de São Roque, reabilitado, e o novo Miradouro de São Pedro de Alcântara assistem ao aparecimento de vários palácios nas suas proximidades. A Rua do Moinho de Vento, alargada e renomeada Rua D. Pedro V faz o acesso desde o Miradouro á nova Praça do Príncipe Real. Finalmente, a Rua Formosa, atualmente "de O Século" , enaltecida pelas recentes praças encomendadas pelo Marquês para a zona defronte do seu próprio Palácio, faz a ligação da Calçada do Combro á nova de expansão da cidade, junto do Colégio dos Nobres. Está assim completo o círculo da transformação Pombalina nas frentes do Bairro.

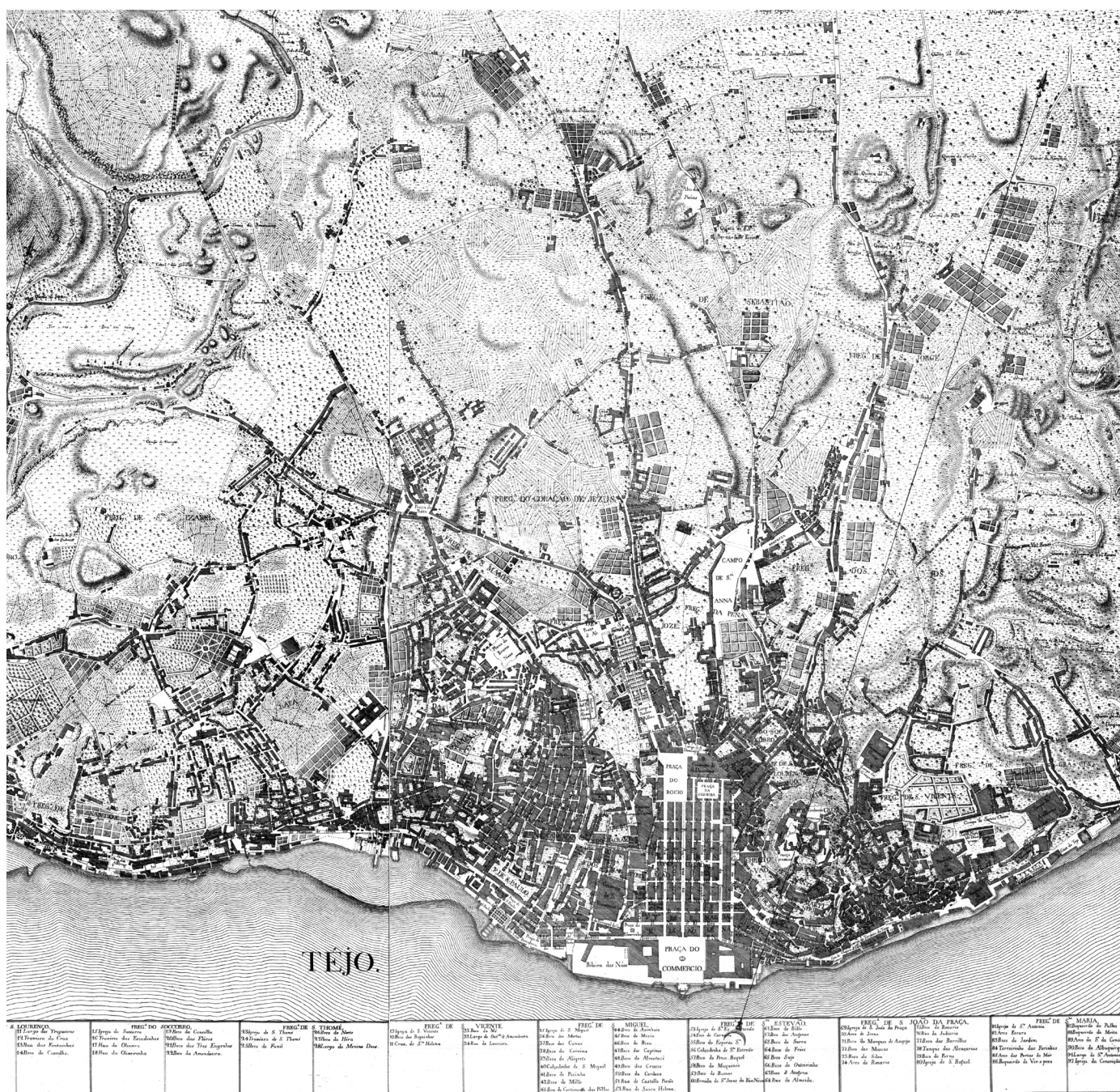
A cidade, que paulatinamente recupera a sua população, e confrontada com o problema da falta de habitação levará á densificação da construção no interior do Bairro. Os edifícios originais de dois pisos crescem em altura com incrementos sucessivos de pisos possibilitados pela estrutura construtiva de gaiola, verificando-se ainda o aproveitamento das águas furtadas para habitação.

12. (página oposta) Sobreposição do Plano da Baixa de Carlos Mardel e Marquês de Pombal com a malha urbana anterior ao terramoto.





13. Carta Topográfica de 1807 denotando o crescimento da cidade, nomeadamanete para poente e ao longo do rio.



2.5 BAIRRO ALTO – CAPITAL DO PERIODISMO

Simultaneamente á perda de carácter aristocrático do Bairro Alto, dá-se o alvor da instalação de uma nova vivência. Vitima da sua centralidade, o Bairro vai, a partir do final do séc. XVIII, ser o local de eleição para intelectuais e artistas.

“Uma vivência que fazia jus à posição singular do bairro entre o passado e o futuro, e que o colocaria, desde então, no imaginário de Lisboa, como uma espécie de ilha. Uma ilha completamente urbana que era, e continua a ser, ao mesmo tempo, antiga e moderna, central e periférica, aristocrática e popular.”

(Araújo, 1990)

O abandono das grandes casas aristocratas durante a segunda metade do séc. XVIII e XIX, aliado ao fenómeno do Periodismo resultou na ocupação destes espaços por parte dos grandes jornais da época. A adequação morfológica dos Palácios a esta nova tipologia contribui para uma organização axiomática das diferentes funções nos espaços existentes. As administrações e redações tendem a localizar-se nos pisos nobres, ao passo que as cocheiras e cavalariças, pelas suas dimensões e acessibilidades são ocupadas pelas tipografias e oficinas de composição.

A profusão de jornais no bairro intensifica-se com a mudança de século e durante a primeira metade da nova centúria mantém o vigor e vitalidade cultural. O Bairro Alto, dos Descobrimentos, do Povo e da Aristocracia é por conseguinte, também o bairro dos jornais, a capital portuguesa da Imprensa.

Invadido por jornalistas, livreiros, políticos, intelectuais, artistas e arduas, o Bairro Alto testemunha uma renovação na sua vida quotidiana, fomentada pela radicação de uma intensa e boémia vida noturna, que permanece até á actualidade.

Conserva-se, todavia, o equilíbrio social e a coexistência com o pequeno comércio e artífices.

A instauração da Ditadura Militar e a institucionalização da censura leva muitos jornais, ressentindo o corte de liberdade de imprensa, a fechar portas. Perdendo o vigor social e cultural da 1ª República, o Bairro Alto permaneceu, ainda assim, como um pólo fundamental da imprensa escrita.

Porém, presentemente, resultado do desenvolvimento tecnológico da imprensa no final do séc. XX e da necessidade de melhores acessibilidades às tipografias e de novas e modernas instalações, assiste-se ao desaparecimento dos restantes jornais do Bairro. Sobrevive apenas, atualmente, no interior do Bairro Alto, a redação do jornal A Bola.

O término do Estado Novo introduz uma nova dinâmica social no Bairro Alto. Da existência simultânea de discotecas e bares, tascas, casas de fado, redações e tipografias de jornais, transparece uma atmosfera de modernidade e criatividade. A democratização e massificação do “sair á noite” nos anos noventa tem como corolário o aparecimento de novos bares, galerias e lojas com públicos-alvo distintos que coexistem no estreito emaranhado de ruas do Bairro. Do mesmo processo de intensificação da vida noturna, aliado ao clima favorável de Lisboa, processa-se o fenómeno da ocupação humana do espaço publico em detrimento da permanência no interior dos estabelecimentos. Assiste-se assim a uma ocupação do espaço publico mais intensa durante a noite.



“Não gosto de voltar aos sítios onde fui feliz. E o Bairro Alto está repleto dessas memórias que fizeram de mim o que sou, ou melhor, o que fui. Os jornais estavam ali quase todos, pelo menos os mais importantes. E a comunidade jornalística, pequena mas cercada por essa espécie de afecto, só conhecida dos jornalistas. Trabalhei, na zona, em três deles, O Século, República e Diário Popular. Nenhum deles existe. E, às vezes, na Rua Luz Soriano, onde morava também o Diário de Lisboa, observava da janela do Popular, passar o Artur Portela, que regressava a casa, vindo dos escritórios do Coliseu, onde arredondava a conta ao fim do mês, nos escritórios do Ricardo Covões, republicano e homem de tertúlias. O bairro dos jornais. Durante anos, muitos anos, deixei de frequentar aquelas ruas. Soube que as máquinas de impressão haviam sido vendidas ao desbarato. E, certa tarde, fui ao jornal A Bola, gravar uma entrevista melancólica sobre os “meus” tempos. Saí do bairro, calafetado por proibições, e não mais lá voltei” .

(Batista Bastos, 2017)

14. (página oposta, em cima)
Fotografia do jornal A República, na Rua de São Roque, actual Rua da Misericórdia.
15. (página oposta, ao centro)
Fotografia do jornal O Mundo, na Rua de São Roque.
16. (página oposta, em baixo)
Redação do jornal Diário de Notícias, ilustrando ambiente destes novos espaços.
17. Fotografia da tipografia do Diário Popular durante durante a impressão do seu último jornal.







18. (pág. oposta) Fotografia do jornal O Século, na Rua Formosa, actual rua do mesmo nome. De notar a entrada para o “Bairro do Século” á direita.

19. (em cima) Importa sublinhar o afastamento entre o Palácio Pombal e o Palácio Viscondes de Lançada.

20. (ao centro) Entrada do jornal O Século.

21. (em baixo) Rua de O Século com o Palácio Pombal em primeiro plano e o novo volume do Jornal O Século ao fundo.

2.5.1 JORNAL O SÉCULO

Um dos jornais que viria a ocupar um palácio desocupado pelo êxodo da nobreza para o campo a ocidente é o Jornal O Século, que se instala no Palácio dos Viscondes de Lançada em 1881. Construído depois do terramoto de 1755, o palácio foi palco de diversas tertúlias, com a participação de nomes tão ilustres como Almeida Garrett, Júlio de Castilho ou Fontes Pereira de Melo. Esta viria a ser uma das mais proeminentes publicações periódicas do séc. XX em Portugal. O palácio é alvo de várias adaptações a este novo programa, com a transformação do piso térreo em oficinas de tipografia e dos pisos nobres em espaços de redação e administração. Também a capela do palácio, eventualmente pela escala do espaço, é transformada em casa de máquinas de impressão. No início do séc. XX são construídas extensões ao edifício original, com a construção de um volume nas traseiras do palácio em 1905, parcialmente ocupado pelo Bairro Operário de “O Século” e um volume a Norte - um notável exemplo da arquitetura eclética e do ferro do início do séc. XX, onde se implantava o volume sul do Palácio Pombal, .

De sublinhar a importância dos periódicos no perfil cultural do Bairro Alto, com o vestígio que nos chega aos dias de hoje na toponímia dos arruamentos do local. A Rua Formosa é renomeada Rua de O Século e a Rua dos Calafates passa a Rua do Jornal de Notícias, outro nome forte do periodismo português.

Tendo o jornal encerrado em 1979, o palácio e o edifício contíguo são actualmente ocupados pelo Ministério do Ambiente, tendo os pisos abaixo da cota de entrada sido transformados em espaços de estacionamento automóvel.

3. INDÚSTRIA E DESENVOLVIMENTO

De forma a compreender a implantação da fábrica da Cometna no interior de um quarteirão no Bairro Alto importa fazer uma análise do desenvolvimento industrial da cidade de Lisboa. A leitura do território e das lógicas de agregação industrial são igualmente essenciais ao entendimento das fixações das unidades industriais no interior do Bairro Alto e a sua relação com o grande pólo industrial do Aterro da Boavista.

O conceito de indústria é uma conceção que tem vindo a evoluir, a par dos avanços tecnológicos. O conceito atual de indústria cimentou-se com os processos produtivos e avanços tecnológicos da Revolução Industrial.

A origem da indústria, como modelo produtivo, remetenos para a Idade Média. A época medieval é comumente assinalada como de forte estagnação evolutiva. Porém, variadas são as inovações tecnológicas desta altura, que se devem á presença muçulmana em Portugal. Nesta altura, apenas um condado no norte da península, subsiste com base na agricultura, enquanto o comércio era já o principal motor económico dos Árabes. A influência muçulmana, aliando a satisfação de necessidades á imaginação criadora, não só adotou técnicas da antiguidade como provou ser inovadora em campos como a tecelagem, curtumes e cerâmica, indústrias que assistem assim a um crescimento na época.

A utilização da água e do vento como força motriz vêm substituir a madeira, até então o combustível por excelência e a matriz de praticamente todos os objetos domésticos artesanais e da construção.

No séc. XIV, assiste-se a uma regulamentação dos ofícios e organização dos mesterais⁸.

⁸ Um grupo de artesãos que se organizam entre si, com uma postura corporativista, profissional dos trabalhos mecanizados e artesanais.

O fenómeno do arruamento dos ofícios pode ser indicado como a primeira lógica de agregação industrial, dando origem a ruas específicas de cada serviço ou profissão, lógica que fica perpetuada na toponímia das cidades – Rua dos Ferreiros, dos Sapateiros, entre outros.

Os Descobrimentos trazem novo alento ao desenvolvimento tecnológico e proto-industrial das manufaturas. O estabelecimento de rotas comerciais com a Índia e o Brasil, assim como a necessidade de dispor de uma forte armada, impulsionam a construção naval. Lisboa torna-se assim um dos principais portos da Europa, tanto pelos produtos comercializados, como pelos barcos utilizados para o seu transporte, moldando assim a indústria portuguesa às novas necessidades.

Os estaleiros tratam-se portanto de manufaturas proto-industriais, onde é já possível identificar características da indústria de hoje. A Ribeira das Naus, o maior estaleiro do país, era um grande complexo de construção naval, que atingia a escala da organização industrial.

“Não se trata apenas de indústria, ou seja, um conjunto de procedimentos de transformação de matéria-prima com vista à produção de artefactos. Mas sim uma indústria que implica o condicionamento de espaços próprios adstritos a essa atividade, especialização de tarefas, sistema coordenado de distribuição de matérias-primas, recurso massivo a mão-de-obra, produção de larga escala, diferenciação de capital e trabalho. Características que numa conceptualização mais precisa e rigorosa da indústria assistem também à construção naval.”

(Custódio, 1994)

As solicitações da construção naval projetaram-se ao longo de um território nacional maioritariamente agrícola. Consequentemente, desenvolvem-se paralelamente à construção naval, diversas unidades manufactureiras proto-industriais como a tecelagem (fabrico das velas dos barcos), a tanoaria (armazenamento de produtos), a moagem

(fabrico de biscoito - alimento usado nas viagens) e por fim, da madeira, utilizada em praticamente todo o equipamento.

Após o Terramoto de 1755, surge com o Marquês de Pombal, uma política de fomento das atividades manufatureiras, de criação de companhias monopolistas e de protecionismo da burguesia detentora de unidades fabris e dos produtos nacionais. No entanto, a indústria nacional continua tecnologicamente atrasada em relação ao resto da europa, onde se começa a desenvolver a Revolução Industrial e a massificação da máquina a vapor.

A introdução da máquina a vapor em Portugal – com as altas chaminés de tijolo - só se processará com o Liberalismo e depois da Proclamação da Constituição e da Independência do Brasil, onde a maquina a vapor já havia chegado.

A máquina a vapor, sendo um indicador do grau de industrialização de uma sociedade, chega tarde a Portugal e não teve o mesmo peso que noutras economias. São ainda utilizadas técnicas que remontam á idade média, e com o ingresso do sexo feminino no corpo laboral, durante a Guerra Civil de 1828 a 1834, atrasa-se o investimento em maquinaria.



22. Fotografia retratando a afinidade estabelecida entre a indústria e rio.

3.1 A INDUSTRIALIZAÇÃO DA CIDADE

*"Nacidadeestáaindustria,naindustriaosaláριοenosaláριοconsumo"
(Custódio, 1994)*

A sociedade do séc. XIX vê a industrialização como o sentido para o processo, de Regeneração. O progresso era encarado como precursor de emancipação económica nacional.

"A expressão física desta ideia era o crescimento do número de fábricas, do crescimento do produto nacional ou da economia auto-sustentada; do trabalho para todos, da riqueza (mas também da alienação), do "bem-estar" repartido ou da modernidade no contexto das nações."

(Custódio, 1994)

O caminho férreo - com o primeiro troço inaugurado em 1856, entre Santa Apolónia e o Carregado - chega tarde a Portugal, mas promove o estabelecimento de novas indústrias ao seu redor. Tal como noutras economias, a ferrovia impõe a metalurgia como a nova peça-chave da industrialização. A associação do ferro com a máquina a vapor, sinalizam a modernidade, tornando-se verdadeiros ícones da revolução industrial.

O processo de industrialização de Lisboa, impulsionado pelas várias exposições industriais realizadas, que introduzem a problemática da máquina no processo produtivo, é o mais avançado do país.

A siderurgia introduz transformações significativas na sociedade, nomeadamente na arquitetura do ferro que irá paulatinamente substituir a arquitetura da pedra. O Palácio de Cristal de Londres, com um arquitetura de ferro e vidro, símbolo de modernidade e avanço tecnológico marca a universalização da maquinofatura

.O norte do país desenvolve-se industrialmente de forma mais acelerada, quando comparada com a região de Lisboa.

Só na década de 80 do séc. XIX irá Lisboa mostrar relevo a nível das exposições realizadas, com a difusão das exposições agrícolas.

Em 1888 Lisboa estava dividida em quatro grandes bairros, e *"em todos esses bairros se localizavam fábricas, mais ou menos mecanizadas, com sedimentações de várias épocas e diferentes etapas do processo manufatureiro e industrial moderno"* (Custódio, 1994), sinalizando a difusão da indústria pela cidade já no final do séc. XIX.

A implantação industrial no tecido urbano é, todavia, heterogénea. A presença fabril estava condicionada nas zonas mais centrais e consolidadas, particularmente nos bairros populacionais da Lisboa antiga.

As zonas mais consolidadas, particularmente bairros de génese mais antiga, condicionaram a presença fabril, em virtude da própria lógica de ocupação territorial. No entanto, simultaneamente às lojas, existem nestes locais diversas oficinas de artífices, e é também nestes bairros que se desenvolve o Periodismo, com a instalação de numerosos jornais e respetivas tipografias.

"A vida oficial do 2º Bairro não se baseava apenas nas fazendas e modas. Era aí e no 3º bairro que estavam concentradas as tipografias e as redações dos principais jornais, os fotógrafos e grande parte dos gravadores que as apoiavam."

(Custódio, 1994)

As grandes concentrações fabris localizam-se no primeiro e no quarto bairro, ambos de composição suburbana e remontando ao séc. XVIII. É a ocidente, para além do Vale de Alcântara, e a oriente, para além do vale de Chelas, que se vai impor esta nova cidade industrial, nomeadamente junta das margens do Rio Tejo. O assentamento industrial ao longo da margem Norte do Rio Tejo é decorrente do relevo histórico do papel do porto de Lisboa no comércio internacional desde a época dos Descobrimentos.

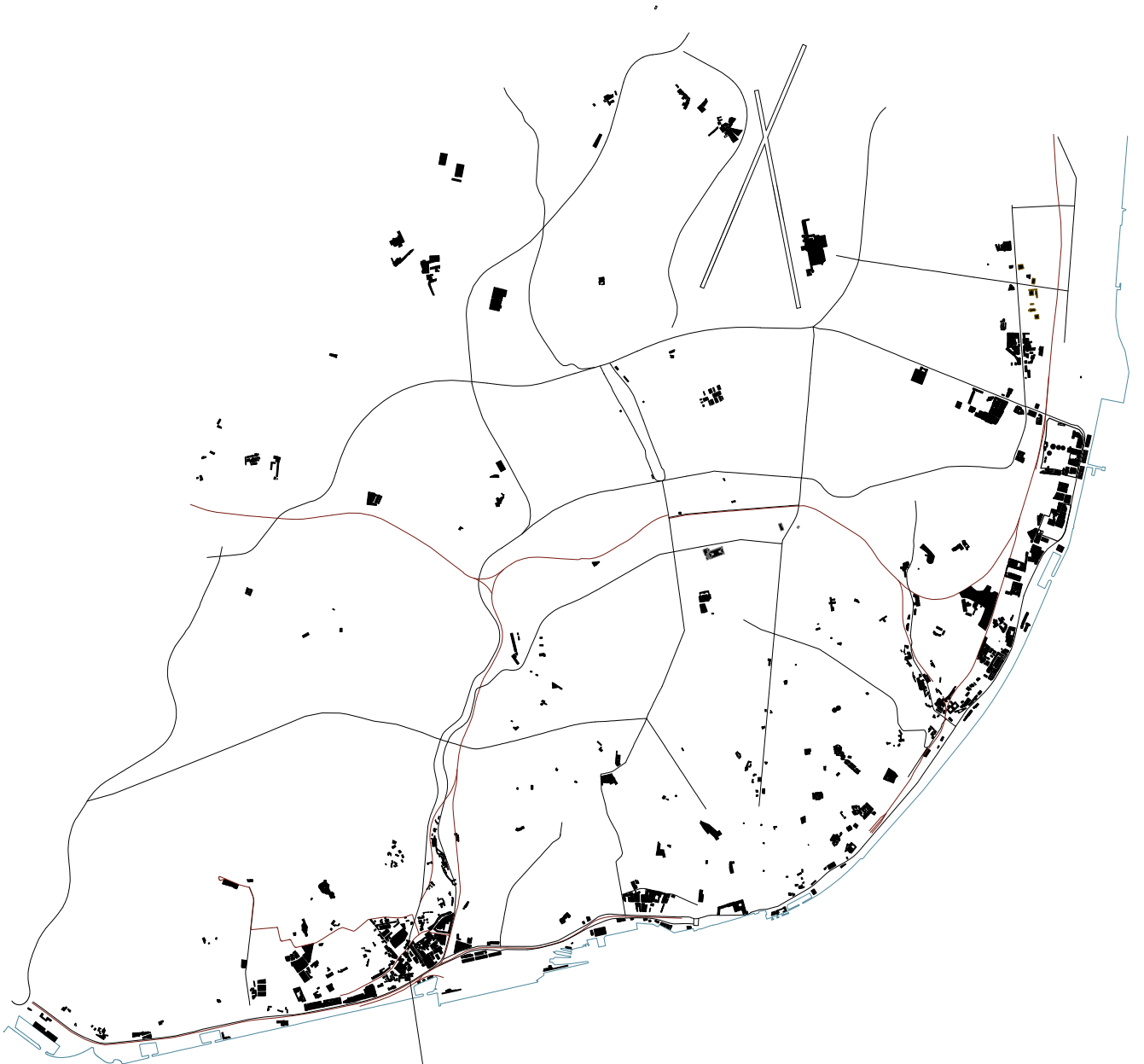
“Variadíssimos cais, de pedrouços e do Bom Sucesso, na zona ocidental, à quinta da Matinha, na parte oriental, apoiavam os diferentes fluxos comerciais, quer de bens agrícolas (que aportavam em Lisboa vindo das estradas e encruzilhadas fluviais), quer dos bens e combustíveis da Outra Banda (entre os quais os cereais e a farinha), quer dos produtos coloniais (numa política deliberada de desenvolvimento manufatureiro da metrópole), quer dos resultantes dos acordos internacionais.”

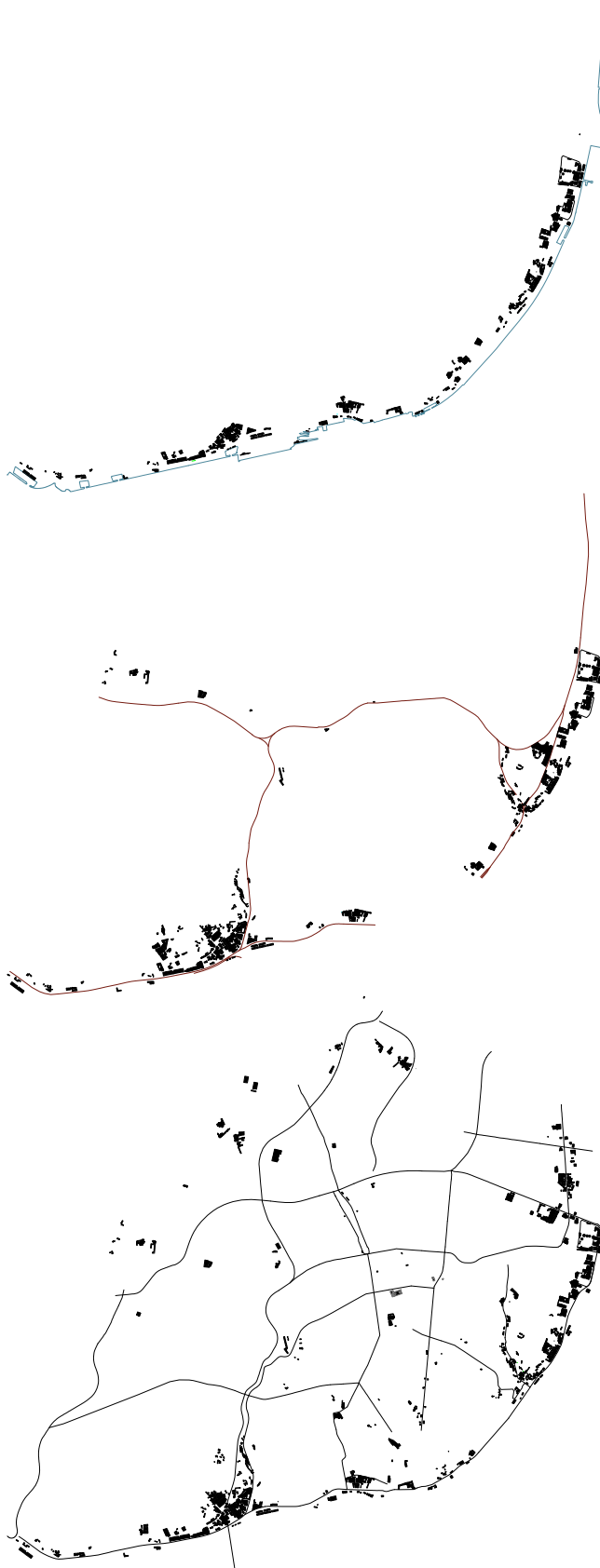
(Custódio, 1994)

A zona ribeirinha, como uma lógica *a priori*, funciona como uma condicionante à implantação de unidades fabris nas suas proximidades de forma a tirar partido das acessibilidades marítimas, do tráfego naval de pequenas e grandes embarcações. Numa relação de reciprocidade, as indústrias impulsionaram a construção do Porto de Lisboa. O novo porto, estendendo-se desde o Caneiro de Alcântara até Santa Apolónia, implicou a execução de várias empreitadas precedentes, entre as quais, a do Aterro da Boavista. Sobre este é executada uma fixação urbanizada de fábricas, constituindo-se como a zona industrial da Boavista.

Outro fator de polarização e concentração industrial foi o desenvolvimento da ferrovia. O seu aparecimento, tal como foi referido, em 1856, resulta na instalação de fábricas ao longo do eixo ferroviário. A construção da cintura ferroviária Alcântara – Xabregas com o seu término na estação Central do Rossio em 1890 e a Linha de Cascais em 1889 e estendendo-se até ao Cais do Sodré em 1895, produz o mesmo efeito de agregação industrial ao longo das novas linhas.

“Não oferece dúvidas a importância adquirida pelo caminho de ferro na localização preferencial (...), como espaço de fixação de novas unidades fabris, ou transferência de outras, depois de 1856.”
(Custódio, 1994)





23. (página oposta) Atlas Industrias de Lisboa -relação entre a implantação industrial e as infraestruturas de comunicação.
24. (em cima) Implantação Industrial ao longo do Rio, um dos primeiros factores de agregação industrial.
25. (ao centro) Implantação industrial em torno da ferrovia.
26. (em baixo) Implantação industrial ao longo da rede rodoviária.

3.2 INDÚSTRIA NO BAIRRO ALTO E ATERRO DA BOAVISTA

O Bairro Alto, fruto de um esforço concertado de desenho de um trecho de cidade no séc. XVI, implanta-se em terrenos agrícolas a ocidente do centro de Lisboa. Criado para dar resposta ao crescimento demográfico a que se assistiu ao longo da expansão ultramarina e pela proximidade geográfica e histórica que partilha com o Cais do Sodré, vê-se povoado sobretudo por trabalhadores da Ribeira das Naus, o grande motor económico e social de desenvolvimento do Bairro Alto, e de Lisboa em geral.

Servindo a população residente no local, despontam pelo Bairro alguns equipamentos industriais de ordem artesanal e mais tarde manufactureira que se inserem nas logicas de fomento industrial de manufaturas sobretudo após o terramoto de 1755, prolongando-se até aos primeiros decénios do séc. XIX. Pequenas lojas com respetivas oficinas, por vezes até conectadas com habitação no piso superior eram frequentes no Bairro Alto. É de notar que, pela proximidade que partilham com o local de intervenção, as indústrias de chapéus e lanifícios entretanto instaladas na Rua Formosa⁹ e próximo do Palácio Pombal pertencem a Jacome Ratton, também residente no local.

Em contraposição, o desenvolvimento industrial na cidade de Lisboa processa-se a partir de meados do séc. XIX. Surge, por esta altura, um bairro industrial (resultado da conjugação das indústrias das freguesias de S. Julião, S. paulo, N^a Senhora dos Mártires e Santos) definido pelos eixos da Rua da Boavista, de São Bento e posteriormente pela Av. 24 de Julho, sendo entre os dois últimos que, paulatinamente, se vão instalando novos conjuntos industriais.

9 Anterior denominação da actual Rua de O Século. É evidenciada a beleza do espaço urbano e circundante neste local pela toponímia. O Palácio Pombal ou dos Carvalhos apresenta-se como a casa principal do Morgado da Rua Formosa, uma grande propriedade agrícola.

Tendo o aterro da Boavista sido construído entre 1858 e 1865, este era um local que apresentava já variados estabelecimentos de índole fabril fruto da tradição histórica da Ribeira das Naus e da construção naval a ela associada. O bairro industrial da Boavista vai assim especializar-se no sector metalúrgico e na serralharia mecânica.

O aterro aparece como resposta a uma crescente economia dependente do comércio naval mas também por exigências médicas devido á insalubridade dos Boqueirões¹⁰ que se perfilavam neste local. Consistindo na regularização da linha de margem do rio, o aterro permitiu a construção de uma avenida marginal, a Av. 24 de Julho e a linha férrea (Cais do Sodré- Cascais), bem como a transformação dos boqueirões em travessas, assim enquadrando e regularizando a malha urbana em quarteirões alongados no sentido perpendicular á margem do rio.

A Fábrica de Gaz da Boavista, criada em 1847, funcionaria então como pólo agregador de uma grande massa industrial no local, consagrando-se o Bairro da Boavista como o bairro industrial por excelência da cidade de Lisboa, predecessor aos bairros periféricos.

Ao contrário da Boavista, a malha compacta e consolidada do Bairro Alto nunca se mostrou permeável á implantação de indústrias de considerável dimensão no seu interior, sendo os exemplos existentes, na sua grande maioria, fruto de adaptações de espaços existentes ou ocupação de espaços intersticiais nos quarteirões.

Tal como referido, a nova ordem industrial que se instala no Bairro Alto é resultado do advento do Periodismo – as tipografias. Estas ocupam espaços oficinais já existentes, mas sobretudo, os pisos térreos das casas apalaçadas, vagadas após o terramoto.

¹⁰ Canais perpendiculares ao rio que permitiam o acesso das matérias primas ás unidades industriais, habitualmente povoados por resíduos das mesmas.



27. Fotografia que mostra a dualidade entre a indústria no aterro e o casario tradicional de Lisboa em direcção a Santa Catarina

3.3 DESINDUSTRIALIZAÇÃO DO CENTRO URBANO

São vários os fatores a contribuir para um gradual processo de desindustrialização dos centros urbanos e a realocação de indústrias nas periferias.

Desde o séc.XVI que são conhecidas as posições tomadas por parte da Câmara de Lisboa em relação a implantação de algumas indústrias em locais urbanos e sobretudo próximos de grandes conjuntos habitacionais. A indústria da pólvora, pela sua evidente perigosidade, foi das primeiras a ser condicionada na sua localização.

O advento da medicina, em meados do séc. XIX, assim como a noção de salubridade pública, serão os grandes impulsionadores do afastamento das fábricas dos centros urbanos. O processo de mecanização das indústrias, pela perigosidade de explosão de máquinas e a necessidade de espaço, são outros fatores a contribuir para a ocupação de terrenos livres nas periferias das cidades.

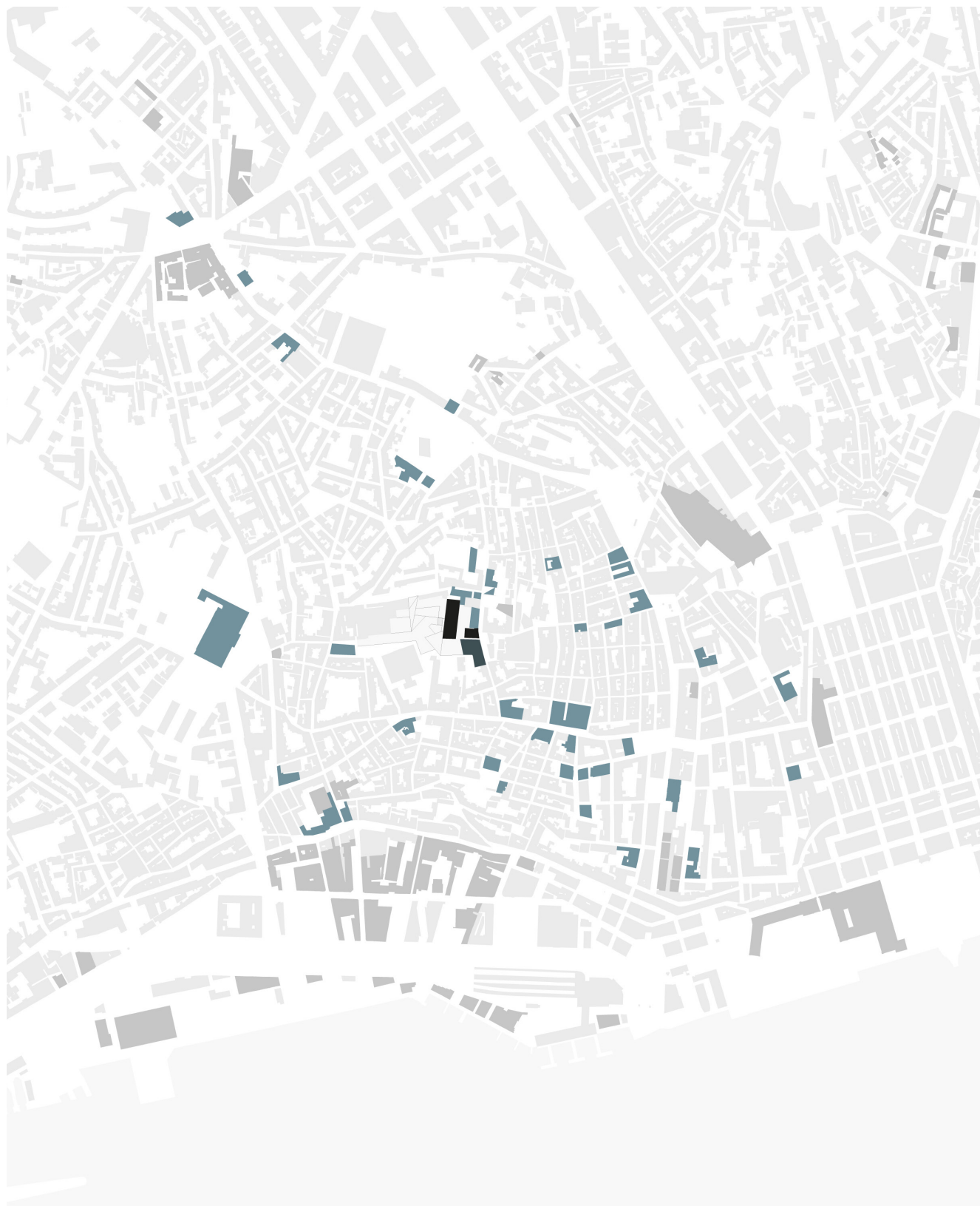
Com o alastramento das indústrias para o território extra-urbano, as periferias urbanas são, a partir da segunda metade do séc. XIX as zonas de maior intensidade de ocupação industrial. São Alcântara, o Calvário e Santo Amaro a ocidente do centro e Chelas, Xabregas, o Beato e o Poço do Bispo a Oriente as zonas de maior atividade industrial, com maior potência motora instalada e quantidade de mão-de-obra aquando da exposição de 1888 sendo também por isso os pólos de maior crescimento populacional das respetivas freguesias e concomitantemente da cidade de Lisboa¹¹. O dinamismo económico e social que se desenvolve nas periferias, fruto das novas fábricas, terá funcionado como pólos geradores de magnetismo à instalação de novas indústrias que por sua vez adquiriam o mesmo papel das anteriores.

11 Inquérito Industrial de 1881 e 1890

Ao instalarem-se em terrenos livres e desafogados, chamando para junto de si serviços, equipamentos e habitações, as fábricas contribuíram para o fenómeno da dispersão do centro urbano consolidado, tornando zonas periféricas, pela sua atividade, centrais.

A proliferação de novos meios de comunicação como a ferrovia e a rodovia contribuíram para uma mudança de paradigma no assentamento industrial no território, com a perda de importância do transporte marítimo de curta distância por meios terrestres, agora mais eficazes. Mais uma vez condicionadas pela consolidação dos centros urbanos, as ferrovias e rodovias de maior escala terminam nas periferias, sendo nestes locais que se vão agregar as novas indústrias.

28. (página oposta) Registo das instalações industriais no território de Lisboa, os palácios a azul e a fábrica da Cometa a preto.



4. DO LUGAR AO ESPAÇO

4.1 PATRIMONIO E INDUSTRIA – HISTÓRIA; MEMÓRIA; TEMPO

De forma a sustentar a análise e modo de intervir sobre os objetos edificados no local de intervenção, necessário será entender os conceitos de Património Edificado, no seu sentido mais comum, e de Património Industrial. Estes são conceitos que têm vindo a sofrer alterações na sua definição e cenceção.

Etimologicamente, o património pode ser definido como os bens que as sociedades transmitem de geração em geração (Choay, 1982). Estes explicam a génese do património, devendo atender-se, na sua análise ao seu espaço temporal. A abordagem do património edificado é o mais relevante neste projeto, tendo sido também abordado pela historiadora Françoise Choay na sua obra "Alegoria do Património" .

A Carta de Atenas, elaborada em 1931, sobre a problemática do Restauro, estipula um quadro de intervenção no Património Edificado. É discutida a capacidade destes edifícios se adaptarem a novos programas e ainda a sua preservação.

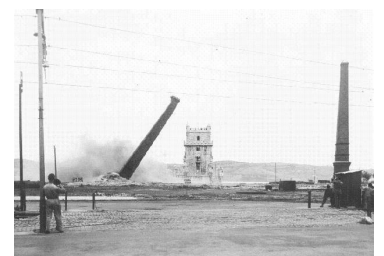
O conceito de Património está diretamente relacionado com o de Monumento e conseqüentemente o de monumento histórico. O conceito de monumento começou por tratar da capacidade de recordar a sociedade à altura da sua edificação. No entanto, é um conceito que foi sofrendo alterações passando por tratar principalmente de valores arqueológicos e estéticos. Evolui, de seguida, no sentido de não considerar apenas a vertente estética, mas também a mestria técnica e a colossalidade. É então que se introduz a diferença entre os conceitos de monumento e de monumento histórico.

Tendo o conceito de monumento evoluído para valorizar a mestria técnica e a colossalidade, passou a abranger edifícios que não tinham o fator tempo em conta, não sendo condição necessária tratar-se de um edifício antigo, podendo tratar-se de uma criação deliberada. Já o monumento histórico, este não é criado com o pressuposto de ser monumento, alcançando esse estatuto pela memória que suscita.

A carta de Veneza, de 1964, define que “A noção de monumento histórico engloba a criação (...) que testemunha uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se (...) também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural” .

O conceito de Património Industrial pode ser compreendido como os vestígios da cultura industrial, que possuem um dado valor. Além de incluir edifícios, inclui também bens móveis relacionados com a atividade, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria. O conceito é introduzido pelos ingleses em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, sendo os mesmos, e ironicamente, também responsáveis pela Revolução Industrial (Choay, 1982). A segunda Grande Guerra, que pelo seu papel destrutivo, deu origem a um processo de acelerada construção e reconstrução, provoca no fim dos anos 40 e início dos anos 50, uma reacção crítica dos paradigmas da restauração, operando uma revolução nas concepções de património com o surgimento de um novo conceito – o de bem cultural - e dando significado também a bens imóveis e móveis pré-industriais, proto-industriais e industriais, assim como conjuntos urbanos e infraestruturas.

As diversas cartas realizadas nos últimos anos, demonstram o afloramento da importância dada ao Património Industrial, especialmente nas cidades pós-industriais, em parte resultado da terciarização da atividade laboral.



29. (em cima) Fachada da Fábrica de Gaz da Boavista, construída de modo a valorizar o espaço público da Av. 24 de Julho.

30. Demolição da Fábrica de Gás de Belém defronte da Torre de Belém em 1934.

Em 2003 é redigida a Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, levando a uma definição mais alargada do termo:

“O Património Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.”

(TICCIH, 2003)

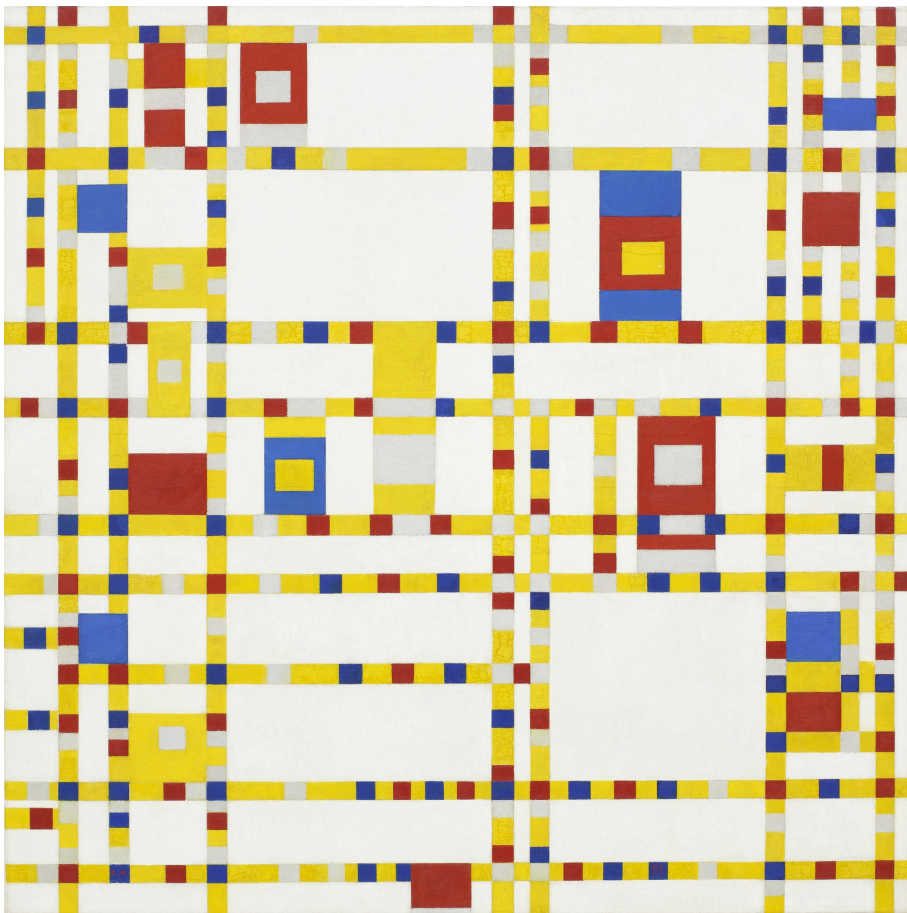
A importância do valor social deste tipo de património é reafirmado com os Princípios de Dublin resultado da XVII Assembleia do ICOMOS em 2011, resultando numa redefinição do conceito.

“The industrial heritage consists of sites, structures, complexes, areas and landscapes as well as the related machinery, objects or documents that provide evidence of past or ongoing industrial processes of production, the extraction of raw materials, their transformation into goods, and the related energy and transport infrastructures. Industrial heritage reflects the profound connection between the cultural and natural environment, as industrial processes – whether ancient or modern – depend on natural sources of raw materials, energy and transportation networks to produce and distribute products to broader markets. It includes both material assets – immovable and movable – and intangible dimensions such as technical knowhow, the organisation of work and workers, and the complex social and cultural legacy that shaped the life of communities and brought major organizational changes to entire societies and the world in general”

(ICOMOS, 2011)

A Revolução Industrial levou à massificação da indústria nas cidades. Contudo, a salubridade, falta de espaço, subida de valor do solo e a obsolescência forçou a sua deslocação para as periferias. Estas são estruturas que se encontram atualmente abandonadas e degradadas, destacando-se como excelentes oportunidades de desenvolvimento e consolidação urbana, sendo dado um lugar ao Património Industrial na paisagem urbana das cidades.

O património histórico, arquitetónico, industrial e urbano apenas assume valor cultural e social quando integrado na vida das sociedades contemporâneas. Daí a importância de intervir nos edifícios instalados no local de intervenção, evitando cair no dilema da cidade museu que uma obsessão com o passado e a história pode acarretar (Choay, 1982).



31. (página oposta) Brooklyn Boogie Woogie, de Piet Mondrian, 1943. É notória a semelhança a uma malha urbana.

4.2 ARQUITETURA DA CIDADE

Desenhar a cidade é o acto de pensar a relação entre a massa e o Homem. É na intersecção entre a arquitetura e a mente criativa do individuo que a cidade *“(...) tornar-se-á um verdadeiro lugar notável e inconfundível”*

(Lynch, 1960)

A intervenção proposta localiza-se num bairro a aproximar-se de 500 anos de história, no centro histórico de uma cidade europeia. Devido ao nível de consolidação da estrutura urbana (Traçado A), um plano urbano não pode ser realizado nos mesmos moldes de um novo troço de cidade. A escolha do terreno de intervenção advém da identificação de um terreno expectante inserido no traçado urbano consolidado.

O local de intervenção, pelos condicionamentos de escala e densidade, próprios do Bairro Alto, dificulta a realização de um plano urbano mais abrangente, tendo que ser considerado como uma extensão da arquitetura. O conceito de plano urbano teve origem na rutura da arquitetura e do desenho urbano que ocorreu no séc. XX com os ideais modernos. O desenho urbano, transformou-se numa atividade tecnocrática, priorizando estatística e dados quantificáveis e desvalorizando as potenciais qualidades do lugar e o discurso crítico no processo de pensar a cidade, resultando essencialmente numa representação abstrata de massa, volumes e fluxos.

Em contraponto, o acto de desenhar a cidade deverá aproximar-se da arquitetura, fundindo o pensamento do espaço em ambas as escalas e produzindo um diálogo entre ambos. Desenhar a cidade trata da conceptualização da esfera pública e de instigar a urbanidade onde ela não está presente.

O conceito de urbanidade é frequentemente compreendido como uma questão de densidade, compacidade e centralidade, características tradicionais das cidades europeias. A urbanidade do movimento moderno residia num ato regulatório, normativo tanto social como politicamente. Centrava-se muito na quantidade.

No entanto, a urbanidade contemporânea encontra-se mais diretamente ligada a uma densidade qualitativa do que quantitativa.

“Qualitative density is of more importance than quantitative density to intense urbanity; a qualitative density that refers to the variety and number of superimposed references in a place, building or zone. Not just any densification guarantees a better intensity; indeed, at times it simply becomes congestion or confusion. It is in the coexistence of differences that qualitative urban energy emerges. It is ‘mixture’ rather than ‘density’ that can characterize contemporary urbanity...”

(Manuel Solá Morales, 2008)

Isto é, o ato de desenhar o domínio público como local de encontro e cruzamento de pessoas torna-se atualmente mais importante do que o espaço em si mesmo. Não se cinge porém à conjugação de diferentes usos e tipologias, mas também à criação de conflito e intersecção entre diferentes camadas de urbanidade, um equilíbrio entre edifício e atividade, proporcionando oportunidade para as pessoas interagirem, porque é da interacção humana na esfera pública que nasce a urbanidade. (Solá-Morales, 2008)

No seu livro “A Matter of Things”, Manuel de Solá-Morales introduz o conceito de urbanidade material, conceptualizando o contacto entre os nossos corpos e a matéria física das cidades – o pavimento, os edifícios, e outros – constituindo a experiência urbana. A possibilidade de urbanidade reside portanto na matéria urbana, que aliada à experiência do espaço pelas pessoas constitui o carácter colectivo do espaço.

A necessidade de criação de espaço público no Bairro Alto é evidente. O Bairro Alto implanta-se no espaço como uma ilha urbana em que os espaços públicos de permanência se encontram todos nos seus limites, não existindo qualquer praça ou jardim no seu interior.

A distinção entre espaço público e privado tornou-se um tema presente no planeamento urbano, enquanto necessidade de aumentar a proporção de espaço público em relação ao privado. O planeamento urbano moderno centrava-se bastante na transformação do espaço público como o espaço de liderança do domínio público sendo a sua criação pouco criteriosa do seu ambiente, localização e uso. No entanto, a verdadeira importância dos espaços públicos reside verdadeiramente na aproximação do domínio privado em sua volta, tornando-o parte dos recursos coletivos da cidade.

4.2.1 ARQUITETURA URBANA

Em retrospectiva, podemos elencar alguns momentos da história do movimento moderno em que discurso crítico da arquitetura abordou a sua relação com a cidade e o planeamento urbano e vice-versa. A primeira experiência deste discurso terá sido durante um Congresso dos CIAM em Bruxelas em 1930¹², cujo objetivo se situava no pensamento da cidade á escala do quarteirão. Terá sido a primeira aproximação do pensamento da cidade e da arquitetura.

O papel da arquitetura, e o seu lugar na cidade, foi colocado em perspectiva, resultado do debate sobre contexto ocorrido durante os anos 40 em Inglaterra, pela natural relação entre ambos. As tomadas de posição mais notáveis são possivelmente as de Alison e Peter Smithson, ambos arquitetos. Também autor fulcral no debate terá sido Colin Rowe com a sua obra seminal "Collage City" , não por participar na mesma linha de pensamento mas por partir do princípio do pensamento, do contexto na arquitetura, apesar de concluir com uma posição diametralmente oposta.



32. Imagem das "Economist Towers" tirada da rua principal, com vista através do quarteirão .

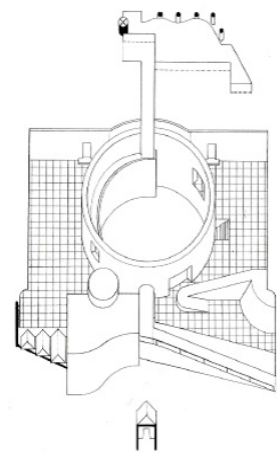
Enquanto ambos defendem a importância do pensamento do contexto na arquitetura, os Smithson' s, defendem-no não como um a questão de "FITTING IN" mas de análise do contexto, dos seus "patterns of human association, patterns of use, patterns of movement, patterns of stillness..." (Smithsons, 1990) e o entendimento das suas necessidades. Uma obra que se insere no seu discurso são as "Economist Towers" em Londres. Um conjunto de três torres, de carácter distinto entre si, que assentam sobre uma plataforma elevada em relação a duas ruas paralelas e criando assim conexões axiais, não de carácter monumental, mas linhas de vista informais entre as vias públicas.

¹² Este congresso organizado pelo CIAM girou em torno do tema "The Functional City" (A Cidade Funcional). Este congresso foi o precursor da "Carta de Atenas" de Le Corbusier.

É a manipulação de tamanho, escala, padrões de movimento e materialização, que, conjuntamente, dão origem a um equilíbrio entre continuidade e regeneração.

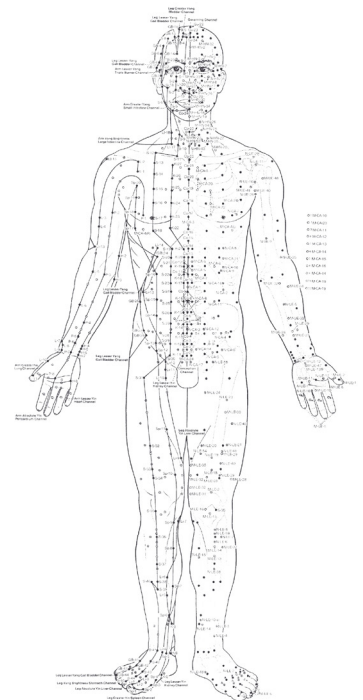
O discurso que é produzido, neste caso com enfoque no contexto, é naturalmente um discurso que trata a relação da arquitetura com a cidade, e a sua capacidade de transformação urbana.

A menção á obra de Colin Rowe é dada como base teórica á obra de James Stirling¹³, o Stuttgart Neue Staatsgalerie. Esta obra, para além do seu programa directo – um museu – surge em Estugarda numa época de reconstrução após a Segunda Guerra Mundial e procura resolver as lacunas urbanas em seu redor. A orografia do local resulta na separação de duas áreas da cidade e será nesta situação topográfica e socialmente complicada que o novo museu se implanta, como o objetivo de conectar ambas as partes. Esta ligação traduz-se numa Route Architectural, seguindo o modelo de Le Corbusier da Promenade Architectural, consolidando o tecido urbano, habilitando a interação humana, em suma, conferindo, urbanidade ao local.



33. Esquema Axonométrico do Percurso Através do Complexo Museológico do Neue Staatsgalerie Stuttgart.

¹³ James Stirling, aluno de Colin Rowe seguia a mesma linha de pensamento teórico.



34. Tabela dos pontos sensitivos no corpo humano usado em acupunctura.

4.2.2 ACUPUNCTURA URBANA – GERADOR DE URBANIDADE

Tal como tem vindo a ser referido, o Bairro Alto é um local de grande densidade construtiva e, devido ao seu desenvolvimento ao longo de quinhentos anos, encontra-se bastante consolidado. De forma a dar forma a uma proposta urbana para o local de intervenção, a escala e modelo de intervenção do desenho urbano terá que ser consiso e nas suas premissas.

No seguimento do discurso sobre o papel da arquitetura na cidade e da sua relação com o desenho urbano podemos apontar o conceito de Acupuntura Urbana.

Olhando para a cidade como um organismo vivo, um sistema, a acupuntura urbana baseia-se na identificação dos componentes inertes, sem vida, e através de pequenas e escrupulosas intervenções no tecido urbano, estimula-o, promovendo a transformação metabólica do sistema. O menor esforço localizado num ponto crítico no espaço com o máximo resultado na cidade. (Shidan e Qian, 2011).

O discurso teórico, e prático, em torno do conceito de Acupuntura Urbana tem como pioneiros Jaime Lerner, um arquiteto e urbanista brasileiro; Manuel de Sola Moráles, arquiteto e designer espanhol; e o arquiteto finlandês Marco Casagrande (Rasmussen, 2012). Todos eles apontando a relação do desenho urbano com a medicina e o acto de tratar um problema.

O primeiro terá desenvolvido um conjunto de obras em torno deste tema, entre os anos sessenta e noventa na cidade de Curitiba, no Brasil. O seu desenho urbano gira em torno de uma abordagem holística¹⁴.

14 Holística: s. f. Concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenómenos e não a análise isolada dos seus constituintes. Está também relacionado com o conceito de Gestalt: “O todo é diferente da soma das partes” (Dewey, 2004)

"The design of the city is realized through the manipulation of precise interventions at pressure points throughout the city"

(Parsons, 2007)

Da mesma forma, Manuel de Sola Moráles afirma que tal como a acupunctura como tratamento medicinal, a determinação do ponto sensível é o primeiro passo no tratamento estratégico do tecido urbano;

"the urban skin of the city has to be observed with the attention of a detective who scrutinizes the tiniest clues in its wrinkles and their apparent lack of connection"

(Parsons, 2007).

Será neste ponto que as soluções para os problemas urbanos devem ser encontradas.

"Urban Acupuncture is the combination of small scaled, strategically placed, catalytic interventions that stimulate urbanism and result in the maximum effect through the minimum investment. "

(Parsons, 2007)

Por fim, combinando o desenho urbano com a teoria da medicina tradicional chinesa da Acupunctura, de modo a compreender a cidade, Marco Casagrande declara que manipulações pontuais têm a capacidade de contribuir para a geração de um desenvolvimento urbano sustentável. (Rasmussen, 2012)

"if an element is un-healthy or un-balanced then the effects are visible in the urban fabric. Each element is of equal importance and the balance of all is fundamental to a sustainable environment"

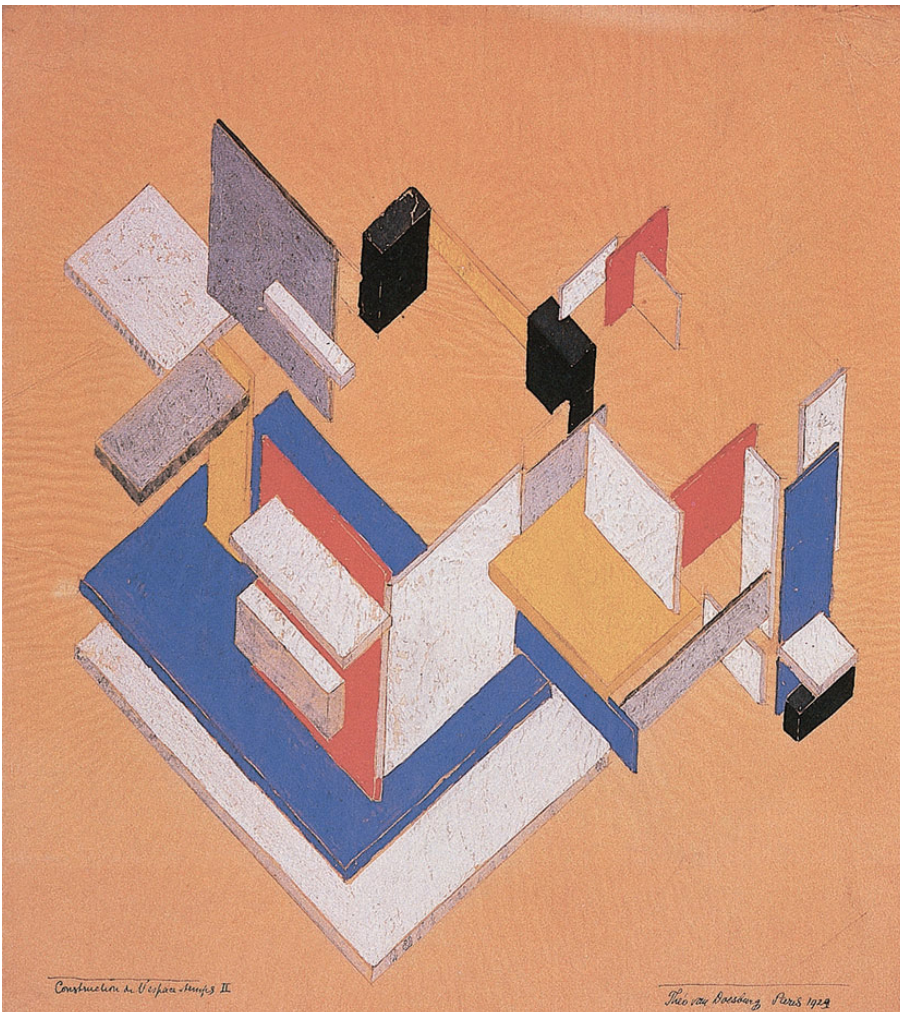
(Parsons, 2007)

4.3 ARQUITETURA DO ESPAÇO

Conceber e projetar espaços é um dos papéis fundamentais do nosso trabalho enquanto arquitetos. Ainda assim, as convenções culturais e regulamentação construtiva conduziram a uma limitação da forma e tamanho dos espaços que podem ser prontamente assimiladas pelo indivíduo.

De forma geral, os edifícios são sobretudo constituídos por espaços de geometria regular e altura adequada às proporções humanas. No entanto, é possível constatar a necessidade de espaços mais singulares e inspiradores. Tanto os egípcios, como os gregos e os romanos construíram espaços de monumentais proporções, com efeito, causando respeito e veneração nas pessoas que os utilizavam. Estes eram os espaços dos deuses e configuravam-se além da escala humana.

O edifício proposto visa resolver o problema da falta de um espaço público que permita a realização das atividades impossibilitadas pela escala do espaço urbano do Bairro Alto. O espaço configura-se, então, como uma infraestrutura de suporte à atividade humana, capaz de acomodar funções tão distintas como museu, mercado, biblioteca ou salão de conferências. É um espaço de cultura, lazer e comércio; de encontro e reunião; de trabalho ou estudo. O espaço, completo e singular, desenvolve-se num percurso em espiral contínua num diálogo permanente com a praça que suporta e sobre a qual se abre. Resulta da multiplicidade de funções passíveis de ser albergadas, a necessidade de compreender o desenho do espaço que permita uma quase completa liberdade funcional deste. Importa então compreender a evolução da conceção de espaço, nomeadamente no modernismo, passando pela Planta Livre de Corbusier e Mies van der Rohe, concluindo com a noção de Espaço Universal de Mies.



35. Axonometria de Theo van Doesburg demonstrativo dos conceitos da Arquitetura Neoplacista. Os volumes cúbicos são reduzidos a planos criando uma continuidade entre espaço interno e externo.

4.3.1 ESPAÇO NO MODERNISMO

Marcando um novo período na História da Arquitetura, o programa do modernismo centrou-se no Espaço como um dos elementos mais relevantes na Arquitetura (Frampton, 1980). O espaço arquitetónico deixa de ser formado apenas pelo volume construído e elementos divisórios, passando a sê-lo também pelos processos dinâmicos da atividade humana. Este espaço, análogo a um vazio, pode ser interpretado como um espaço estático, definido pelo volume construído que o separa do exterior e, simultaneamente como um espaço dinâmico, palco de atividade e movimento dos seus utilizadores.

Importa referir o efeito social e cultural do pensamento sobre a ideia de espaço dos arquitetos modernistas expresso pela configuração funcional das estruturas espaciais e da sua relação com a simultaneidade espaço-tempo. Este espaço, moderno, traduz uma liberdade conceptual e figurativa defendida pelo movimento moderno. (Gideon, 1984)

Podemos indicar o cubismo como movimento artístico pioneiro na conceptualização da simultaneidade espaço-tempo. Às três coordenadas necessárias à compreensão espacial, é adicionada uma quarta coordenada – o tempo,- explorando a sua influência na modelação do espaço. Já o futurismo trabalha sobre o mesmo conceito, através da relação do movimento com o espaço.

Também o movimento De Stijl influencia fortemente a arquitetura do séc. XX. Defendendo a “libertação do espaço” e a rejeição de qualquer confinamento clássico deste, o espaço é entendido, não como uma unidade confinada por paredes, mas como um domínio universal.

"The new architecture is anti-cubic (...) it does not try to freeze the different functional space cells in one closed cube. Rather, it throws the functional space cells (as well as the overhanging planes, balcony, volumes, etc) centrifugally from the core of the cube. And through this means, height, width, depth and time (i.e. an imaginary four-dimensional entity) approaches a totally new plastic expression in open spaces. In this way architecture acquires a more or less floating aspect that, so to speak, works against the gravitational forces of nature"

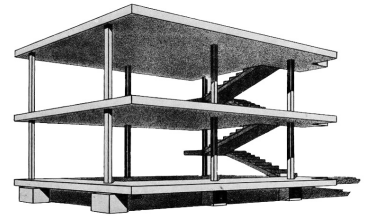
(Theo van Doesburg, 1924)

É quebrada a composição clássica do volume constituído por vários espaços autossuficientes. É defendida a fluidez espacial e a fragmentação e decomposição do volume geral.

Podemos considerar a casa Schoder de Gerrit Rietveld como uma das melhores traduções das intenções do grupo para o domínio da arquitetura. A casa, um conjunto de planos colocados livremente no espaço, define um espaço interior, fluido e subdivisível por alguns destes, móveis e numa clara relação com o exterior pelo plano da cobertura. O espaço centrífugo de Rietveld é dicotómico da geometria acentuadamente centralizada (e centrípeta) do Renascimento.

36. Casa Schroder - obra de Rietveld que recorre a uma composição de planos para conformar um espaço. O piso superior é também divisível através de planos deslizantes, como se uma arquitetura móvel se tratasse.





37. (em cima) Esqueleto Construtivo da Estrutura Domino.
38. 39. (ao centro e em baixo) Casas da Weissenhofsiedlung de Le Corbusier.

4.3.2 A PLANTA LIVRE DE LE CORBUSIER

Le Corbusier (1887-1965) foi um dos primeiros arquitetos modernos a debruçar-se sobre as possibilidades espaciais da planta livre e do espaço flexível. A arquitetura moderna dos anos 20 é fortemente marcada pelo advento do betão armado e Le Corbusier reconhece neste novo material a potencial industrialização do processo construtivo (Colquhoun, 2002). A sua primeira concretização, em moldes de manifesto arquitetónico, acontece com a estrutura Dom-ino (1914), um esqueleto estrutural (autónomo) em que os pilares e laje se estabelecem como elementos independentes (e pré-fabricados) das paredes exteriores e divisórias interiores. A estrutura de betão é, deste modo, independente do desenho do espaço.

A Maison Citrohan, construída aquando da Exposição Weissenhofsiedlung¹⁵ da Deutscher Werkbund¹⁶ de Estugarda em 1927, é uma consolidação do pensamento por trás da estrutura Dom-ino. Apresenta-se como um prisma abstrato, cuja estrutura não se adivinha de forma imediata pela fachada.

Simultaneamente, são publicados “Les 5 Point d’ une architecture nouvelle” , que fornecem uma descrição de um novo sistema arquitetónico e de desenho do espaço – a elevação da massa construída acima do nível do sólo, recorrendo a pilotis; a planta livre conseguida pela separação da estrutura portante e as paredes; plano da fachada livre, o resultado da planta livre no plano vertical; emprego

¹⁵ A Weissehofsiedlung de Estugarda foi uma exposição de arquitetura organizada pela Deutscher Werkbund sob a curadoria de Mies van der Rohe, promovendo a arquitetura moderna através da construção de 30 edifícios desenhados, sobretudo, pelos arquitetos da vanguarda alemã do período entre guerras, como Mies van der Rohe, Walter Gropius, Peter Behrens, Hans Scharoun e Bruno Taut. A experiência abrangeu desde a conceção arquitetónica até aos objetos domésticos do dia-a-dia e ainda vestuário. A exposição foi a primeira manifestação internacional do que viria a ser identificado em 1932 como o Estilo Internacional

¹⁶ A Deutscher Werkbund (Associação Alemã de Artesãos) é um grupo fundado em 1907, por arquitetos, designers e empresários relacionados com o Jugendstil (Arte Nova Alemã). O movimento entendia a indústria como o potencial motor de melhoria das condições de vida da sociedade e da qualidade da construção e dos objetos. O grupo é responsável pela fundação da Bauhaus em 1919.

de longas janelas corrediças – *fenêtre longueur*, e o aproveitamento da cobertura.

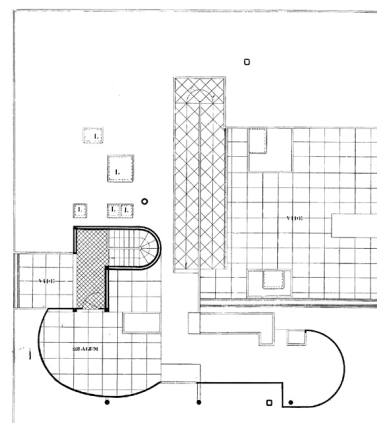
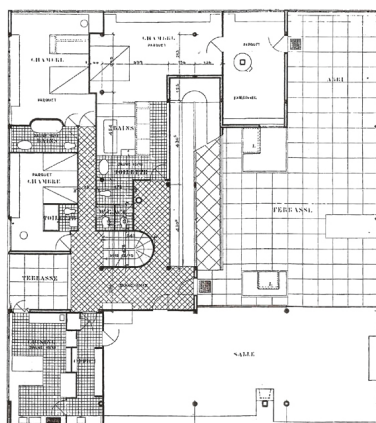
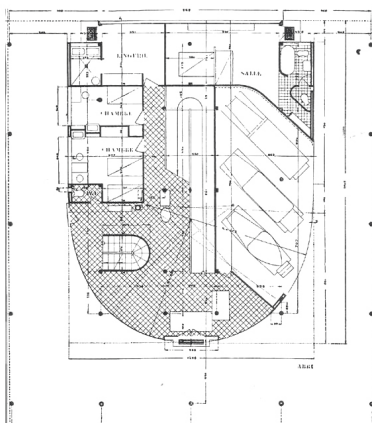
A planta livre resulta, na verdade, dos dois primeiros pontos – transferindo a carga das paredes portantes para os pilares, permite-se que as paredes assumam o papel de definição e desenho do espaço, não condicionadas pela estrutura. O jogo entre um invólucro regularizado e a planta livre, encontra o seu expoente máximo na Villa Savoye (em rodapé: Habitação desenhada por Le Corbusier em Poissy, na França entre 1929 e 1930). A casa, um prisma puro, branco, assente sobre pilotis, envolve um espaço interior livre, com uma lógica e dinâmica própria não adivinhável pela composição da fachada, desenhando uma promenade architectural através da casa.

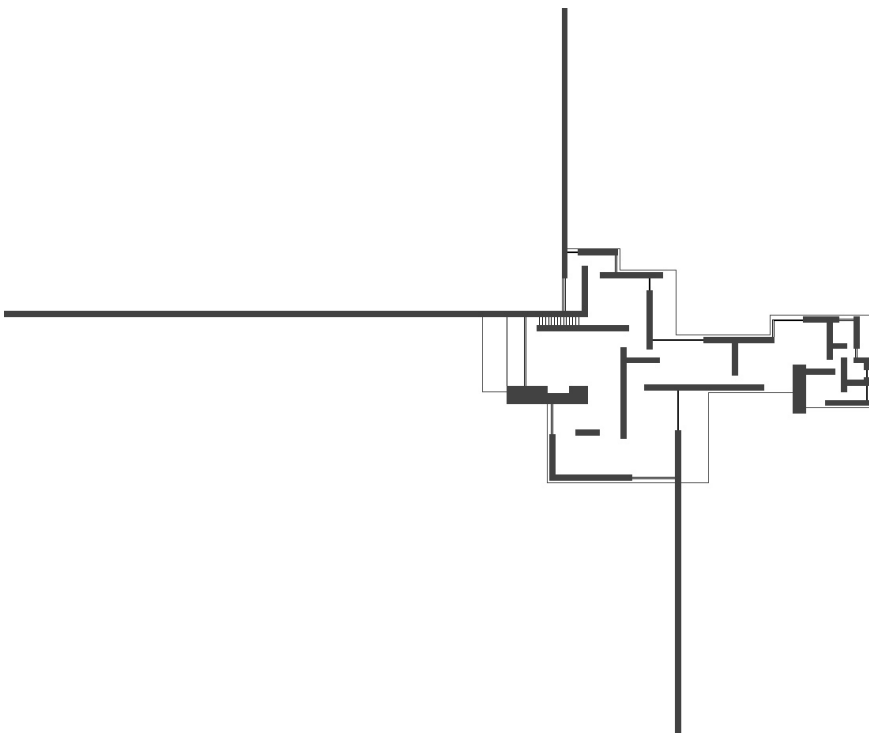
“Corbusier’ s houses are neither plastic nor spatial... air flows through them”

(Gideon, 1995)

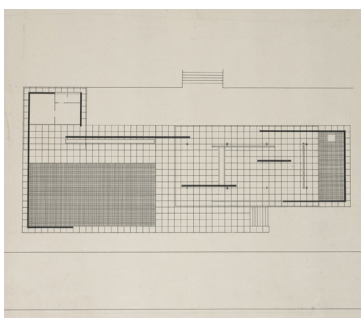
Quando Le Corbusier afirma “architecture is perceived in motion” na sua obra *Urbanisme* (Le Corbusier, 1945), expressa uma clara preocupação com a ideia de movimento e a experiência do utilizador ao longo de um percurso, num determinado espaço de tempo, e consequentemente com o fator tempo na arquitetura.

40. Plantas dos 3 níveis da Villa Savoye.





4.3.3 A PLANTA LIVRE DE MIES VAN DER ROHE



41. (pág. oposta) Projeto para uma casa de campo em tijolo. O espaço é apenas conformado por uma composição de planos.

42. (em cima) House under construction, Kazimir Malevich, 1916.

43. (em baixo) Planta do Pavilhão de Barcelona.

A participação de Mies van der Rohe na primeira edição da revista G – “Material zur Elementaren Gestaltung”¹⁷ em 1923 representa um manifesto sobre lógicas construtivas que estabelece paralelismos com a estrutura Dom-ino de Le Corbusier, numa arquitetura de “pele e osso” (Frampton, 1980).

“The office building is a house of work... of organization, of clarity, of economy. Bright, wide, workrooms, easy to oversee, undivided except as the undertaking is divided... The material is concrete, iron, glass. (...) Reinforced concrete buildings are by nature skeletal buildings. No noodles nor armoured turrets. A construction of girders that carry the weight, and walls that carry no weight. ...Building consisting of skin and bones”

(Rohe, 1923)

Uma das principais influências na obra de Mies posterior a 1923 terá sido o Suprematismo Russo de Kasimir Malevich.

“Suprematism had the effect of encouraging Mies to develop the free plan”

(Frampton, 1980)

A planta livre de Mies van der Rohe aparece como um conceito consolidado no Pavilhão de Barcelona (1929). O pavilhão, um espaço não encerrado, com uma cobertura plana apoiada sobre oito colunas metálicas cruciformes. O espaço é apenas somente definido por uma série de planos de ónix, mármore, travertino e vidro.

A evolução da obra de Mies van der Rohe, após meados da década de 1930, assenta na conciliação de dois sistemas dicotómicos. O primeiro, reflexo da sua herança do Classicismo Romântico, traduzido

17 Material para Design Elementar: tradução do autor. Esta publicação é referente á sua proposta para um edifício de escritórios na Friederischstrasse.

para a estrutura de aço, resulta na desmaterialização do objeto arquitetônico que, à imagem do Suprematismo, converte “a forma construída em planos mutáveis suspensos, num espaço diáfano.” (Frampton, 1980). O segundo, a influência da arquitetura porticada (pilar/viga) e a incontornável realidade dos elementos cobertura, viga, coluna e parede, posicionam a sua obra entre Espaço e Estrutura.

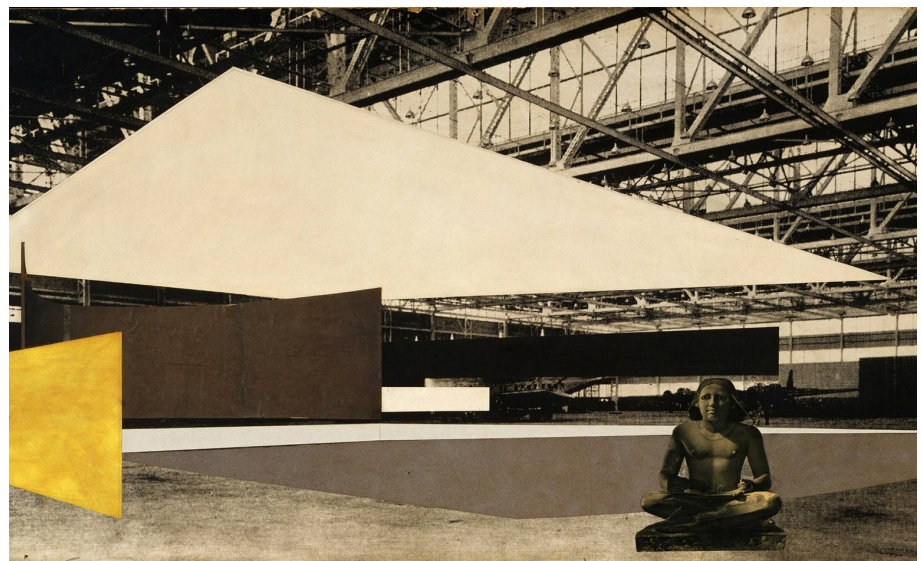
A obra de Mies, entra na sua expressão máxima da tipologia construtiva e sintaxe estrutural nos edifícios do Campus da IIT¹⁸, nomeadamente a Biblioteca (1942), o Alumni Memorial Hall (1945) e o Crown Hall (1952). (Frampton, 1980)

18 Illinois Institute of Technology em Chicago

4.3.4 O ESPAÇO UNIVERSAL DE MIES VAN DER ROHE

O termo “espaço universal” é cunhado por Mies van der Rohe, na descrição de um ambiente conceptual para um projeto de uma sala de concertos configurado por um volume único e um extenso vão. Exemplificando o conceito, Mies utiliza uma fotografia do interior de um espaço industrial extenso¹⁹ como pano de fundo para uma montagem na qual sobrepõe livremente uma série de planos, paredes e teto metafóricos, que poderiam ser movidos dependendo das necessidades das diferentes utilizações do espaço.

A imagem mostra o derradeiro espaço universal, capaz de albergar qualquer função, seja ela industrial, de transporte, comercial, de desporto ou lazer.



44. Colagem de Mies retratando um espaço moldável pelos seus planos.

¹⁹ O espaço retratado é o interior do Glenn Martin Aircraft Assembly Building, desenhado pelo arquiteto americano Albert Kahn em 1927.



4.4 CASOS DE REFERENCIA

4.4.1 S. R. Crown Hall - Mies van der Rohe

"At a public level, Mies' single span volume found its most "classical" realization in IIT's Crown Hall... and its most monumental expression in the Convention Hall for Chicago²⁰..."

(Frampton, 1980)

O Crown Hall (1952-56), funcionando como escola de arquitetura do IIT configura-se como uma caixa de vidro de 67x37 metros. O volume é composto por um piso de embasamento, mais compartimentado, dando resposta ao programa, e sobre este um grande salão, uma sala de aulas única, sem elementos estruturais no interior do espaço. A cobertura deste espaço é suportada por quatro vigas metálicas que descarregam em pilares em linha á face da fachada, esta inteiramente composta por painéis de vidro. Existem, exclusivamente, no centro da sala, dois volumes, escadas e um conjunto de planos que conformam os serviços necessários ao funcionamento do espaço e acessos verticais. O edifício vê, assim, cumpridas duas das missões da obra de Mies: a máxima transparência conseguida por uma fachada integralmente composta de vidro; e o maior espaço recorrendo á mínima estrutura possível.

Enquanto o Convention Hall é a última afirmação suprematista da obra de Mies, o Crown Hall representa o regresso aos valores da Schinkel, nomeadamente ao seu Altes Museum de Berlim. Apesar da morfologia da Schinkelschuler ser um paradigma transversal á obra de Mies da década de 60, dificilmente programa do Crown

45. Fachada do Pavilhão na qual é perceptível a métrica estrutural e o vazio interior, adivinhando-se o espaço a tardoz do edifício.

20 O Salão de Convenções de Chicago, desenhado por Mies em 1930 e nunca construído, é definido por um volume único de 18 metros de altura revestido a mármore. A cobertura consistia numa treliça metálica, elevada 6 metros acima do nível do solo que configuraria um espaço interior único com um vão colossal de 220 metros

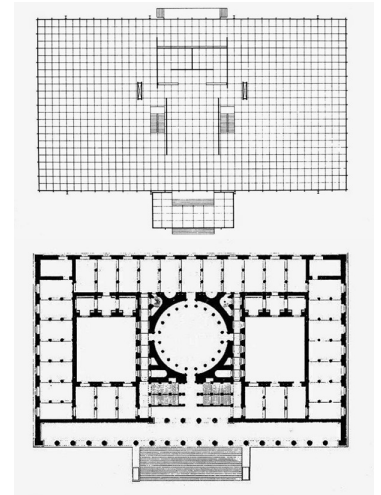
Hall se podia adaptar aos principais elementos do Altes Museum, nomeadamente o pórtico de entrada e a rotunda.

O edifício é sintomático da quebra conceptual entre espaço centrípeto – característico e derivado do Palladianismo – e centrífugo – decorrente, em última análise, da anti-monumentalidade do conceito espacial de Wright na sua relação recíproca e integral com o espaço exterior – transversal à evolução do estilo Internacional. Ao mesmo tempo que o invólucro de vidro e o plano da cobertura projetam o espaço para o exterior, este é consolidado e definido pelos volumes e paredes no seu centro, estando o espaço num permanente e dicotómico equilíbrio entre estas duas forças.

“Like the characteristic Palladian composition, Crown Hall is a symmetrical and, probably, a mathematically regulated volume. But, unlike the characteristic Palladian composition it is not a hierarchically ordered organization which projects its centralized theme vertically in the form of a pyramidal roof or dome. Unlike the Villa Rotonda, but like so many of the compositions of the Twenties, Crown Hall is provided with no effective central area within the observer can stand and comprehend the whole... once inside, rather than any central climax, the building offers a central solid, not energetically stated, it is true, but still an isolated core which the space travels laterally with the enclosing windows”

(Rowe, 1973)

O resultado é um espaço comum, de planta livre, que eloquentemente expressa uma ideia de liberdade máxima através da dissolução da arquitetura na apoteose da frase de Mies, *beinahe nichts* – quase nada.



46. (página oposta, em cima)
Planta do piso térreo do Crown Hall, demonstrando a grande sala apenas ocupada por uma série de planos.

47. (página oposta, em cima)
Planta do Altes de Museum de Shinkel, com a qual se podem estabelecer paralelismos.

48. - 49. (página oposta, em baixo)
Imagens que ilustram o espaço arquitetónico e uma possível utilização do mesmo, revelando a pertinência do modelo.

50. Utilização do mesmo espaço para exposição, apresentação e convívio.





4.4.2 Tenerife Espacio de las Artes – Herzog & de Meuron

Importa abordar um projeto que tenha trabalhado o tema do espaço urbano como elemento definidor de uma proposta arquitetônica. Uma reconversão de um vazio urbano numa conceção arquitetônica contemporânea. O caso selecionado incide sobre o TEA – Tenerife Espacio de las Artes.

Acabado em 2008, o complexo implanta-se num terreno contíguo a um longo rasgo no tecido urbano, um canal de drenagem de chuvas de tempestade, que sendo muito pontual a sua utilização, ora se apresenta como um canal vazio ou como um grande braço de água. Este elemento resultante da orografia do espaço apresenta-se como uma intrusão no tecido urbano relacionada com fatores geográficos e físicos. Aqui, a passagem é expressão de risco e perigo (Chevrier, 2010).

O TEA é essencialmente um espaço das artes. A necessidade de integrar no mesmo edifício uma grande variedade de funções – a biblioteca municipal, salas de exibição de coleções de arte, um centro de fotografia, um auditório, uma cafetaria e um extenso espaço administrativo para um departamento cultural do governo local - conferem uma grande complexidade ao programa. Contudo, a conectividade urbana, fator que ditou a abordagem formal, estruturou a complexidade programática ao seu redor.

A definição do espaço público funciona como elemento definidor do objeto arquitetónico. O edifício é atravessado por uma passagem que liga dois níveis diferentes, do edifício, e da cidade. Esta passagem foi interpretada como independente das funções do edifício possibilitando que o transeunte atravessasse o edifício sem nunca entrar nele. Simultaneamente, esta passagem desempenha a função de estruturar o espaço conectando as diferentes funções do conjunto.

51. Fotografia aérea do complexo e da sua implantação na cidade. De notar o vazado do espaço público que atravessa o edifício.

Após a entrada – atravessamento do envelope exterior do edifício, a passagem adquire a escala da praça. A abertura repentina de um vazio urbano no interior do edifício apresenta-se como um fenómeno intencional. Conceptualmente, trata-se de um pátio com a função de praça da cidade. A fragmentação e dispersão de espaços públicos bem como o hábito persistente de zoneamento e fraca atenção à conectividade funcional, têm como efeito a desestruturação das cidades. A conexão urbana neste projeto é trabalhada a partir da sua qualidade monumental mas sem dar proeminência ao seu efeito de monumentalidade.

Interpretado como um novo ponto de encontro de pessoas de várias gerações e interesses, o TEA aproxima-se do programa do edifício proposto ao abilitar que diferentes atividades habitem um grande espaço conformado pelo invólucro exterior. O generoso espaço que aqui se desenha, livre e interior, quase infraestrutural pela universalidade apresentada representa uma estrutura de suporte a diversas funções que se fundem e intersectam dando origem a um lugar muito urbano.

Finalmente, o novo centro cultural é um local de encontro e intersecção de indivíduos. Importa salientar a relação estabelecida com o projeto em mão na forma como é proposta um diálogo permanente do espaço interior com a praça que se conforma sobre este. Mais uma vez, é o espaço proposto que suporta o espaço público e, reciprocamente, é deste que o interior vai receber a sua luz.



52. 53. 54. Fotografias que retratam o percurso público através do edifício.
55. (página oposta) Relação estabelecida entre o interior, em baixo, e praça, em cima, que ilumina o espaço.





4.4.3 ROLEX LEARNING CENTRE - SANAA

“The concept of the building was to make one very big room, where people and programs can meet together to have better communication”

(SANAA, 2010)

O centro educativo desenhado pelo atelier japonês SANAA para a EPFL²¹ acolhe uma multiplicidade programas tais como, uma biblioteca, um salão polivalente, escritórios, cafés e um restaurante.

O programa definia um local de encontro para estudantes de diferentes áreas de estudo pelo que o desenho de um espaço único e contínuo, incorporando todos os programas, configurou-se como a melhor escolha. Contudo, este não é um tradicional edifício de um só espaço, visto que são escavados poços de luz, “pátios” e é invocada a ideia de topografia, com montes e vales, dotando o programa de um sentido ambíguo de isolamento a uma escala mais pequena e de simultânea conexão a um todo a uma maior escala.

Este espaço, de montes, vales e plataformas, consegue oferecer espaços de alguma privacidade e diminuir a escala dos lugares, nunca introduzindo barreiras visuais de uma zona para outra. Em vez de escadas e paredes, encontramos ligeiras encostas (nas zonas onde a inclinação chega a ser de 30° existem rampas de declive suave que serpenteiam a encosta, como se de uma estrada a subir a montanha se tratassem), e que sucessivamente, se abrem sobre outros lugares. Por conseguinte este espaço contínuo conquista um forte sentido de diversidade – as zonas a cotas mais elevadas disfrutam de extraordinárias perspetivas tanto da cidade como do lago que banha Lausanne. Enquanto os vales, á cota do jardim, e ponteados pelos poços de luz, se configuram mais adequados aos escritórios pela sua escala mais próxima do corpo humano.

56. Panorama do exterior do edifício ilustrando as inflexões do plano e consequentes passagens.

21 Ecole Polytechnique Federale de Lausanne.

As diferentes atividades são assim subtilmente distribuídas pelos diferentes espaços, este é simultaneamente um espaço contínuo que procura uma comunicação fácil e suave com as restantes construções do campus. As ondulações do interior geram espaços abertos sob o edifício que são atravessados pelos estudantes, vindo de todas as direções no seu percurso até ao interior do edifício. Consegue-se assim um edifício aberto e plenamente acessível – resumidamente, um espaço transparente e de convergência.

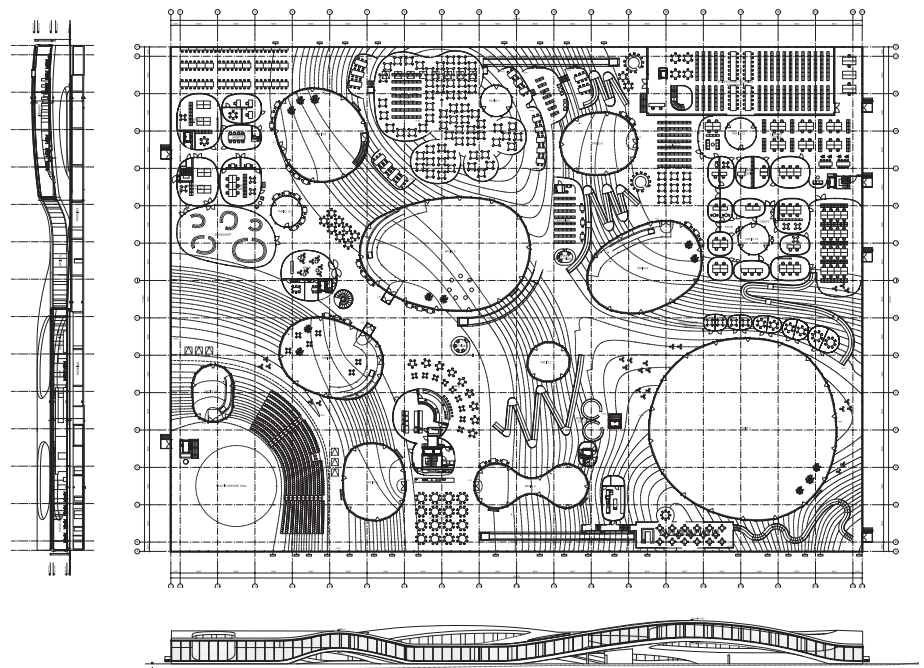
“(...) any programme can meet anywhere. It is more like a park”

(Ryue Nishizawa, 2010)

Esta obra demonstra bem o que o projeto em mão pretende criar, estabelecendo um espaço contínuo, numa interpretação contemporânea dos ideais modernos, e no seguimento do trabalho de Mies sobre as potencialidades de um espaço único e universal, utilizado por um grupo alargado de indivíduos com diferentes interesses e atividades.

A apropriação que os estudantes fazem deste espaço mostra bem as potencialidades dos espaços em rampa - a utilização de “puffs” como local de assentamento para estudo ou convivência social numa lógica livre, e transversalente aplicável a todo o espaço.





57. (página oposta) Os puffs permitem utilizar o espaço, independentemente da inclinação, para os mais variados usos.

58. (em cima) Planta, corte e alçado do edifício. De notar a informação topográfica dada ao espaço.

59. Sátira á universalidade da apropriação do espaço.





4.4.4 MARQUISE DO PARQUE IBIRAPUERA - OSCAR NIEMEYER

A grande pala do Parque Ibirapuera em São Paulo, desenhada pelo arquiteto Oscar Niemeyer foi construída aquando da Exposição do 4º Centenário de São Paulo em 1954.

O projeto consiste em duas lajes, uma de pavimento e outra de cobertura, com a mesma implantação, conformando um espaço coberto com uma área de 28 mil m² e 600 metros de comprimento. Na sua parte mais estreita, especificamente, nas extremidades, apresenta uma largura de 6 metros, enquanto na zona central este número sobe até aos 75 metros.

Esta foi desenhada para exercer a função de conectar e articular os vários pavilhões da exposição a edificar no parque, nomeadamente o Palácio das Indústrias²², um pavilhão de exposições conhecido como “Oca” , os Palácios das Nações e dos Estados, o Museu de Arte Moderna e o Grande Auditório.

O grande espaço não foi concebido como uma obra isolada, sendo sim um elemento específico e singular do parque, possuindo nome e vida própria, não devendo ser considerado uma mera parte de um complexo de edifícios, hierarquicamente secundário na composição do mesmo.

Esta não teria indubitavelmente sido realizada não fosse a sua ação agregadora de elementos de ordem superior (os Palácios e Pavilhões) que, que embora beneficiem, não dependem dela. A Marquise é assim o gesto que estabelece o conjunto, agregando e aproximando as grandes distâncias pela qual esta se espraia.

Entre os espaços mais rígidos dos pavilhões, de conteúdos e funções pré-estabelecidos, de usos e significados sugeridos e condicionados aparece então um extenso vazio – a Marquise.

60. (página oposta) Fotografia aérea do Parque Ibirapuera nos anos 50 ilustrando a forma como a grande pala conecta os diversos edifícios do parque.

22 Atualmente denominado Pavilhão Cicillo Matarazzo.

Este espaço é isento de qualquer programa original ou indicação de uso e função, servindo como um elemento articulador e ambíguo.

Com o fim da Exposição e em consequência da evolução ao longo do tempo do Parque Ibirapuera como um dos principais espaços verdes de São Paulo, a Marquise conquistou uma identidade própria. Sem nenhuma alteração á sua condição física, independentizou-se tão-somente como um vazio qualificado, livre, aberto e generoso.

A marquise opera assim entre dois domínios, transitando entre ser elemento integrante de um parque urbano ou parte constituinte de um conjunto arquitetónico, potenciando ações e acontecimentos.

O espaço é simultaneamente dependente e justificado pelas restantes presenças arquitetónicas e, transcendente na sua condição de vazio, ao albergar atividades e eventos que o transfiguram deste modo num espaço suplementar, não apenas ao programa do conjunto edificado mas também do parque, elevando a sua condição inicial de simples infra-estrutura e suporte a um verdadeiro veículo para o eficiente desempenho do conjunto. Da mesma forma que, seguidamente pode regressar á sua condição de gesto articulador e expectante de atos e apropriações.

A análise desta obra é significantena medida em que Oscar Niemeyer não liberta apenas o espaço das condicionantes relativas aos usos propostos, mas sim entendendo-o como "espaço livre" produzindo um efeito libertador do espaço proposto pela Arquitetura. É concebido um lugar capaz de transcender a sua condição de interdependência de um todo, compreendendo-o como um espaço disruptivo, autónomo, ele próprio servidor da comunidade.

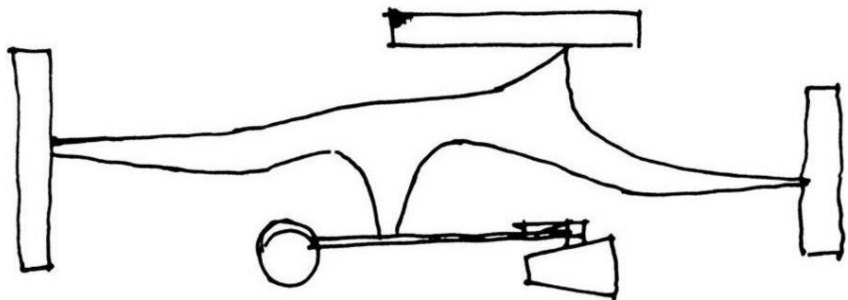
Este lugar arquitetónico é portanto um espaço infra-estrutural, não condicionador de usos e formas de utilização mas, contrariamente, operando somente como um suporte, permitindo apropriações e atividades aleatórias e uma multiplicidade de significações (significados). Contudo, não se pretende defender uma radical e completa desfuncionalização ou "inutilização" (na medida em que

não lhe é concedida uma condição de uso a priori) da linguagem arquitetônica, senão o desprendimento, em determinadas situações, das condicionantes pré-estabelecidas da arquitetura.

A Marquise do Parque Ibirapuera é um caso exemplar desta linha de pensamento teórico. Um projeto que não se cinge à resolução de conflitos e problemas, organização e definição de espaços, usos e percursos, mas que funciona como uma estrutura de suporte a utilizações humanas não-programadas potenciando as interações sociais – em suma, gerando um espaço muito urbano.

"(...) todos estão bem-vindos a deambular, compartilhar, conviver, desfrutar, chova ou faça sol, fazendo algo ou nada, simplesmente sendo, protegido mas em pleno contato com a Natureza."

(Ruth Verde Zein, 2012)



61. (em cima) Croquis do esquema do complexo cultural de autoria de Niemeyer.

62. (ao lado) Fotografia do espaço e da constante ligação com a natureza.



4.4.5 REABILITAÇÃO DO CHIADO - ÁLVARO SIZA VIEIRA

"(...) a questão das fachadas não é verdadeiramente importante, poderão ser conservadas ou não. Sinto instintivamente que o coração da remodelação do Chiado se encontra por detrás das fachadas, no interior dos blocos." ²³

(Siza Vieira, 1990)

Importa refletir sobre o projeto de reconstrução do Chiado na medida em que intervém sobre a cidade consolidada, criando permeabilidades para o interior dos quarteirões, desenhando espaços públicos – e semi-públicos – qualificados e dinamizadores da comunicação urbana pedonal configurando percursos informais de diferentes escalas e cotas.

O incêndio que assolou o Chiado a 25 de Agosto de 1988, destruiu dezoito edifícios, perfazendo um total de 10 mil m² de área ardida.

Contudo, era já precedente uma forte crise no comércio local, sendo este incapaz de competir com as grandes superfícies comerciais das periferias, algo que aliado à ausência, praticamente absoluta, de habitação para a qual o bairro teria sido dimensionado, participava no processo de desertificação do local.

O Chiado configura uma conjuntura urbana particular, atuando como charneira entre a Baixa e o Bairro Alto. Não pertencendo a nenhum deles, o Chiado é adaptação da malha pombalina que conquista a topografia.

Para além das ruínas do incêndio, o plano de Siza debruça-se igualmente sobre as perdas, mutações e apropriações sucedidas após o desastre de 1755 e a reconstrução pombalina.

63. (página oposta) Terraços do Carmo - permanências, percursos e paisagens.

23 "il problema delle facciate non m' interessava; si potevano conservare o non. Àvevo sentito istintivamente che la questione del recupero del Chiado stava dietro alle facciate, all' interno degli isolati(...)" (Siza Vieira, 1990)

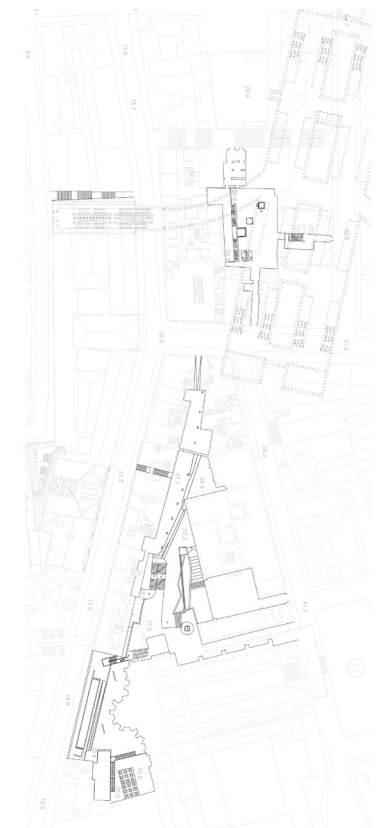
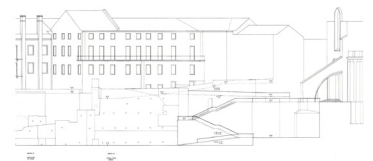
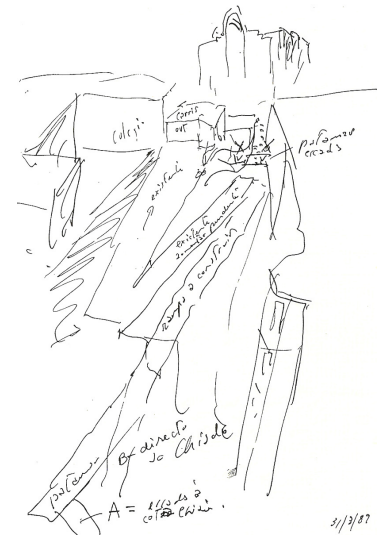
Por conseguinte, são promovidas medidas que estimulam o tráfego humano no local, nomeadamente a transformação de logradouros em pátios públicos, associados a atividades comerciais e culturais, convertendo-os em locais de permanência e passagem, esfumando os limites da malha urbana no interior dos quarteirões. Paralelamente, visando uma vivência permanente do lugar, é proposta a habitação nos pisos superiores.

A intervenção pode ser classificada em 3 momentos distintos. O primeiro momento - Bloco A (quarteirão definido pelas Ruas Ivens, Nova do Almada, Garrett e Calçada Nova de S. Francisco) – é criado, tal como foi referido, um espaço publico interiorizado (na medida em que se afasta da escala da cidade, dos barulhos e do movimento, inserindo-se na malha urbana mas de forma mais intimista), alcançável por meio de 3 perfurações nos edifícios. Criando atalhos urbanos e espaços de permanência numa zona caracteristicamente de ligação entre duas zonas distintas da cidade - a alta e a baixa.

O segundo quarteirão segue o mesmo critério de perfuração da barreira edificada, trazendo para o foro público o espaço tardo dos quarteirões. É assim recuperada uma escadaria perdida com o terramoto de 1755 e a subsequente reconstrução pombalina²⁴, conectando a Rua Garrett com o pórtico sul da Igreja do Convento do Carmo e o Largo do Carmo com as ruas a cotas inferiores do bairro.

À semelhança do quarteirão anterior, o bloco B articula um trajeto com um espaço de permanência, mas que contrariamente ao bloco A, se abre para um panorama elevado da cidade, dada a topografia da encosta.

²⁴ É possível constatar a sua presença (existência) numa gravura de Giorgio Brauno. Porém, ainda sem o conhecimento da peça, Siza, em visita ao local, assinalou a necessidade do acesso e de consolidar o portal. Este percurso, cuja pertinência foi intuído a priori e confirmada pela história a posteriori revela um pouco da verdade do lugar, com percursos informais – “caminhos de pé posto” a revelarem a essência do comportamento do utilizador perante a necessidade de deslocação em função da topografia.





64. (página oposta, em cima) Esquiço de Siza Vieira que retrata o percurso até ao Convento do Carmo.

65. (pág. oposta, ao centro) Alçado do pátio B com a escadaria de acesso ao pórtico.

66. (pág. oposta, em baixo) Planta do conjunto - os pátios e o acesso ao metropolitano.

67. (em cima) Fotografia do pátio A com o acesso á R. Ivens.

68. 69. (ao meio e em baixo) Fotografias do Autor - escala e transposição de barreiras topográficas.

Por ultimo, o Bloco C, constituído predominantemente pelos Armazéns do Chiado e Grandella, apresenta uma grande potencialidade urbanizadora no território. A integração de atravessamentos pedonais, vencendo assim a diferença de cotas, torna esta barreira edificada e topográfica permeável, agilizando o sistema de circulação. Em linha com a restante intervenção, a configuração dos acessos a estação do metropolitano da Baixa-Chiado a partir da Rua do Crucifixo e Largo do Chiado permite tirar partido da infraestrutura para aproximar os dois bairros.

Em suma, o projeto para além solucionar a questão imediata dos edifícios consumidos pelas chamas, visa igualmente definir um importante nó urbano, interligando a Baixa, o Chiado e o Bairro Alto.

“(...) ali havia alguns condicionamentos, ou alguns factos, que pediam um pouco aquela intervenção, apesar de tudo. Uma era, realmente, do corte ou do inacabado das relações com as zonas vizinhas. Nitidamente, havia um corte, cul-de-sacs, no que podia ser uma passagem clara para a parte alta da cidade. O pátio [designado como A] substitui uma série de barracos que havia, e que eram clandestinos. Permitiu um acesso, com uma relação interessante, acho eu, com as escadinhas de S. Francisco, E, depois, a porta que abre para a Rua Garrett, é quase em frente e à mesma cota do pátio do outro quarteirão, com a ligação a lá acima ao Convento do Carmo. E, ainda, uma ligação fácil à Rua Ivens. Portanto, colmatou deficiências no relacionamento, na comunicação entre várias zonas de interesse.”

(Siza Vieira, 2013)

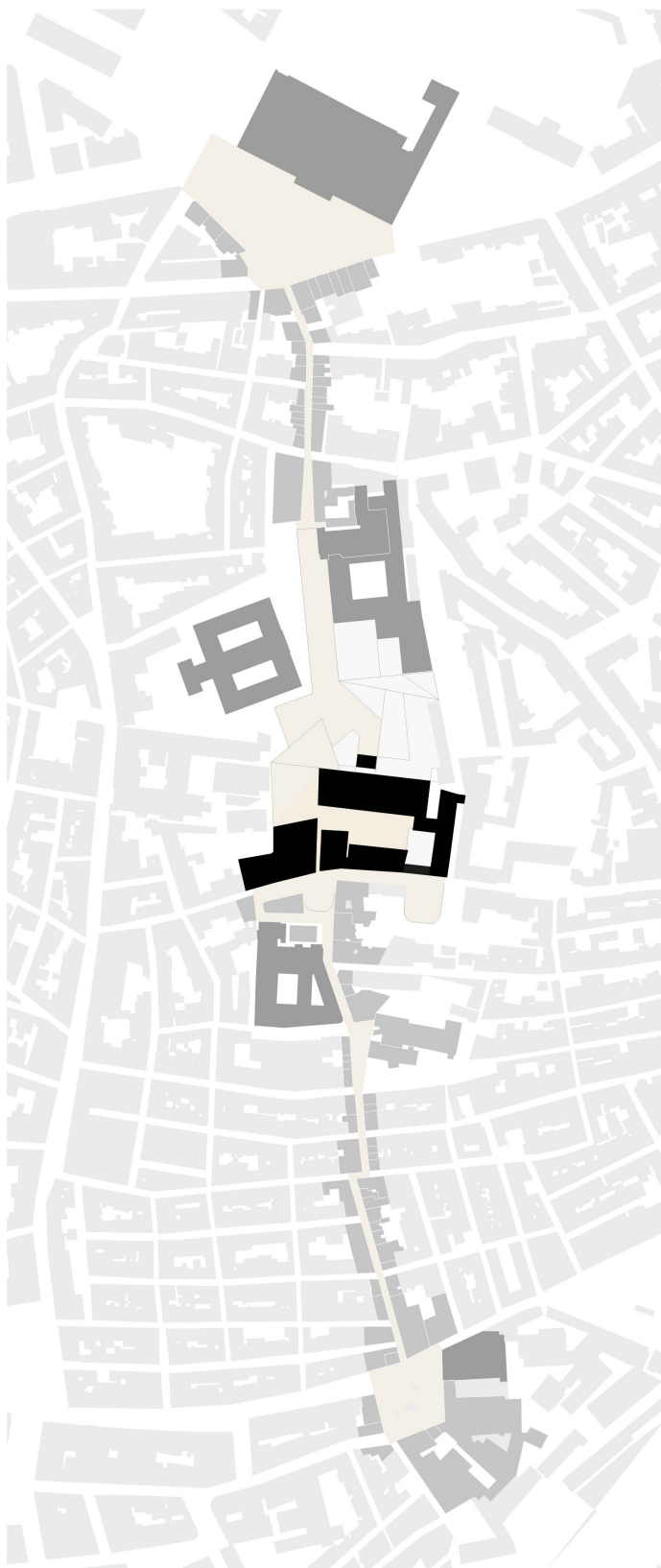
5. PROJETO

5.1 CONSIDERAÇÕES DO CONTEXTO URBANO

O Bairro Alto, o primeiro esforço consertado de expandir a cidade além das muralhas, apresenta ele mesmo, hoje, um carácter insular no diálogo com a restante cidade. Tendo sobrevivido á destruição do terramoto e pelo seu desenho ordenado, este não é incluídos nos grandes planos de reconstrução pombalina, sendo apenas consolidados os edifícios afetados, nomeadamente os que se encontram na periferia do mesmo. Esta nova construção, de escala maior que a anteriormente existente no bairro, ergue uma barreira edificada que vai dificultar a comunicação do mesmo com o restante domínio público.

A escala do espaço urbano, de génese quinhentista, é definida exclusivamente pela via pública, não existindo qualquer espaço de dilatação para a conformação de um largo ou praça. Estas são remetidas a uma implantação perimetral que reforça o maciço urbano fechado sobre si mesmo. A barreira pombalina da periferia do bairro dificulta também o diálogo das praças e jardins com o interior do bairro.

O local de projeto conforma-se de igual modo á ilharga do grande maciço edificado do Bairro Alto e é ele mesmo uma ilha urbana. Um quarteirão de grande escala, delimitado por diversos edifícios de interesse patrimonial e uma vasta clareira no tecido urbano. A ligação destas duas ilhas, visa uma transformação urbana superior á área intervencionada.



70. Atravessamento que importa enaltecer, conectando o Bairro Alto com os espaços de permanência ao longo do percurso.

5.2 DESENHO URBANO



71. Esquema da criação do Atravessamento de S. Bento a S. Roque

O estudo da evolução da expansão urbana da cidade de Lisboa e da sua malha, aliada à análise das tipologias de ocupação do espaço, desde a habitação à indústria, têm o intuito de sustentar a intervenção urbana em estudo. Este é definido pelo espaço compreendido entre a Academia das Ciências, o Liceu Passos Manuel, e os Palácios Pombal e Viscondes de Lançada, bem como os respetivos jardins, a fábrica da Cometa e o grande espaço expectante no interior do quarteirão. Por fim, também o troço da Rua do Século, assim como as praças defronte de ambos os palácios serão intervencionadas.

A proposta macro-urbana visa concretizar o prolongamento do espaço público do Bairro, criando relações de proximidade e atravessamentos entre o quarteirão e o interior do Bairro. Pretende-se consolidar a zona circundante doando ao domínio público o interior do quarteirão, instigando a urbanidade do local.

A transformação pretendida no espaço é conseguida pelo enaltecimento de um atravessamento já existente no Bairro. Tal como foi referido anteriormente, existem dois eixos de particular interesse no Bairro Alto, com afinidades com os planos para novas cidades do Império Romano. Um deles, formado por uma sucessão de arruamentos, nomeadamente a Rua João Pereira da Rosa, a Travessa dos Inglesinhos e a Travessa da Queimada, atravessa o Bairro no sentido Este-Oeste, de forma semelhante ao Decumano. Este atravessamento conectaria assim o Largo Trindade Coelho (largo da Igreja de S. Roque) na zona limítrofe da Cerca Fernandina com a praça defronte do Palácio Viscondes de Lançada, uma zona de expansão urbana sobre o campo.

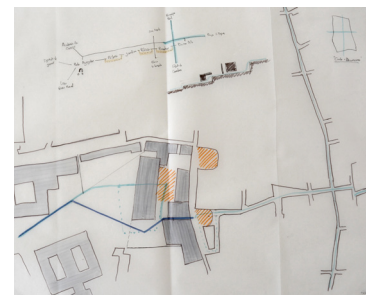
Este atravessamento apresenta uma grande capacidade de regeneração urbana e relacionamento com as áreas exteriores ao bairro. É proposta a extensão deste atravessamento transversal do Bairro Alto pelo Interior do Quarteirão em direção ao Largo de Jesus

(largo da Igreja de N^a. S^a. De Jesus) e em última instância até São Bento por dois pequenos arruamentos pedonais e uma escadaria que encontram na continuação deste eixo. É desta forma proporcionada uma ligação qualificada e intencional entre o maciço edificado do Bairro Alto e os espaços públicos de permanência em seu redor. O cruzamento do Decumano do Bairro Alto com a Rua de O Século, na praça, é igualmente importante na forma como a última perde o carácter de rua limítrofe do Bairro Alto para passar a ser um local de intersecção de diferentes velocidades da cidade e ainda de ligação direta ao Jardim do Príncipe Real.

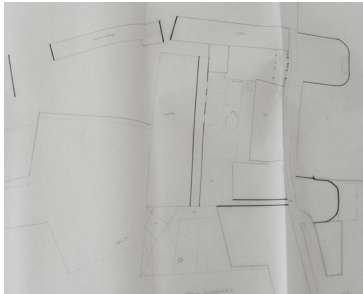
O projeto procura, através de alguns atravessamentos, fomentar a permeabilidade do interior do quarteirão com a malha urbana circundante e aproximar os diferentes domínios do espaço público local. Estes não se configuram como grandes eixos ao estilo de Haussmann, mas como concepções visuais e informais que deixam adivinhar os espaços que se encontram no interior dos quarteirões, tal como nas Economist Towers dos Smithson.

Ao olhar para a cartografia histórica do local de projeto, é perceptível a sua génese rural e de exploração agrícola, cuja testemunha nos chega aos dias de hoje sob a forma de vários espaços expectantes no interior do quarteirão que foram sendo ocupados de forma espontânea pelos edifícios que o reiam. A morfologia orgânica destes espaços, com as suas dilatações e compressões permitem relacioná-los com a forma como o utilizador interpreta o local. As dilatações impõem-se como espaços de maior permanência, enquanto as compressões, de forma geral os atravessamentos já existentes e os novos, induzem um carácter de passagem ao local.

O objetivo de consolidar a imagem da cidade é materializado na intenção do projeto de desenhar o vazio e criar novos limites, entre o público e o privado, passando pelo semi-público, conduzindo o quarteirão à definição de uma série de espaços público e urbanos, possibilitando assim diferentes apropriações do espaço pelos utilizadores.



72. Eixos Norte-Sul e Este-Oeste a cruzarem-se no interior do Bairro Alto.



No seguimento da lógica enunciada, estes configuram-se com diversas escalas e poderão ter um carácter mais vegetal – jardim – ou mineral – praça.

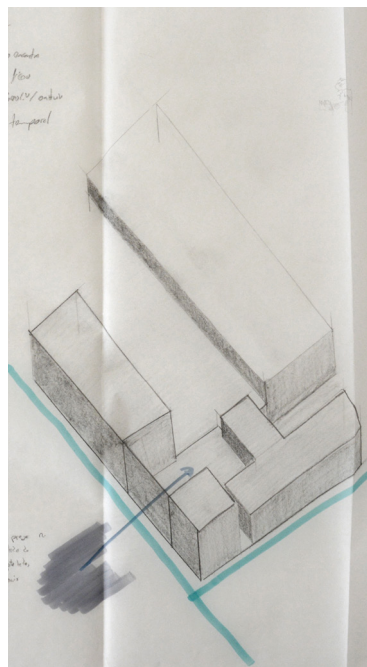
As duas praças que se encontram na Rua do Século, defronte dos Palácios Pombal e Viscondes de Lançada, manterão o seu carácter formal e cénico, sendo apenas na praça junto do Palácio Pombal que se desenha um espelho de água, que aliado às quatro árvores de grande porte que se encontram no local, lhe dão um carácter mais Natural. O espelho de água, ao nível do primeiro degrau da fonte, desenhada por Carlos Mardel, configura-se como um banco na sua zona mais próxima da via, graças á ligeira inclinação do pavimento.

Já no interior do quarteirão, podemos apontar uma série de diferentes espaços que se implantam a diferentes cotas, construindo assim plataformas, habitáveis e urbanas. O desenho em plataforma surge como resposta á topografia do terreno. As novas plataformas dialogam assim com a forma como os palácios se instalaram na colina, produzindo socalcos, ajardinados, para disfrutar da vista e insolação, que configurarão alguns dos espaços propostos.

Simultaneamente, é também uma resposta á orografia da cidade de Lisboa. O casario lisboeta sempre se implantou na colina a olhar para o Rio, para sul, com ruas e praças a cotas sucessivamente mais elevadas.

Um dos atravessamentos propostos relembra a entrada para o complexo edificado do Palácio Pombal, com a abertura dos dois grandes arcos já existentes no troço de fachada falsa, ligando assim a praça sobre a qual se vira o pátio interior, que liga os diversos edifícios.

Propõe-se a reabilitação integral do complexo palaciano sendo os volumes a Norte compostos por habitações nos pisos superiores, comércio no piso térreo que se abre sobre o pátio, e espaços de trabalho e escritório nos pisos térreo e inferiores, a oeste.



73. (em cima) Atravessamentos propostos e novos eixos no interior do quarteirão.

74. (em baixo) Ligação da praça ao pátio do Palácio Pombal.

Para o volume principal do palácio, é proposta uma unidade hoteleira que permite manter a noção de unidade do palácio sob a forma de uma tipologia de habitação de curto espaço de tempo.

O atravessamento que se desenha na continuação do Decumano do Bairro Alto, abre-se sobre um espaço entre os palácios e a fábrica, que de forma semelhante á sua utilização original, configura um jardim. Este atravessamento aparece num espaço intersticial, entre o antigo volume sul do Palácio Pombal e o Palácio Viscondes de Lançada. Aquando da construção do novo edifício do jornal "O Século" , mantém-se este vestígio de uma ligação da via pública ao interior do quarteirão. É proposta uma escadaria que vence a cota entre o jardim e a rua, bem como uma cobertura sob a forma de um volume, que se assemelha a um corte na diagonal do maciço construído, formando um espaço de perfil triangular que configura uma entrada de luz zenital, vinda de Sul, que vem banhar a parede de betão branco. O jardim que se divide em duas cotas diferentes, permite o acesso á fábrica na cota inferior e ainda á plataforma inferior junto do Liceu Passos Manuel.

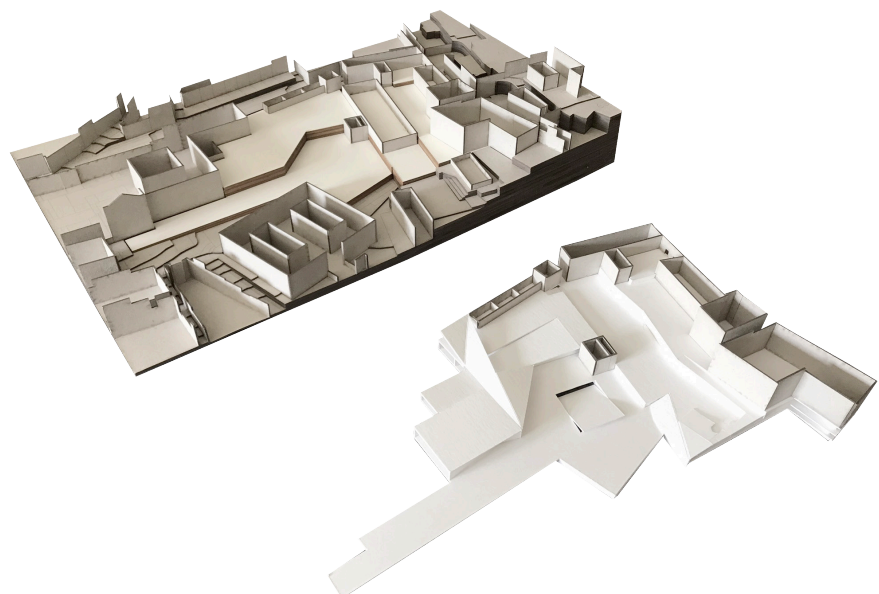
O edifício de expansão do jornal "O Século" , apresenta uma planta livre, ideal para uma redação e, nos modelos contemporâneos bastante adaptável a um programa de espaços de co-working. Respondendo á necessidade de unidades habitacionais, é proposto o uso integral do Palácio Viscondes de Lançada para habitações, com excepção do piso térreo, onde o comércio e serviços se abrem sobre a praça.

Também a fábrica será composta por um programa de habitação, complementada por espaços de trabalho numa lógica que se relaciona com a produção cultural do Bairro Alto. Para os topos do volume, são propostos comércio e serviços que complementam as plataformas sobre a qual se abrem. Ao nível térreo da fábrica, é rasgado um atravessamento no sentido Norte-Sul, ligando o pequeno pátio a Norte com o jardim a Sul assim se perfazendo o acesso ás unidades de habitação, numa relação direta e sensorial, ainda que não visual,

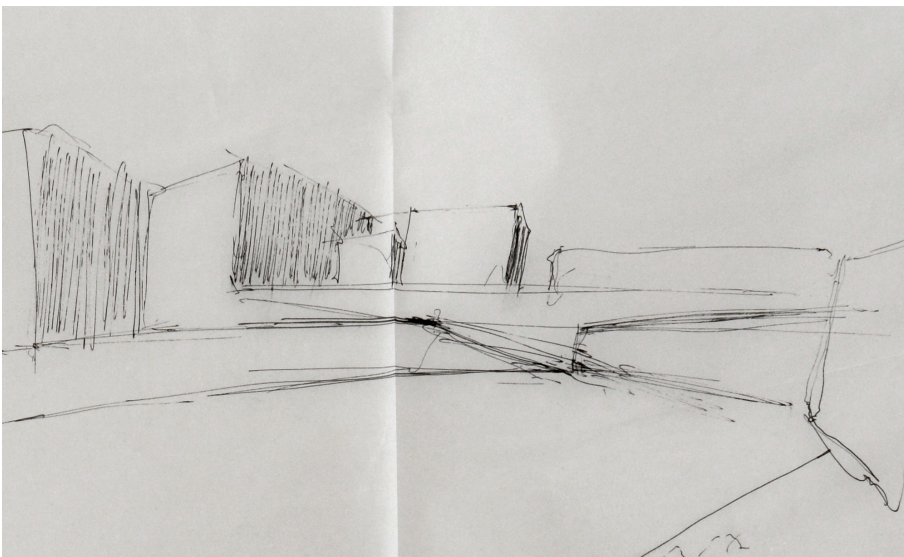
com o jardim que se encontra a uma cota superior.

Por fim, no vazio a poente, desenha-se um espaço que permanece livre, uma praça e jardim, que lembram a sua origem rural e de produção agrícola, uma antiga horta que nos chega aos dias de hoje, neste espaço esquecido pela consolidação urbana do centro da cidade.

A continuidade é promovida pela utilização do mesmo pavimento ao longo de todo o plano urbano – lajetas de lioz serrado de largura variável. O emprego do mesmo pavimento na zona compreendida pelas pracetas e o troço de rua entre estas, inclusivamente na via automóvel, cria um espaço unificado que enaltece os valores patrimoniais dos edifícios que o definem. Este pavimento, propaga-se então para o passeio da Rua da Academia das Ciências e para o interior do quarteirão, cozendo os diversos espaços e o edificado, através da definição da sua contenção e pavimentação.



75. Maquete de trabalho do plano urbano assinalando a continuidade e unificação do espaço no interior do quarteirão.



76. Perspectiva da praça a olhar sobre as plataformas e a Academia das Ciências.

5.3 PRAÇA

Com a demolição das construções precárias no terreno expectante surge, uma clareira no interior do quarteirão, na qual se desenha uma praça delimitada por 3 grandes construções – a fábrica, a Academia de Ciências e o Liceu Passos Manuel. Pretende-se uma relação formal com os edifícios que conformam o espaço e as plataformas. Estas desenham-se, assim, como um embasamento, um plinto, de encenação perspéctica, enaltecendo e enfatizando o edificado construído. A praça, que se constrói em duas plataformas assenta então sobre um equipamento público, um Pólo cultural e comunitário. Desta forma, é configurado um vasto espaço de permanência, uma praça que colmata o eixo transversal que se pretende promover e um equipamento ativador de urbanidade e encontro social no local. A intersecção de diferentes atividades – a educação, cultura, lazer, religião, trabalho e habitação - habilitam este espaço á convivência social de diferentes grupos etários e demográficos, que lhes conferem urbanidade, instigando um grande fluxo de utilizadores ao longo das várias fases do dia.

A praça e jardim propostos implantam-se no que tomei a liberdade de chamar de “Positivo da Forma” . A sua superfície superior (exterior), suportada pelo volume que desenha as plataformas, configurando assim o “Negativo da Forma” , o qual é ocupado pelo equipamento proposto, em permanente diálogo com a praça que suporta e sobre a qual se abre. Podem ser encontradas afinidades com os espaços escavados no muro que suporta o jardim superior do Palácio Pombal, conformando uma fonte e locais de refresco para os jardins.

“Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação de espaço, as condições que levam à ocupação de determinados locais.”

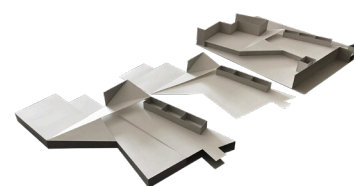
(Cullen, 1971)

A simbiose do espaço entre elementos minerais (praça) e vegetais (jardim), configura um lugar de encontro e lazer. A plantação de árvores de pequeno porte e a colocação de bancos no espaço, tornam-no mais aprazível para quem o percorre, permitindo ao utilizador parar, estar, e descansar, promovendo as relações interpessoais no local.

Da necessidade de inserir a praça no tecido urbano do Bairro Alto, surgem então alguns pontos de acesso, nomeadamente junto da fábrica, da Academia das Ciências e da Igreja de N.ª. S.ª. De Jesus, para além das rampas que se ligam às restantes plataformas.

O atravessamento que adquire maior relevância será o que se encontra a Norte, conectando a praça com a Rua da Academia das Ciências. Este aparece na transição entre os edifícios de escalas assumidamente opostas – a academia e uma banda de pequenas habitações. Dá-se então uma dobra do plano da plataforma, que conforma uma cobertura, ligando as cotas do topo da fachada ao nível da rua, iniciando desde logo a compressão que irá conduzir à entrada do equipamento sob a forma de duas escadarias que vencem a diferença de cotas entre as plataformas. Perpendicularmente a este atravessamento, são desenhadas duas rampas, como que forçadas pelo plano da cobertura que se desdobra, criando assim um patamar intermédio e um acesso a um grande portal do convento.

A única construção que importará manter no local, será a antiga casa do reitor do Liceu Passos Manuel, que será incorporada no espaço do equipamento. Este patamar conduz uma rampa, que desce das plataformas superiores à entrada do equipamento, sendo na continuação da linha que define o patamar superior do Largo de Jesus que se desenha o limite da plataforma, que se faz também valer da cobertura de um pavilhão desportivo aí existente.



77. Maquetes da configuração das plataformas e do desdobraimento do plano para formar uma cobertura.

5.4 EDIFÍCIO | INFRAESTRUTURA

Interessa perceber que, no Bairro Alto, existe a falta de um espaço onde as pessoas possam realizar atividades do domínio público. Urge resolver a carência de uma infraestrutura capaz de albergar as atividades da vida quotidiana pública, com o acréscimo da sua utilização ao longo de todo o ano, independentemente do clima, facilitada por ser um espaço interior, coberto.

A resposta programática ponderada, pretende configurar-se como uma grande infraestrutura pública, uma continuação do espaço público do bairro alto e da praça idealizada, que remete para uma apropriação livre do espaço por parte do utilizador – um verdadeiro espaço universal.

O edifício é conformado por um grande vazio, conseguido através da escavação integral do terreno, desenvolvendo-se o programa inteiramente ao nível do piso térreo e abaixo deste. No interior deste oco é idealizado um plano contínuo, que se desdobra numa série de rampas, criando a possibilidade de um percurso contínuo através do edifício. Este plano dobrado, idealizado como uma continuação do plano da praça, promoverá um diálogo permanente entre ambos.

É ao longo deste espaço, em parte em rampa e em parte plano, que se pretende que diferentes usos se desenvolvam, podendo este ser palco de atividades tão diversas como exposições, concertos, aulas, e outras atividades culturais, e/ou ainda concentrações sociais (mercados, convívios, entre outros).

O plano da cobertura é então resultado do trabalho sobre as inflexões do plano da plataforma superior e o plano da base é consequência da aproximação do plano da praça, que se desdobra pelo edifício.

As rampas, ao aproximarem-se do último piso, obrigam à criação de uma depressão neste último plano, que conforma uma rampa que se vira sobre um plano de nível no fundo desta, desenhando assim espaços passíveis de ser utilizados como auditórios (contudo apresentando um desenho informal).

A suportar todos estes planos, encontramos uma série de volumes soltos com uma escala idêntica à estrutura fundiária do Bairro Alto, como se de construção do local se tratassem, sobre a qual assentam os planos. Estes volumes, além de suportarem a nível estrutural os planos, são também os espaços contidos no interior destes, servidores do espaço público projetado, ora contendo funções essenciais à normal utilização da infraestrutura, tal como acessibilidades e instalações sanitárias, ora contendo serviços que complementam a vivência do local como um restaurante, uma loja, uma livraria/biblioteca ou pequenos espaços de exposição e atividades ligadas às artes, com entradas de luz zenital. A resposta cultural promovida pelo espaço, pretende relacionar-se com a cultura e história do Bairro Alto, promovendo a produção artística que ainda hoje representa um grande papel na vida cultural e social do Bairro.

Quanto à materialização, podemos dividir o construído em quatro elementos distintos conceptualmente – Invólucro de contenção, planos rampeados, cobertura triangulada e reutilização da casa do reitor.

O invólucro de contenção, que permite a existência deste espaço maioritariamente subterrâneo, é formado por uma estrutura de betão.

Uma parede exterior, do tipo Parede de Berlim, que permite conter o solo e uma parede interior, de acabamento, em betão branco aparente.

Os planos em rampa que conformam o percurso pelo espaço são lajes de betão aligeiradas recorrendo ao sistema Cobiax.

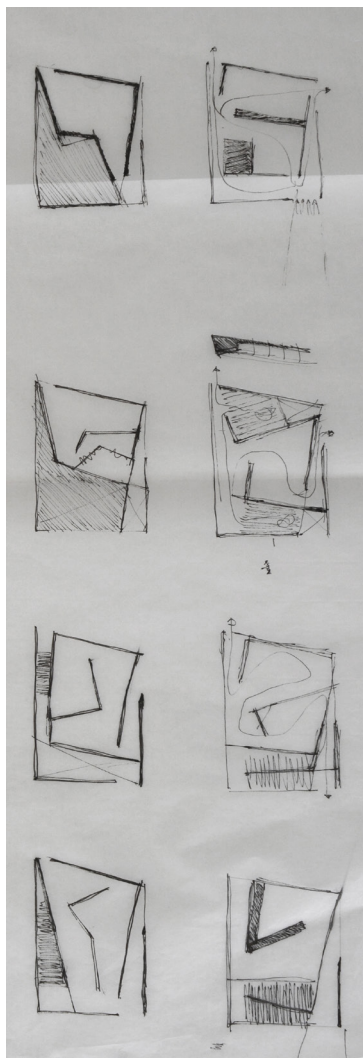
Estas são aparentes no lado inferior, dado este sistema permitir um acabamento uniforme na face inferior da laje. Estes são revestidos pelas mesmas lajetas de lioz serrado que se espraiam por todo o local do projeto, resultando numa continuidade matérica com a praça e os restantes espaços, que vem refletir a intenção de unificação e continuidade do espaço, promovida por este projeto.

Os volumes soltos apresentam uma estrutura em betão negro, aparente no interior destes e revestida pelo exterior a mármore negro. Os elementos adicionados ao interior destes espaços serão de madeira Kambala, contrastando com a estrutura negra, e introduzindo um elemento de origem vegetal no mundo maioritariamente mineral, que é o interior do espaço desenhado.

A cobertura do espaço, o negativo das plataformas que configuram a praça apresenta um ceilingscape triangulado possibilitado por uma estrutura mista conformada por uma treliça metálica que suporta uma laje inferior, formando o teto, em betão branco aparente e cofragem de tábuas de madeira de largura variável, acrescida de uma laje superior que suporta a praça.

Por fim, a casa do reitor é integrada no discurso do projeto, transformada num poço de luz e delimitando no percurso uma exceção – um espaço que se desenvolve sobretudo em altura e iluminado por uma cobertura em vidro. É evidente a influência francesa no desenho do objeto, nomeadamente na cobertura em mansarda convexa, forrada a shingles de ardósia, estilo escama de peixe.

Sob o ponto de vista da construção, é retirado todo o “miolo” do edifício, sendo apenas mantidas as paredes exteriores, e a cobertura em shingles.



78. Diversas iterações da configuração espacial de um dos volumes estruturais.

É feito um reforço estrutural das paredes exteriores recorrendo ao seu escoramento a uma parede de betão. Estas assentam sobre um anel de betão, que descarrega sobre duas lâminas de betão e o volume no tardo da construção, que resolve o espaço intersticial existente entre a casa e a fábrica. A cobertura de vidro do poço de luz é então desenhada por caixotões metálicos, conseguidos com vigas metálicas de perfil em V que filtram e emolduram a entrada de luz zenital do volume.

A robustez construtiva encontra-se alinhada com o ideal infraestrutural do espaço – capaz de acomodar os mais diversos usos. As diferentes conformações espaciais, dimensão, altura e forma, possibilitam assim a existência de diferentes atividades que se desenrolam no espaço que melhor as servir.

CONCLUSÃO

O carácter insular do território do Bairro Alto, que se cimentou nos últimos séculos, justifica a pertinência da regeneração urbana do sítio. Urge, então, uma requalificação do espaço urbano, que reúna a pluralidade das estruturas e conformações urbanas que, consecutivamente, se foram impondo sobre o território.

A cidade, como palimpsesto das diferentes épocas que a desenharam, infere uma estratégia de vinculação dos diferentes traçados, que deve ir no sentido de beneficiar das suas diferenças, na criação de ligações significantes entre estas.

A proposta promove a consolidação de um eixo informal, capaz de trazer para si um espaço público qualificado, que assim contribua, para uma regeneração macro-urbana e para uma melhor vida social no espaço público de quem habita o local.

Resgatando a memória da sua génese rural, e posteriormente da implantação dos jardins, o projeto procura retirar o interior do quarteirão da condição de vazio expectante, anexando-o à malha urbana do local e construindo-o como um vazio estruturante, capaz de dar sentido ao espaço público e ao edificado que o envolve.

Centrando-se o projeto sobre o desenho do espaço público, o elemento elaborado dirige-se á comunidade, procurando dar resposta á falta de um local capaz de servir a população nas suas várias necessidades sociais – uma infraestrutura, que de forma livre, alberga os diferentes usos da vida quotidiana e da produção cultural do Bairro Alto

Olhando para o passado e para a Reabilitação do Chiado de Álvaro Siza Vieira, considerandos o espaço e as vivências que podemos testemunhar hoje, propõe-se que a abordagem deste tema se estenda a outros locais da cidade, olhando para os interiores de quarteirões - espaços esquecidos na cidade, como forma de a revitalizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Maria Helena e **PORFÍRIO**, José Luís - Arte Portuguesa : Da Expressão Romântica à Estética Naturalista. Lisboa, Fubu Editores, 2009

CALADO, Maria; **FERREIRA**, Vitor Matias – Lisboa freguesia da encarnação (Bairro Alto) Lisboa: Contexto Editora, 1992

CARITA, Hélder [et al.] - Bairro Alto :Mutações e Convivências Pacíficas. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa, 2012

CARITA, Hélder - Bairro Alto – Tipologias e Modos Arquitectonicos, ed. Da Câmara Municipal de Lisboa, 1990

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís - Carrilho da Graça: Lisboa. Lisboa: Dafne Editora, 2015

CHOAY, Françoise - Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2010

COLEMBRANDER, Bernard - Chiado, Lisbon : Álvaro Siza and the strategy of memory. Rotterdam: Dutch architectural institute, 1994

COLQUHOUN, Alan - Modern Architecture. Oxford: Oxford University Press, 2002

CUSTÓDIO, Jorge [et al.] - O Livro de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte, 1994

FERNANDES, José Manuel – A Arquitetura do Principio do Século em Lisboa: 1900-1925: levantamento e classificação da arquitetura do 1º quartel do séc. XX na cidade de Lisboa- Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1991.

FRAMPTON, Kenneth - Modern Architecture: A Critical History. Londres, Thames & Hudson, 1990.

GIDEON, Sigfried - Building in France, Building in Iron, Building in Ferro-Concrete . Los Angeles: Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1995

LYNCH, Kevin – “Image of the City” .Massachusets: The MIT press, 1960

PARSONS, Adam - small scale, BIG CHANGE : Urban Acupuncture as a strategy for sustainable regeneration, Portsmouth, University of Portsmouth, 2007

RASMUSSEN, Christina - Participative design & planning in contemporary urban projects. Aalborg University, 2012

ROWE, Colin; **KOETERS**, Fred - Collage City, Cambridge / Londres, The MIT press, 1978

SHIDAN, Cheng; **QIAN**, Sun - "Urban Acupuncture" Strategy in the Urban Renewal, Wuhan, Wuhan University, 2011

SOLÁ-MORALES, Manuel – A Matter of Things. Roterdão: NAI Publishers, 2008.

SIZA, Álvaro – Chiado em Detalhe. Lisboa: Babel, 2013.

TELES, Baltasar – Chronica da Companhia de Jesu na provincia de Portugal...Lisboa vol2: Paulo Craesbeeck, 1645-1647

PERIÓDICOS

DOESBURG, Theo van - "Towards a Plastic Architecture" in De Stijl nº6/7. Roterdão, 1924

HERZOG, Jacques; **DE MEURON**, Pierre - "Herzog & de Meuron 2005/2010 - Programme, Monument, Landscape" in El Croquis nº 152/153. Madrid: El Croquis Editorial, 2010.

MIRANDA, António; **JANEIRO**, Helena Pinto - "O Palácio dos Carvalhos da rua Formosa" in Camões revista de letras e culturas lusófonas nº 15 e 16. Lisboa: Instituto Camões, 2003.

NISHIZAWA, Ryue; **SEJIMA**, Kazuyo - "SANAA 2008/2011 - Inorganic Architecture" in El Croquis nº 155. Madrid: El Croquis Editorial, 2011.

SIZA, Álvaro - "Progetto di recupero per l'area del Chiado, Lisboa"
in Domus nº 714. Milão: Editoriale Domus, 1990.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

ARQUITEXTOS, A marquise do Parque Ibirapuera e manifestação do conceito derridiano "entre" : arquitetura como suporte de ações

Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/371>
Acedido a 20 de Dezembro de 2017

AU, Arquitetura e Urbanismo, A Marquise do Ibirapuera

Disponível em <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275965-1.aspx>
Acedido a 19 de Dezembro de 2017

DOMUS, Rolex Learning Centre by SANAA, Lausanne

Disponível em <https://www.domusweb.it/en/news/2010/02/18/rolex-learning-center-by-sanaa-lausanne.html>
Acedido a 22 de Dezembro de 2017

CML, Câmara Municipal de Lisboa

Disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia>

CML, Hemeroteca Digital

Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

DOMUS, Rolex Learning Centre by SANAA, Lausanne

Disponível em <https://www.domusweb.it/en/news/2010/02/18/rolex-learning-center-by-sanaa-lausanne.html>
Acedido a 22 de Dezembro de 2017

VIMEO, Câmara Municipal de Lisboa - Entrevista ao arquiteto Siza Vieira

Disponível em <https://vimeo.com/99233942>

BATISTA-BASTOS, Armando - Breve memória do bairro dos jornais e de mim próprio.

Disponível em <http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/baptista-bastos/detalhe/breve-memoria-do-bairro-dos-jornais-e-de-mim-proprio>

ENSINA, RTP - Documentários acerca do Desenvolvimento Industrial em Portugal

Disponível em <http://ensina.rtp.pt/?s=industria>

SENHORIAL, A Casa - Palácio Pombal

Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/index.php/casas-senhoriais/pesquisa-avancada/39-fichas/349-palacio-pombal>

VISÃO, Jornal - Bairro Alto: Que é feito dos jornais?

Disponível em <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/bairro-alto-que-e-feito-dos-jornais=f649723>

CULTURAL, Direcção Geral do Património - Antigas Instalações do Jornal O Século

Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/327880>

ANEXOS

Anexo I - Cartografia Histórica de Referência

Anexo II - Levantamento de Desenhos Arquitetônicos

Anexo III - Registo Fotográfico

ANEXO I - Cartografia Histórica de Referência

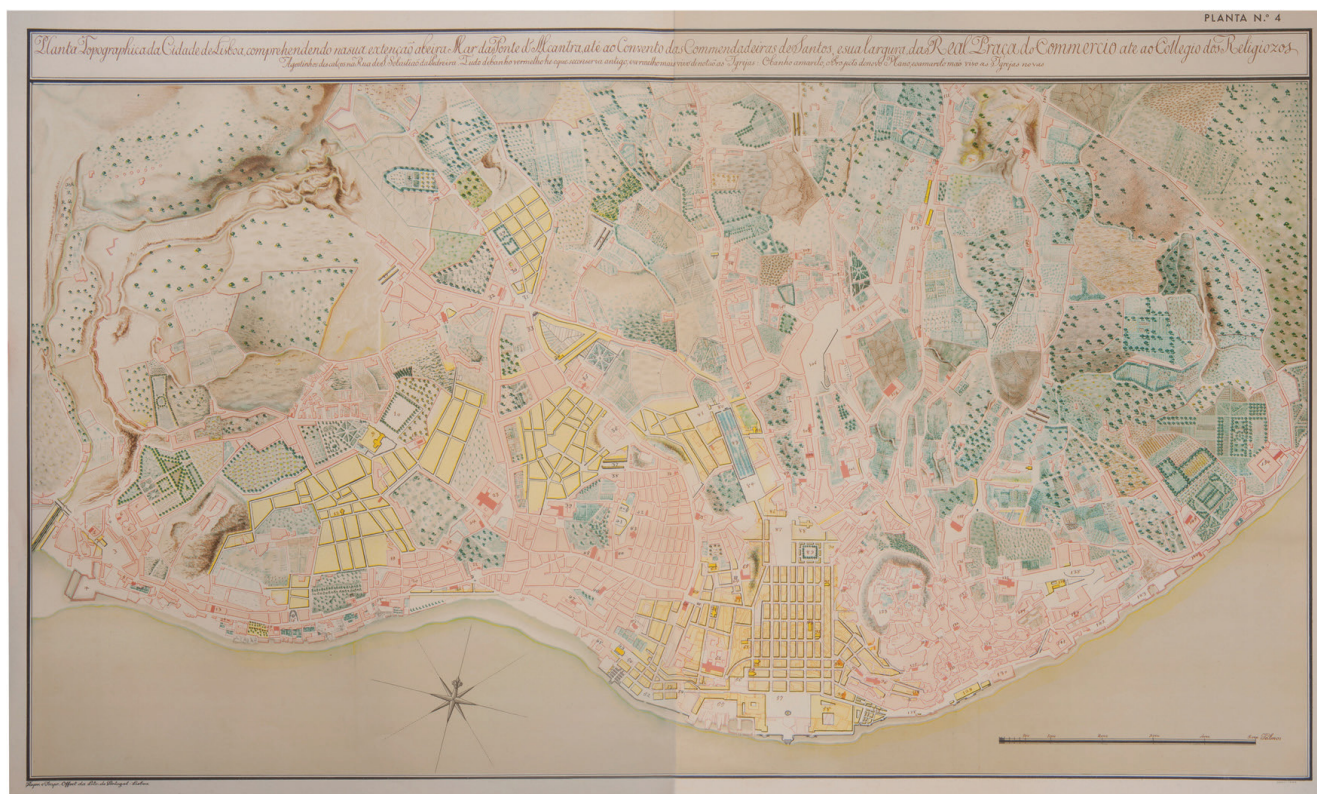
Nota: Registo das informações cartográficas disponíveis da evolução da cidade, na sua relação com o Bairro Alto, com o Aterro da Boavista e com o Rio.

Séc. XVI | *Theatrum Urbium* - Vista de Lisboa de J. Braunio. Adivinha-se a urbanização do Bairro Alto com um conjunto de edificações a Poente da Porta de S. Catarina.



Vista de Lisboa no século XVI, segundo o THEATRUM URBIVM de J. Braunio.

1780 | Planta Topográfica da Cidade de Lisboa. Instituto Português de Cartografia e Cadastro.



1843 | Planta da Cidade de Lisboa de F. Perry Vidal. Biblioteca Nacional.



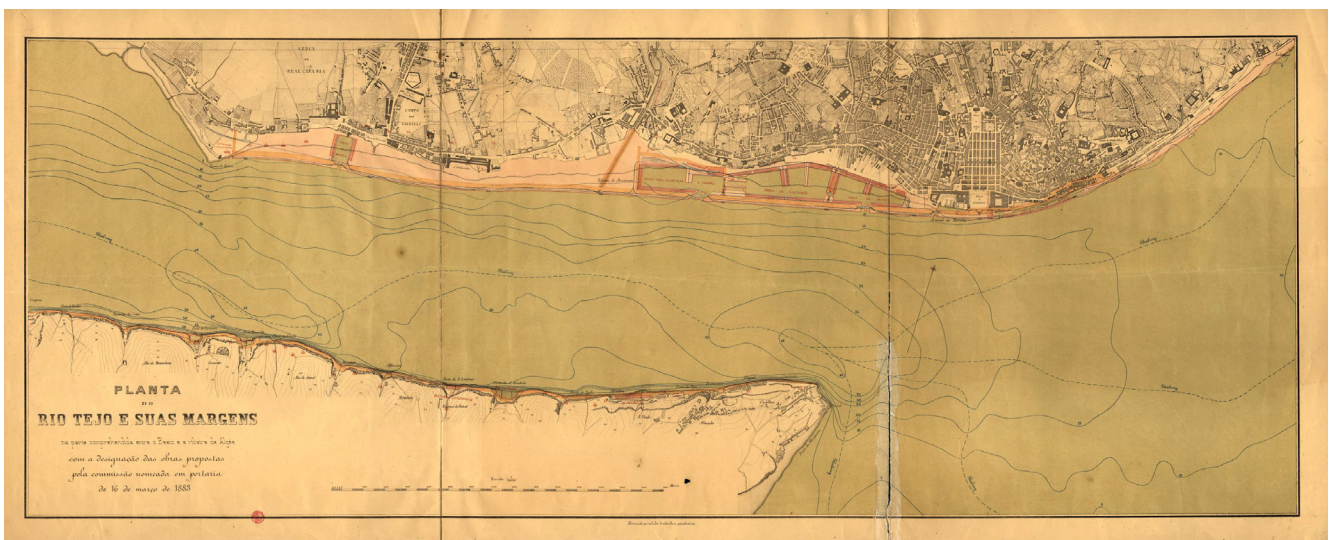
1856 | Levantamento da Cidade de Lisboa de Filipe Folque, detalhe da zona do Aterro da Boavista e do Bairro Alto ao centro. Arquivo Municipal de Lisboa.



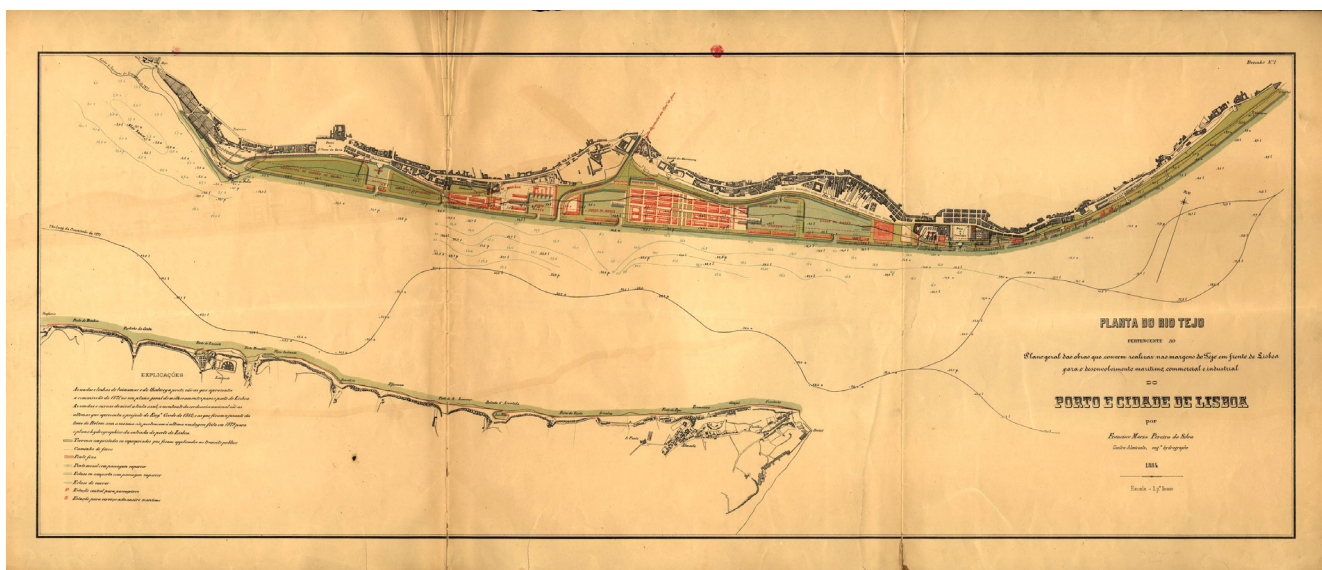
1856 | Levantamento da Cidade de Lisboa de Filipe Folque, quadrícula referente ao local de projeto. Arquivo Municipal de Lisboa.



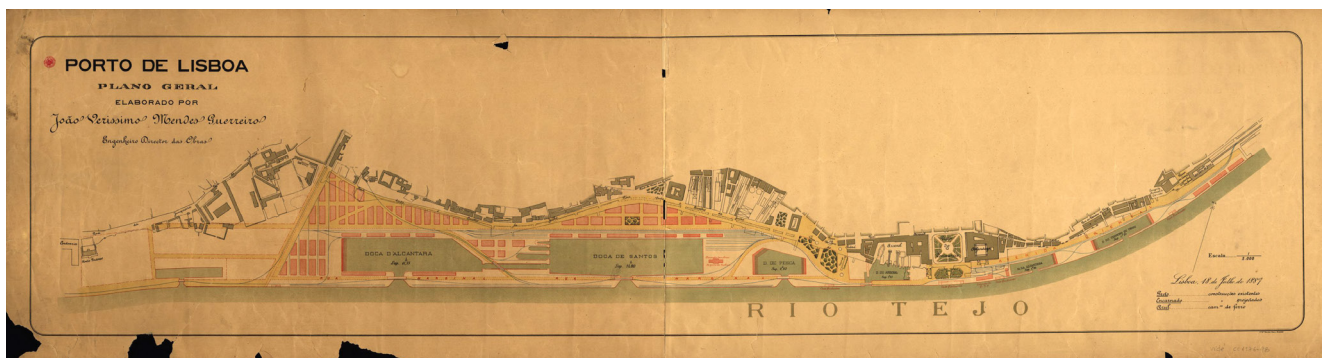
1883 | Planta do Rio Tejo e das suas margens com obra proposta para a zona do Aterro. Arquivo Municipal de Lisboa.



1884 | Planta o Rio Tejo com proposta para o Porto de Lisboa e a sua relação com a primeira linha de cidade a Norte. Arquivo Municipal de Lisboa.



1887 | Planta Geral da proposta do Porto de Lisboa. Arquivo Municipal de Lisboa.



1884 | Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa de 1856 com as Cercas do Castelo de S. Jorge, Moura e Fernandina. Arquivo Municipal de Lisboa



1885 | Planta da Cidade de Lisboa de J.F.N. Palha. Biblioteca Municipal de Lisboa.



1904 - 1911 | Levantamento Topográfico
de Silva Pinto. Arquivo Municipal de
Liboa.



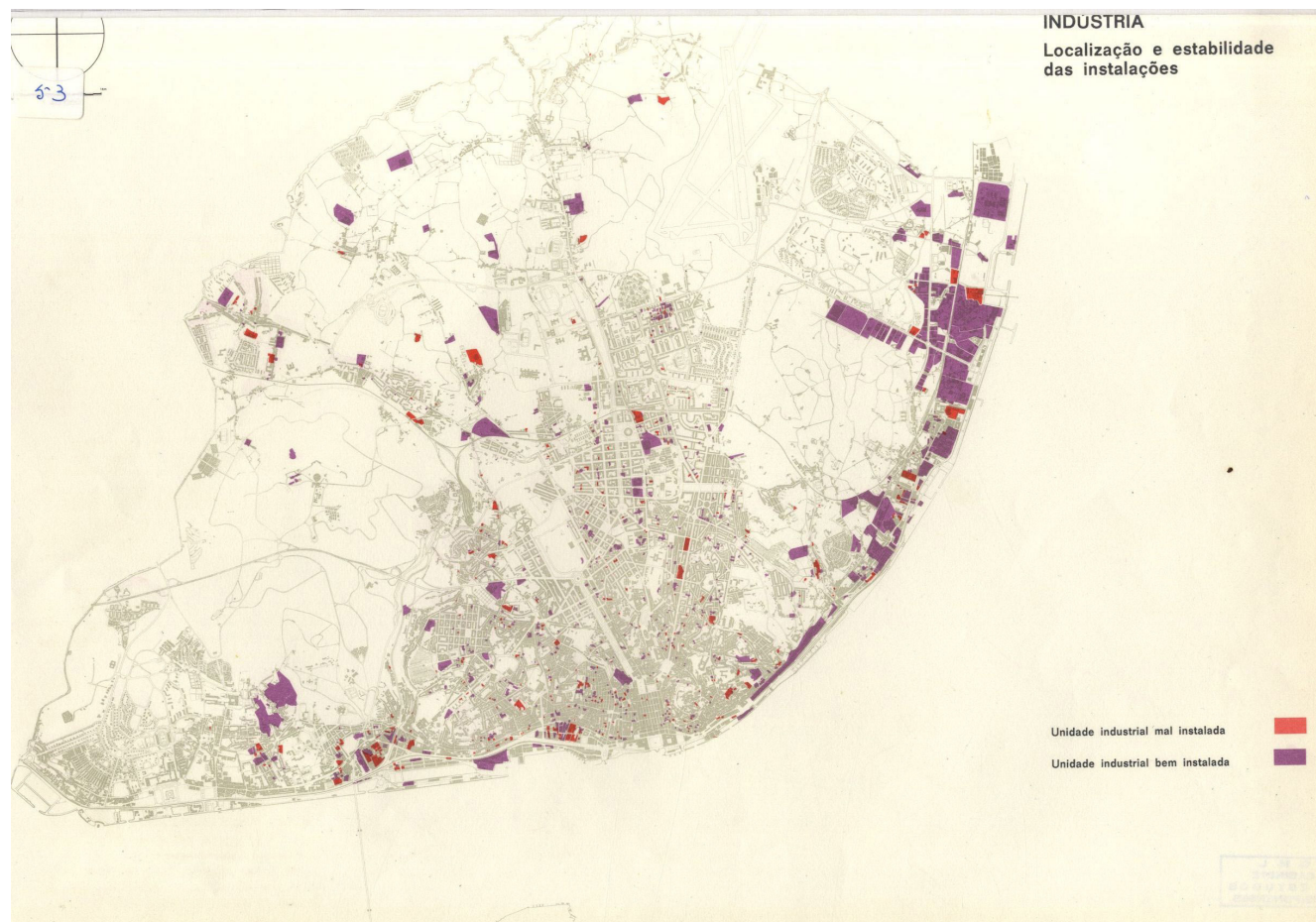
1904 - 1911 | Levantamento Topográfico de Silva Pinto, quadricula referente ao local de projeto. Arquivo Municipal de Liboa.



1871/1911 | Extracto da Carta Topográfica de Lisboa de 1871 com sobreposição a encarnado das alterações feitas até 1911. Instituto Português de Cartografia e Cadastro.



1950 | Localização e Estabilidade das Instalações Industriais da cidade de Lisboa. Gabinete de Estudos Olissiponenses.



1949 | Planta da Cidade. Quadrícula referente ao local de Projeto. Câmara Municipal de Lisboa.

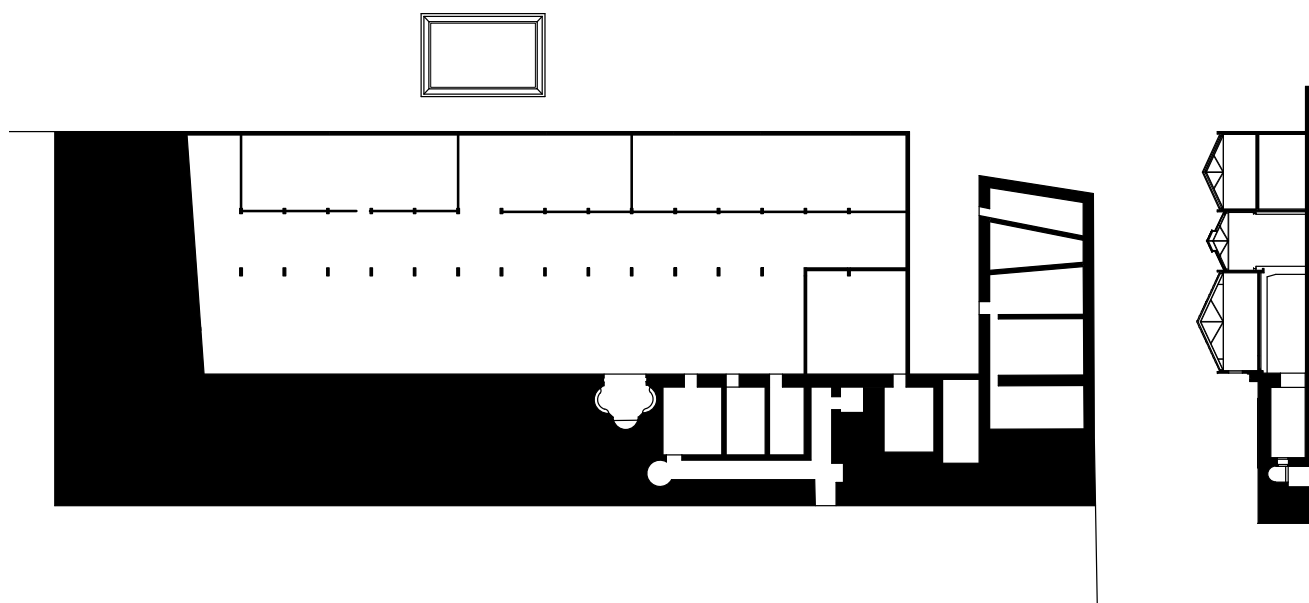


2015 | Caminhos de Festo (vermelho) e de Vale (azul), Castelo, Cerca Moura, Cerca Fernandina, cercas de conventos e limites de propriedade de Palácios e Quintas. in Carrilho da Graça: Lisboa

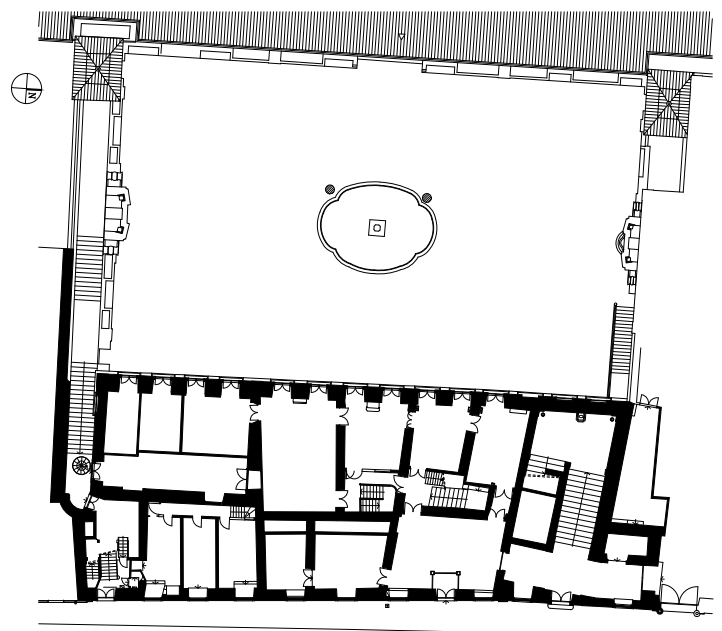
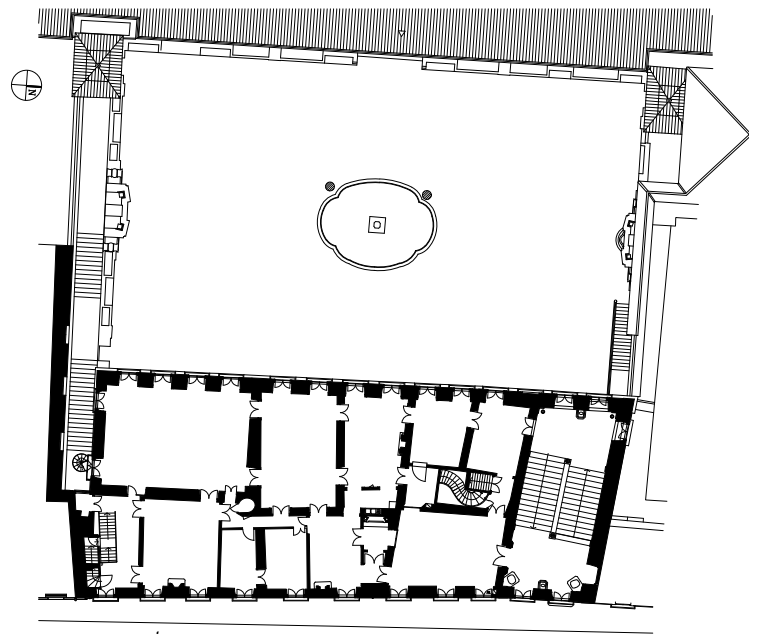


ANEXO II - Levantamento de Desenhos Arquitetônicos

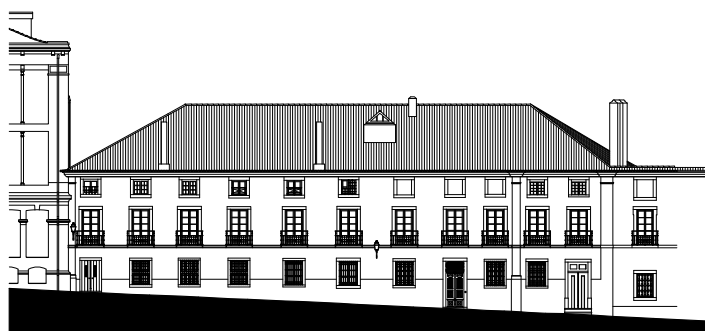
Planta e Corte da Fábrica da Cometna
- elaborada pelo autor



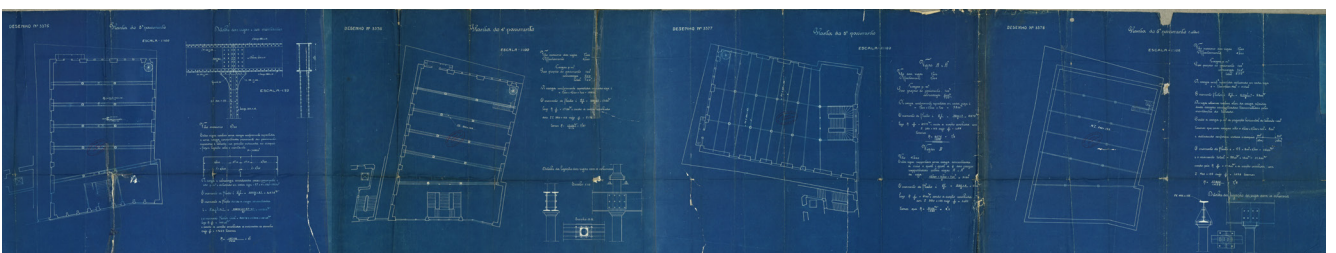
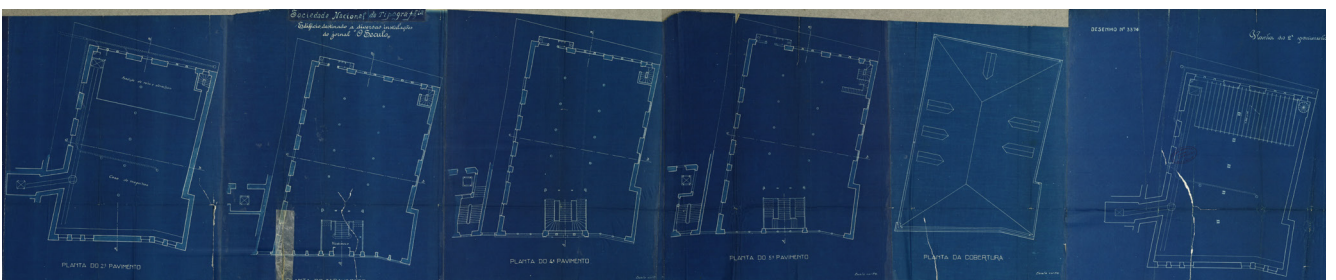
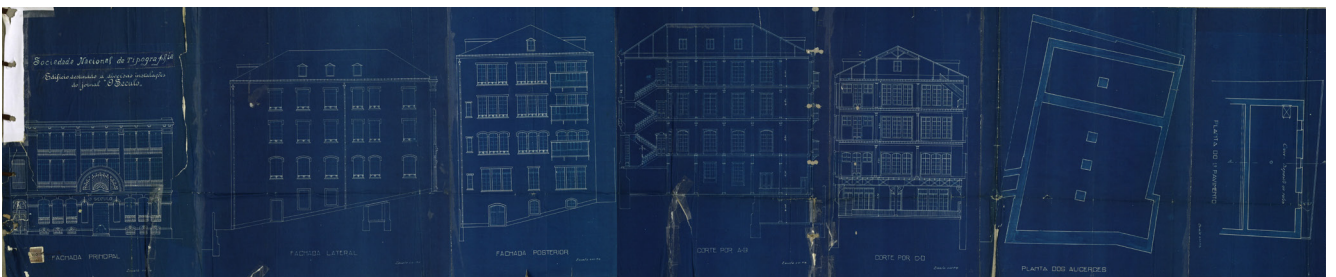
Planta do Piso Térreo e Piso Nobre do Palácio Pombal. Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana



Alçado Frontal e Posterior e Corte Transversal pela Escadaria Nobre do Palácio Pombal

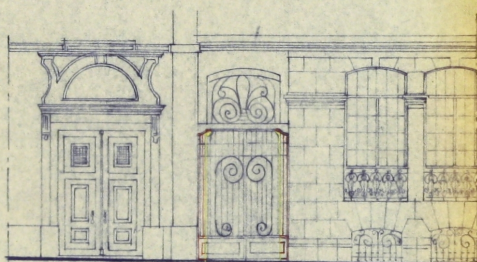


Deseños do novo Edifício do jornal
"O Século"

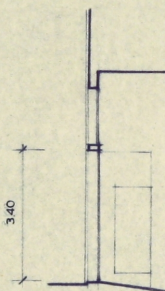


ALTERAÇÃO AO PORTÃO Nº 61 DA RUA DE 'O SÉCULO'
SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA

ESCALA 1:100

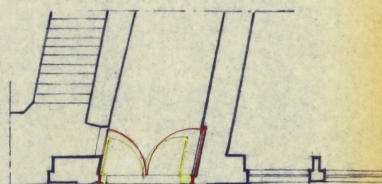


ALÇADO



CORTE

Folha 3
Proc.º 2878/1966



PLANTA

SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
O ADJUNTO AO COMISSÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO



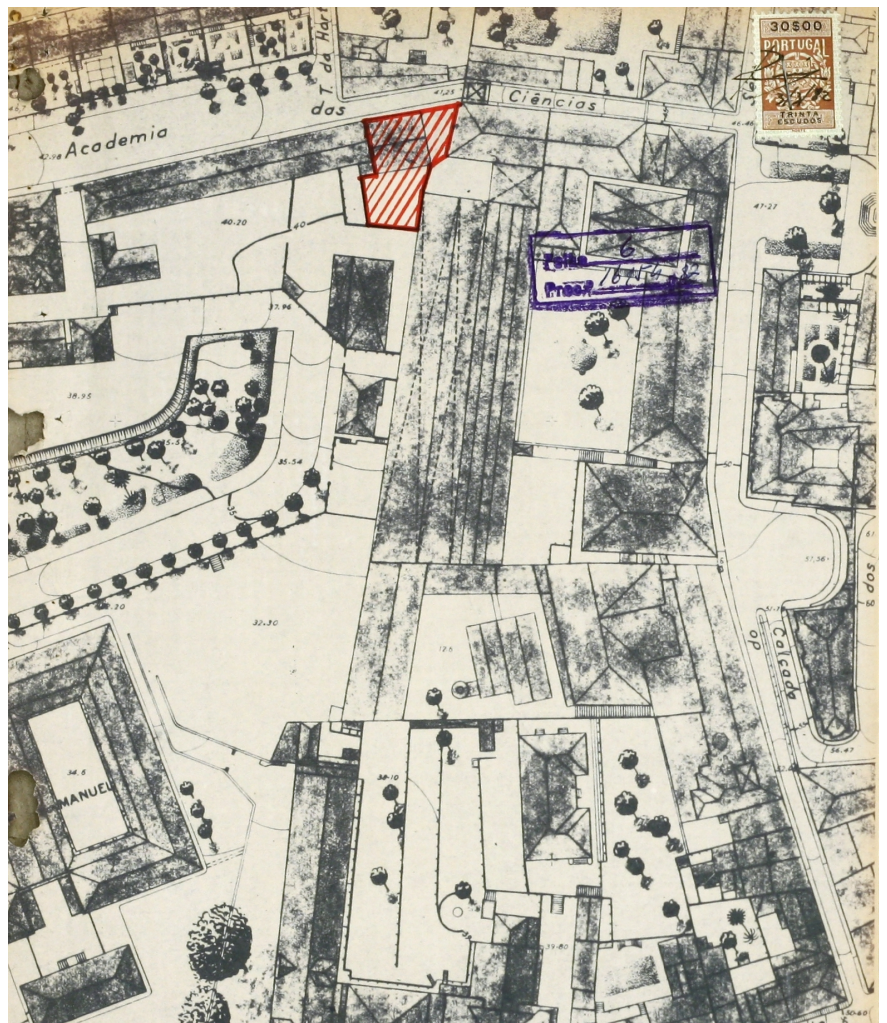
3ª REPARTIÇÃO - DE INECTUM Henrique
VISTO
O ARQUITECTO

Arquitecto
JORGE SEGURADO
Rua Duques de Bragança,
7-B - Lisboa

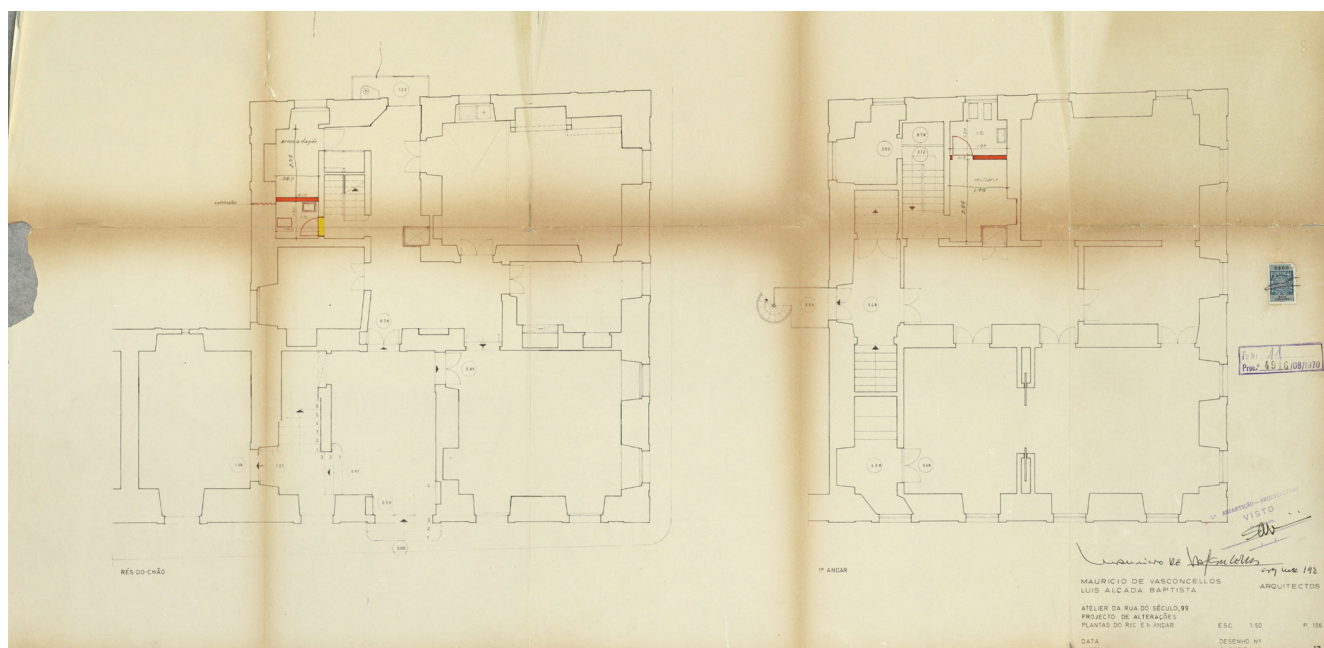
Jorge Segurado

| | |
|----------------------------------|-----------------------|
| sociedade nacional de tipografia | |
| ATELIER ARQUITECTO | JORGE SEGURADO |
| ARQUITECTO | <i>Jorge Segurado</i> |
| DATA | INSCRITO Nº 20 |
| ESCALA | PROCESSO Nº 557 |

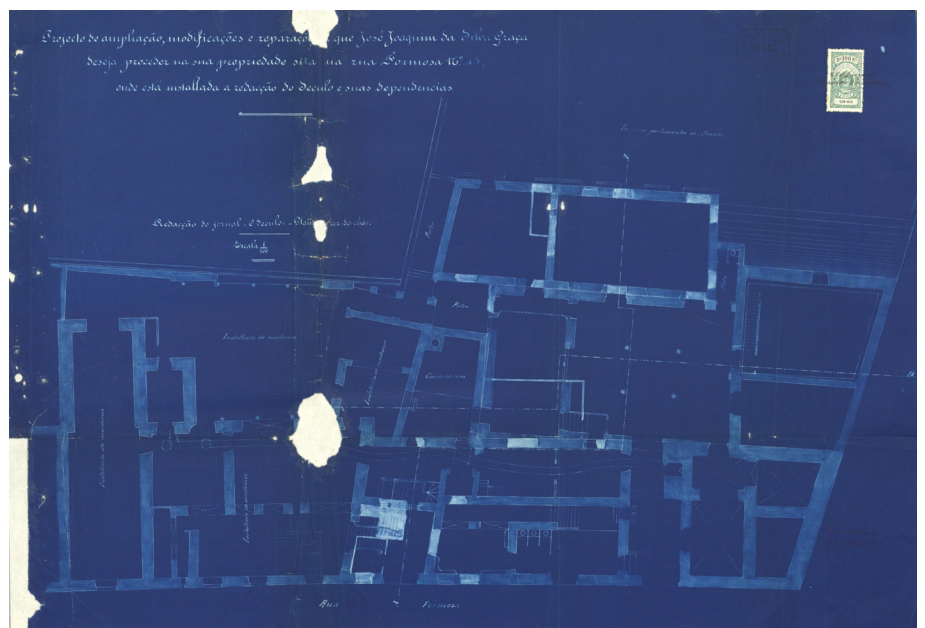
Planta de Implantação do local

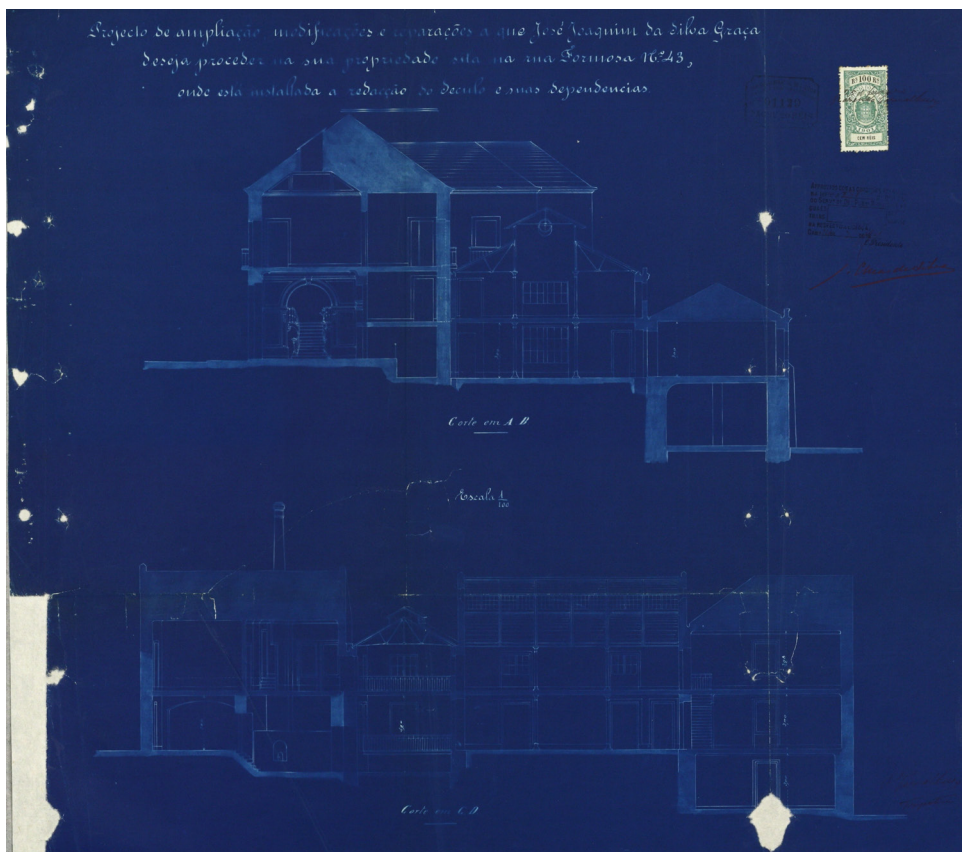


Plantas do volume a nordeste do
Palácio Pombal



Desenhos do Palácio Viscondes de Lançada, aquando da sua ocupação inicial pelo jornal O Século.





ANEXO III - Registo Fotográfico

Séc. XX - Aterro da Boavista e Bairro Alto



Registo do Espaço Público da Rua de O Século - perspetiva da descida próxima do Jardim do Príncipe Real.



Regrito do Espaço Público da Rua de
O Século - Greve próxima da Sede
Sindical, sediada no Palácio Pombal.

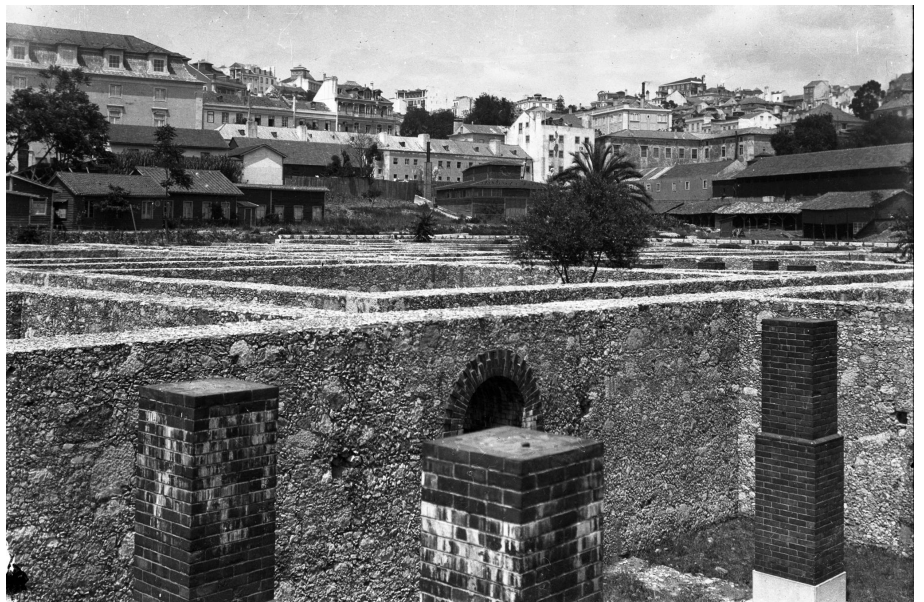


Registo do Espaço Público da Rua de O Século - Rua da Acaideia das Ciências e Praceta junto do cruzamento desta com a Rua de O Século.



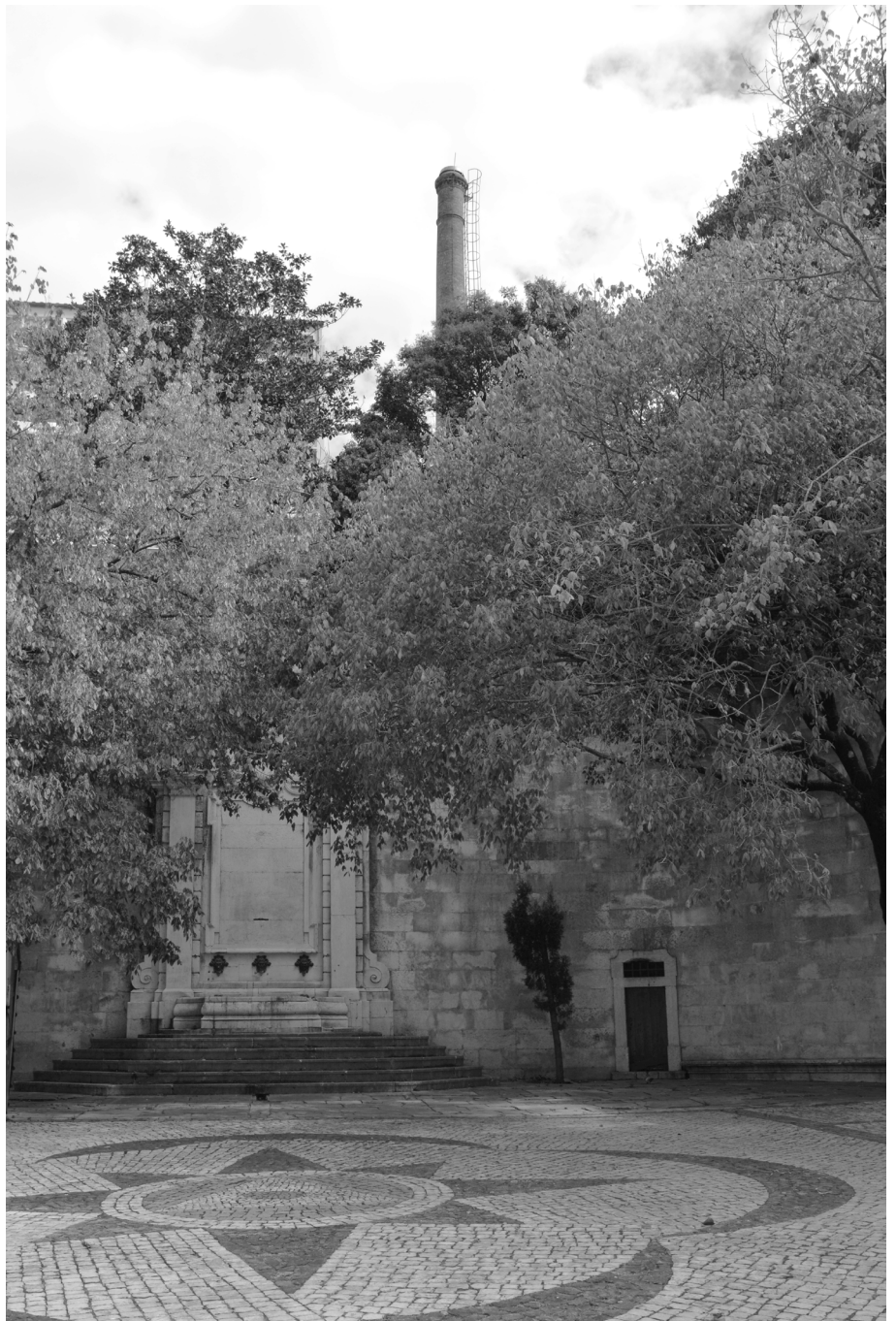


Construção do Liceu Passos Manuel -
uma grande infraestrutura pública da
Educação





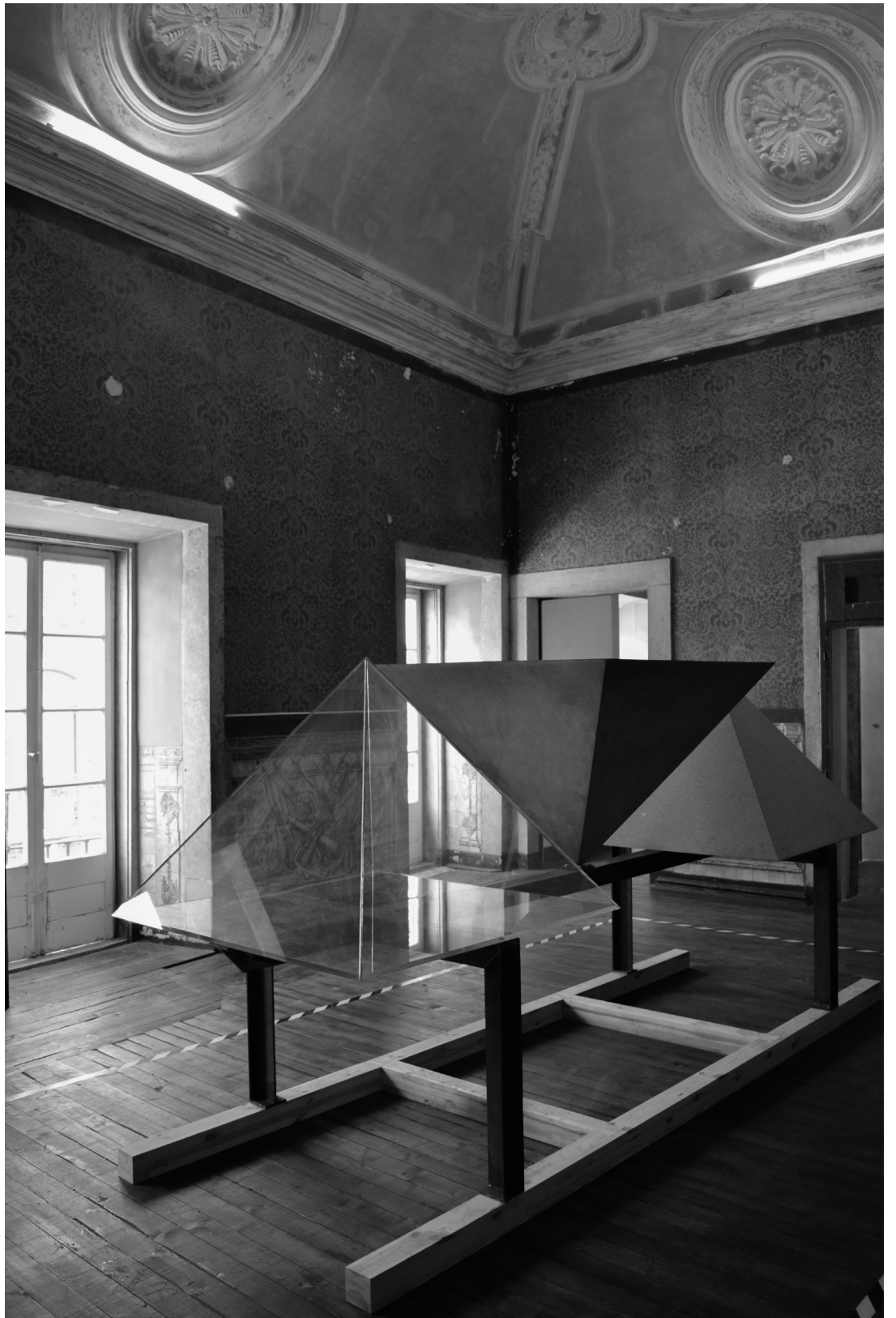
Local de Projeto - a fábrica, o palácio, o interior de quarteirão e o território. Registo fotográfico elaborado pelo autor

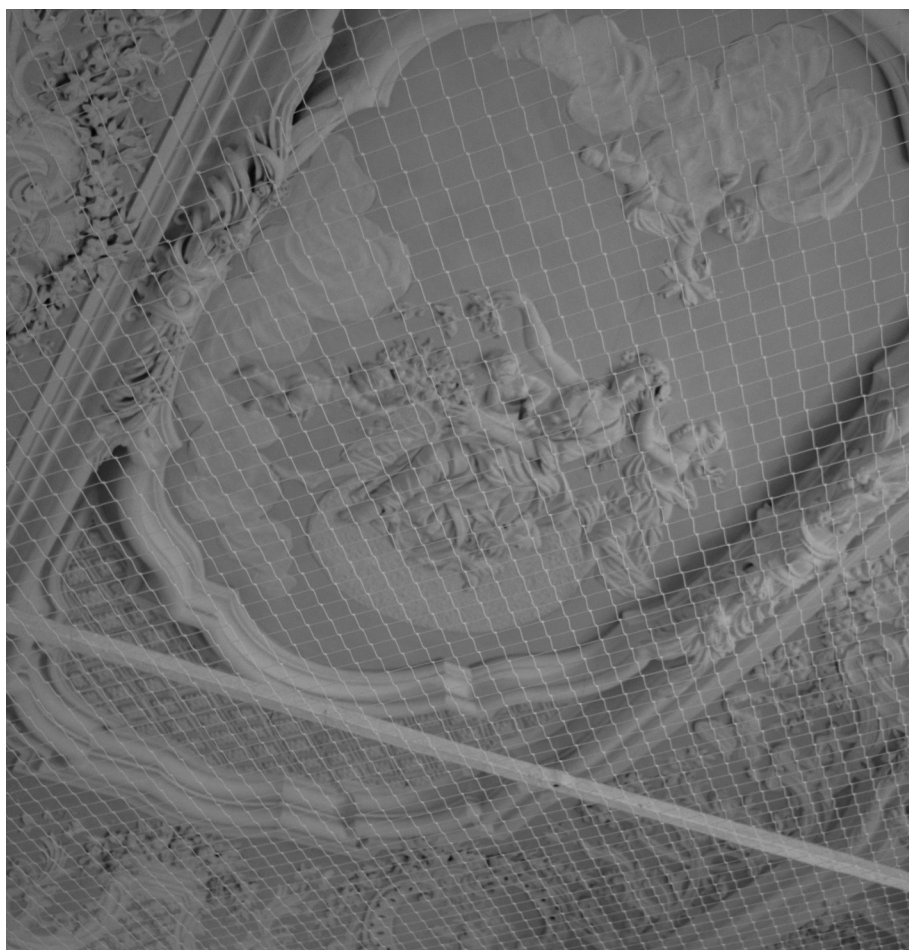














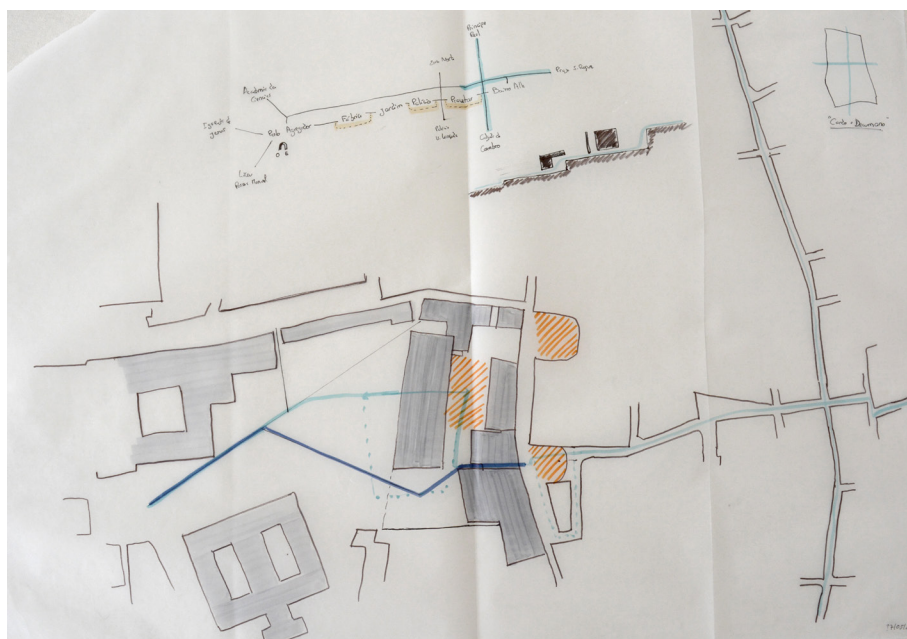
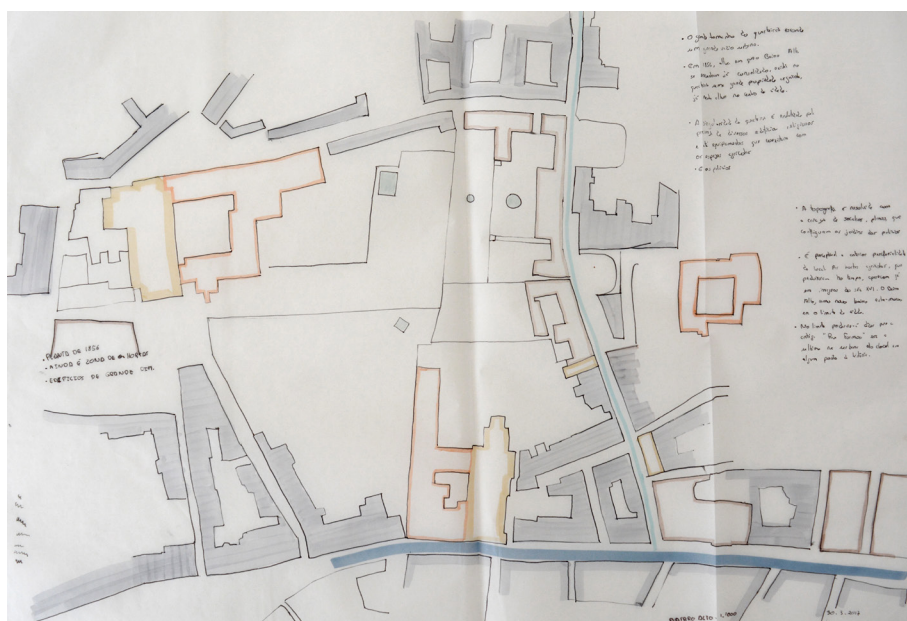




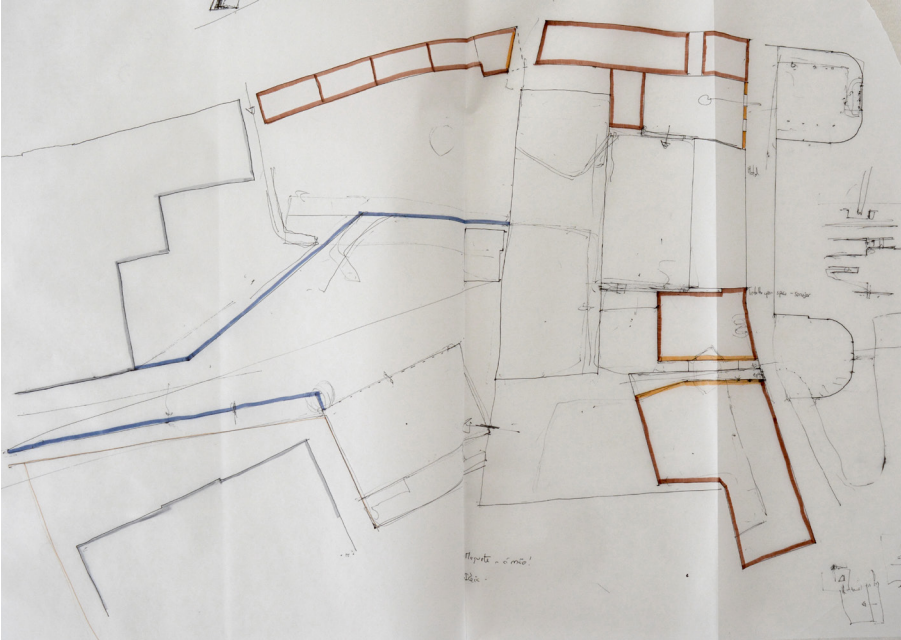




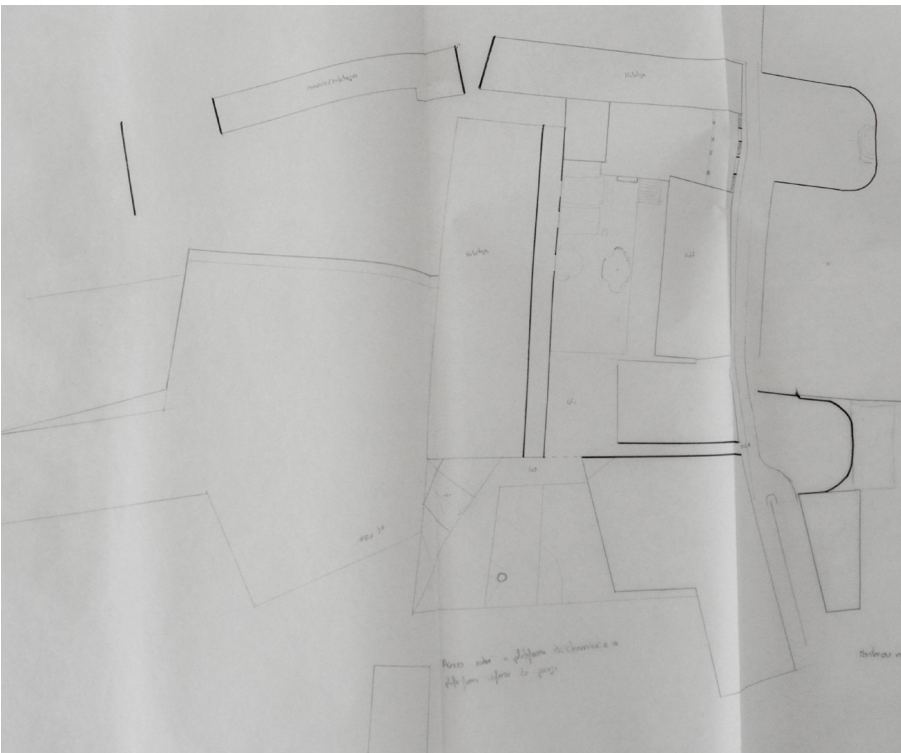
ANEXO IV - Processo Desenhado



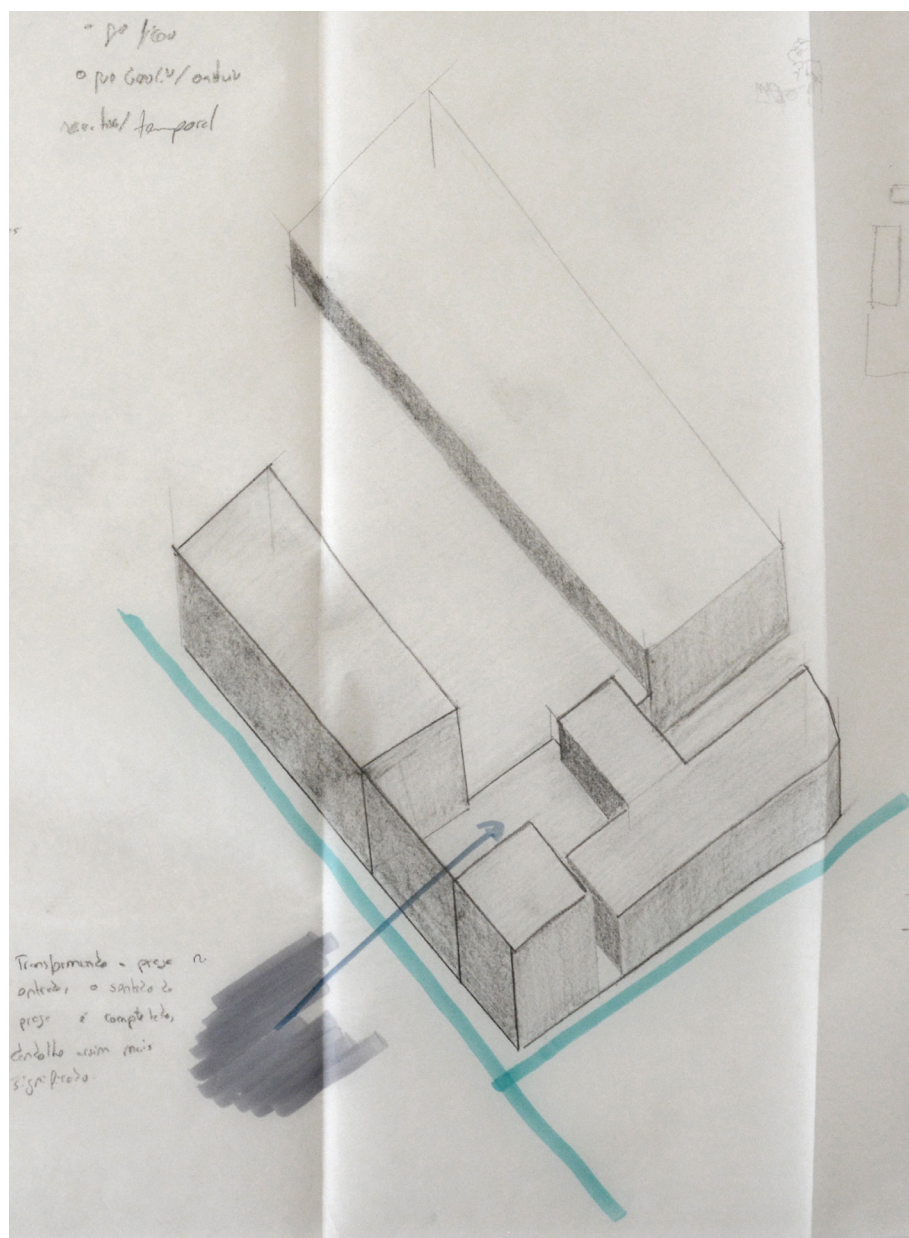
Início do plano urbano; estudo sobre os eixos primários do Bairro Alto e a sua continuação.



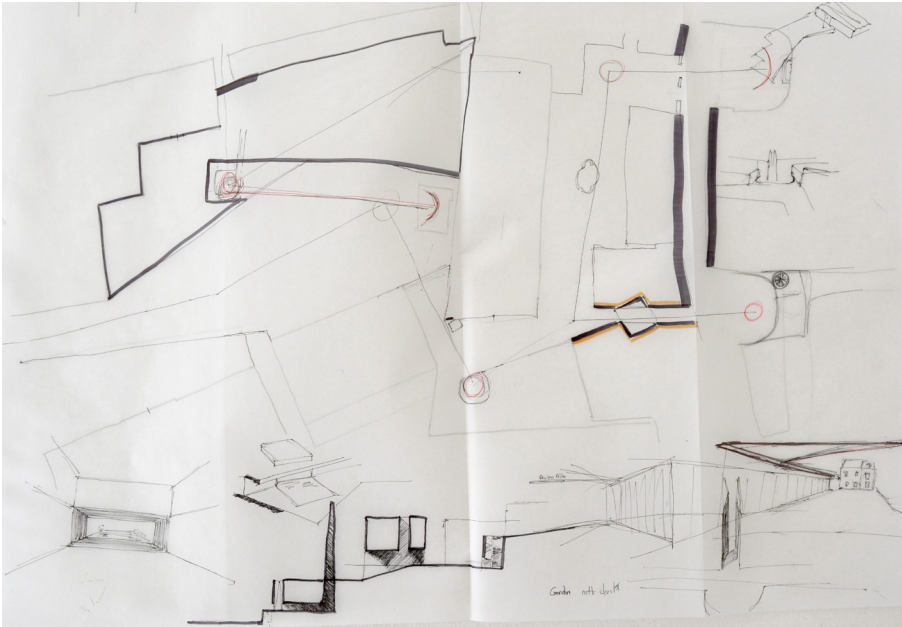
Atravessamentos para o interior do quarteirão e início do estudo sobre as plataformas.



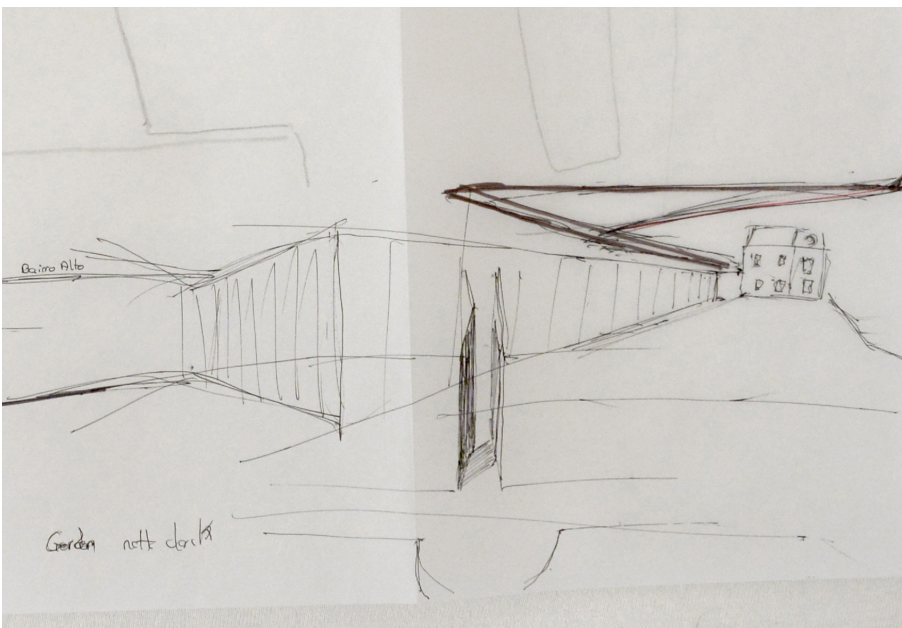
As diversas faces dos atravessamentos.



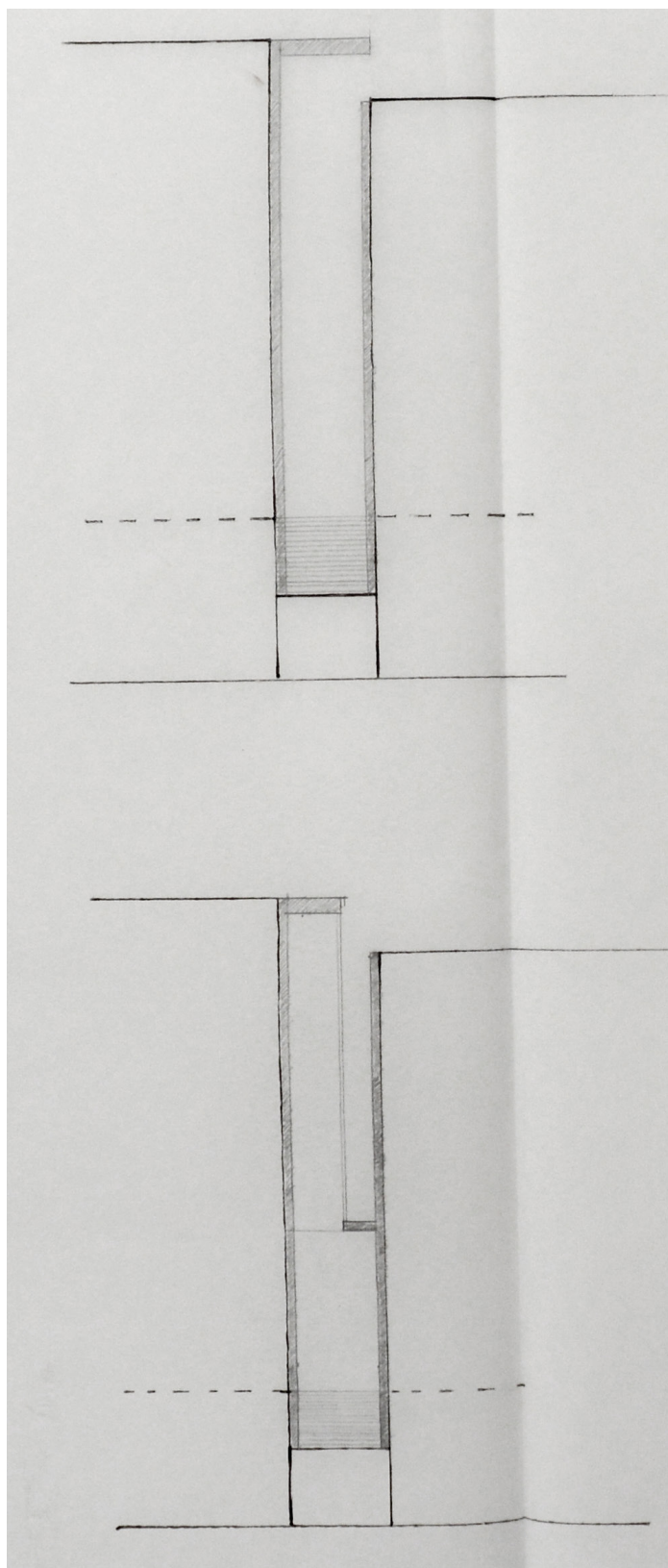
Axonometria conceptual da ligação da praça norte com o pátio do Palácio Pombal, através da fachada falsa.



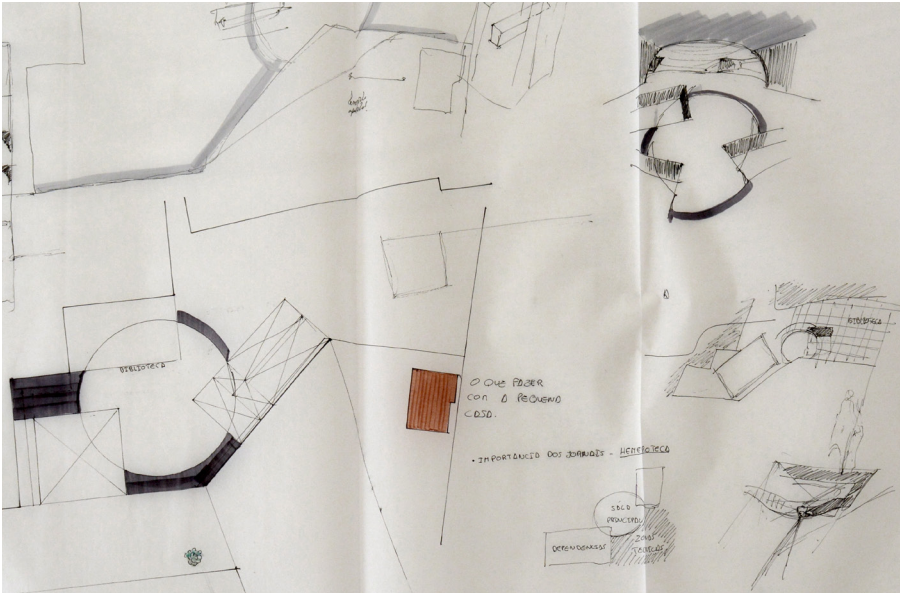
Estudo sobre os atravessamentos e enfiamentos perspéticos.



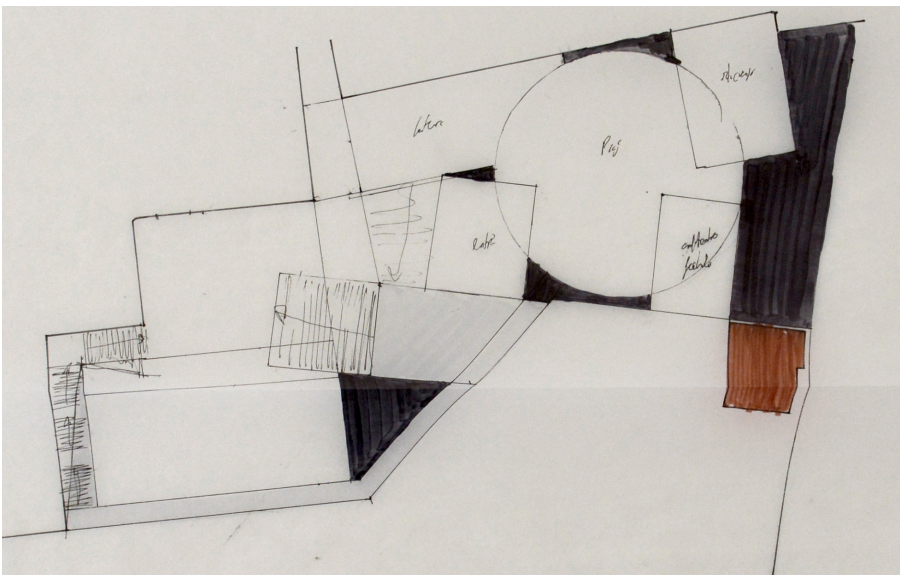
Detalhe do estudo sobre enfiamento perspético com a Casa do Reitor.



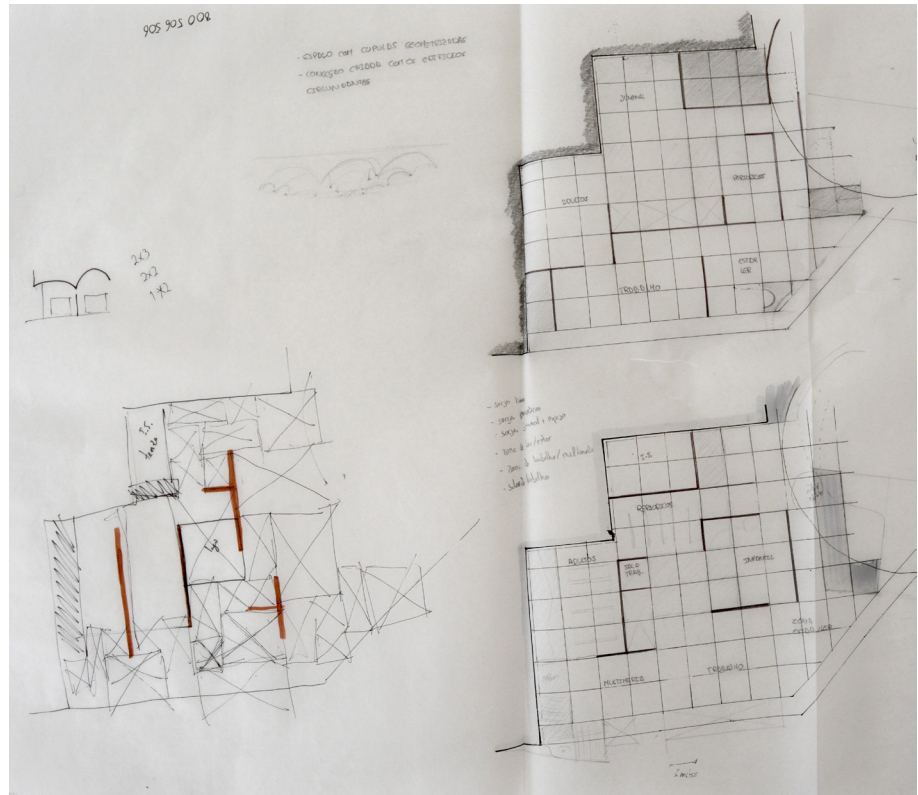
Estudo do Corte do
atravessamento pela praticeta sul.



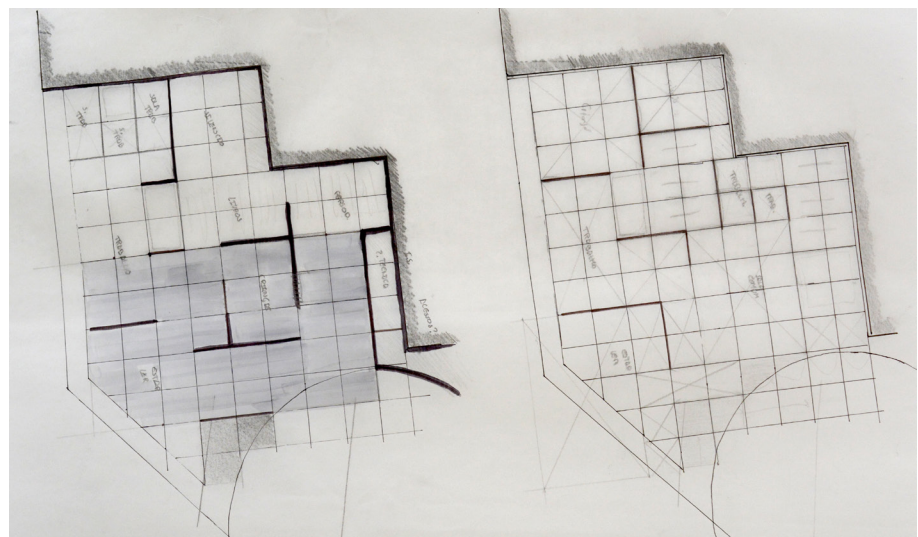
Trabalho sobre o espaço e programa do edifício a desenvolver.



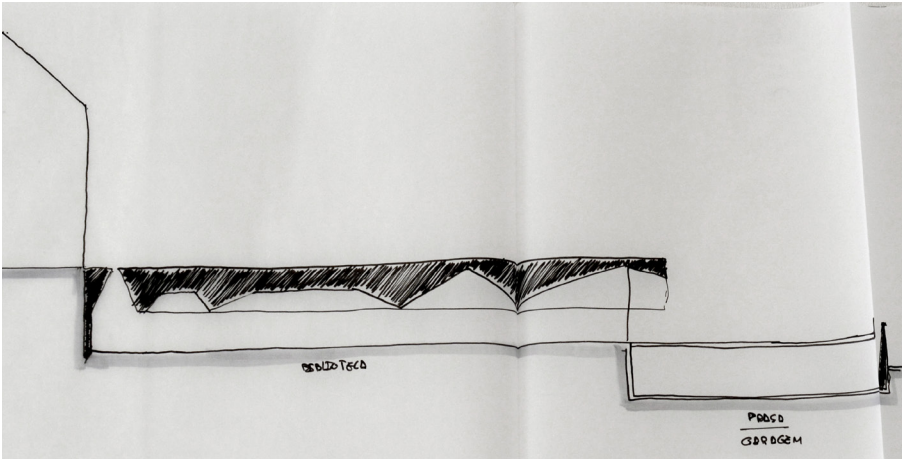
Reflexão sobre a organização espacial do interior do edifício com o recurso a formas e volumes.



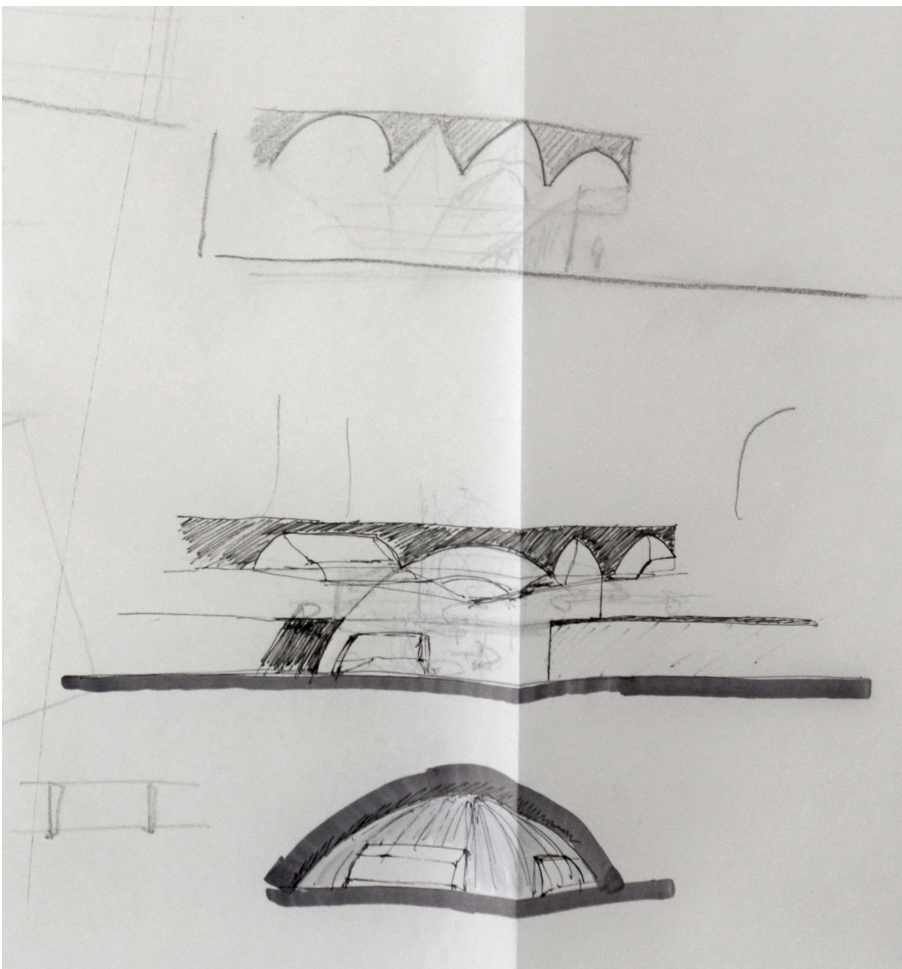
Reflexão sobre a divisão do espaço da biblioteca inicial com base numa matriz quadriculada.



Diferentes iterações do estudo sobre a divisão do espaço com planos e cúpulas.

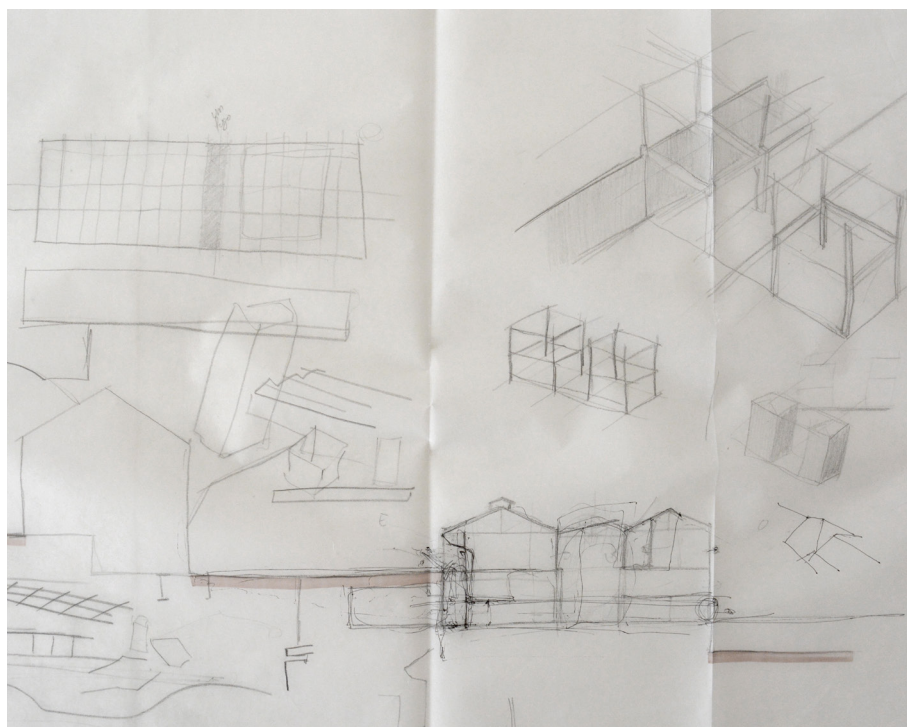


Início do estudo sobre o roofscape que conforma a cobertura e consequentemente a plataforma.

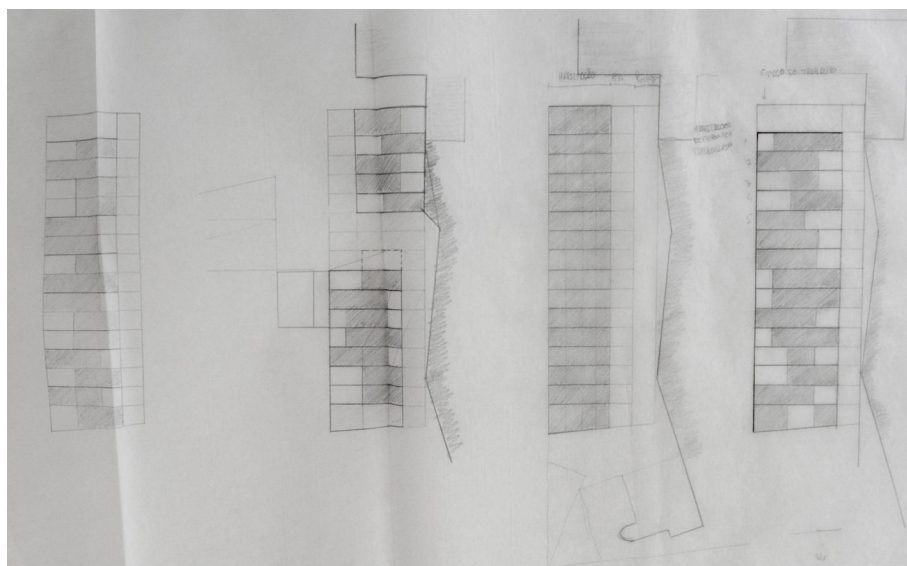


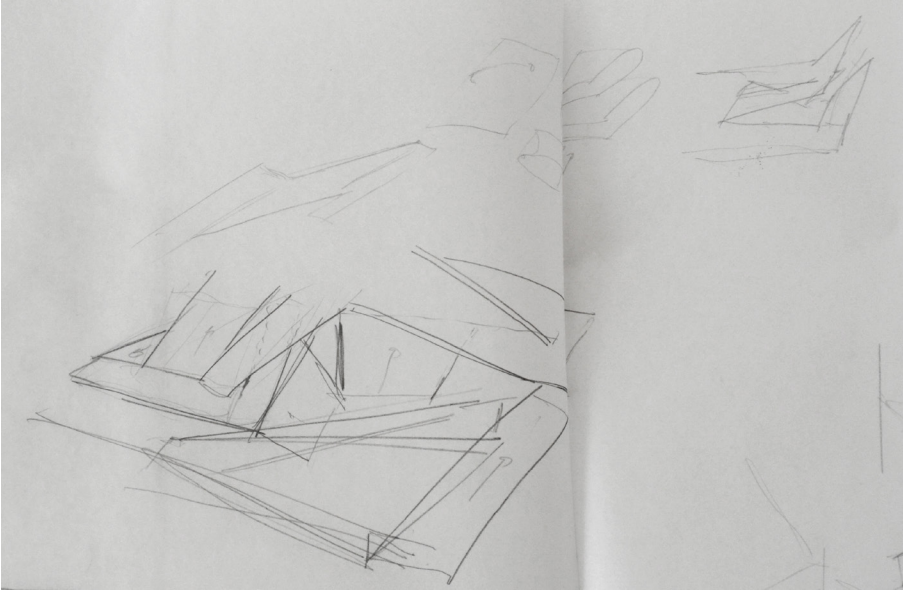
Diferentes iterações do Roofscape e relação interior-externo.

Reflexão sobre o fracionamento da unidade industrial a reabilitar.

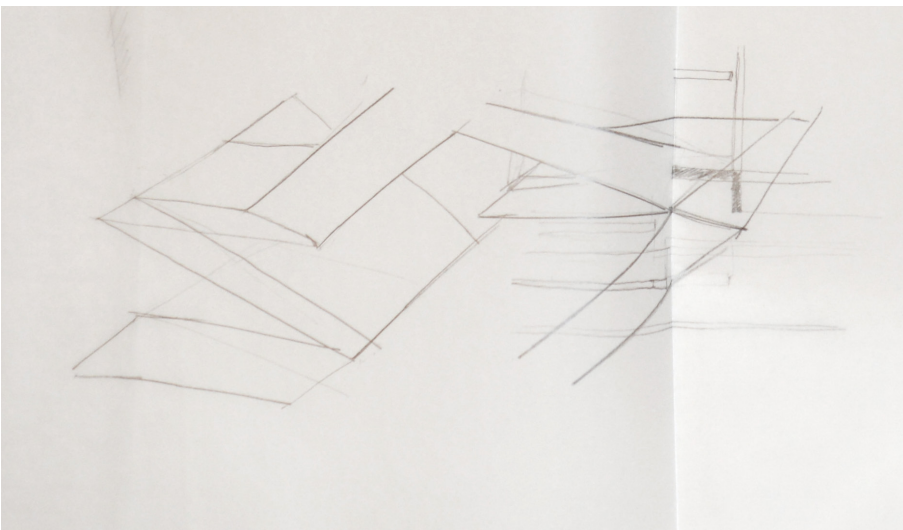


Diferentes composições da divisão da fábrica em unidades habitacionais e a introdução de um atravessamento.



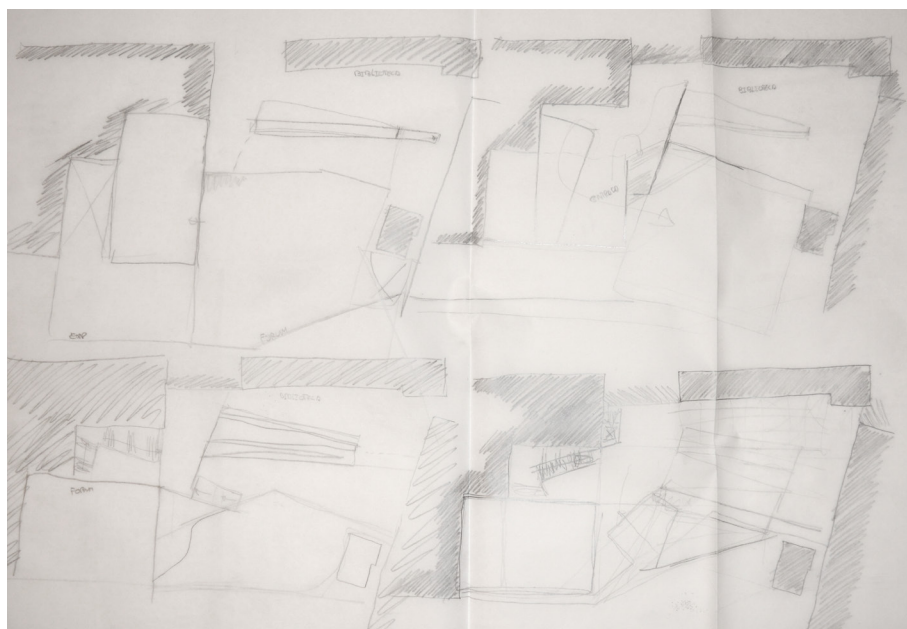


Reflexão sobre o desdobramento do plano superior em diferentes rampas.

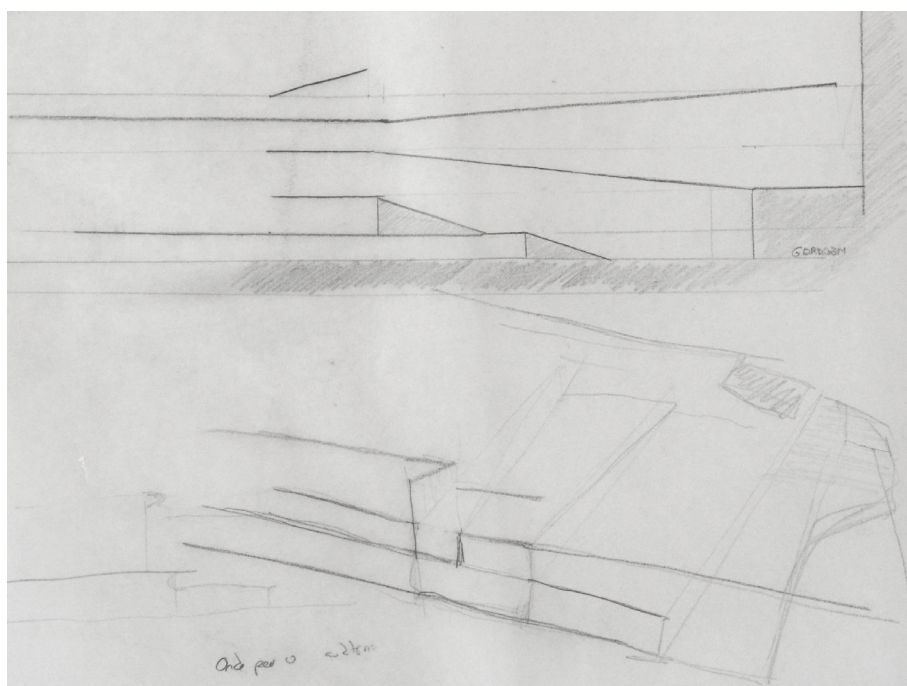


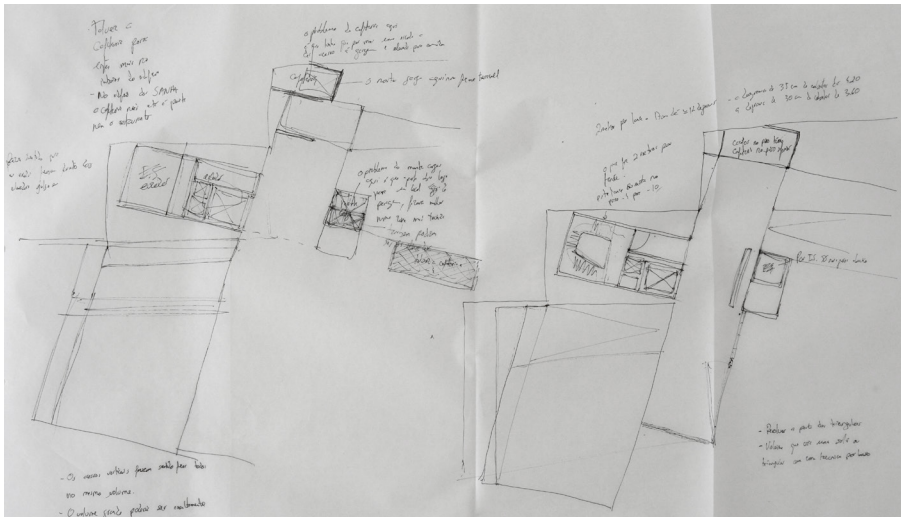
Conjunto de diversas rampas com diferentes inclinações e direcções.

Diferentes configurações das rampas no interior do edifício.

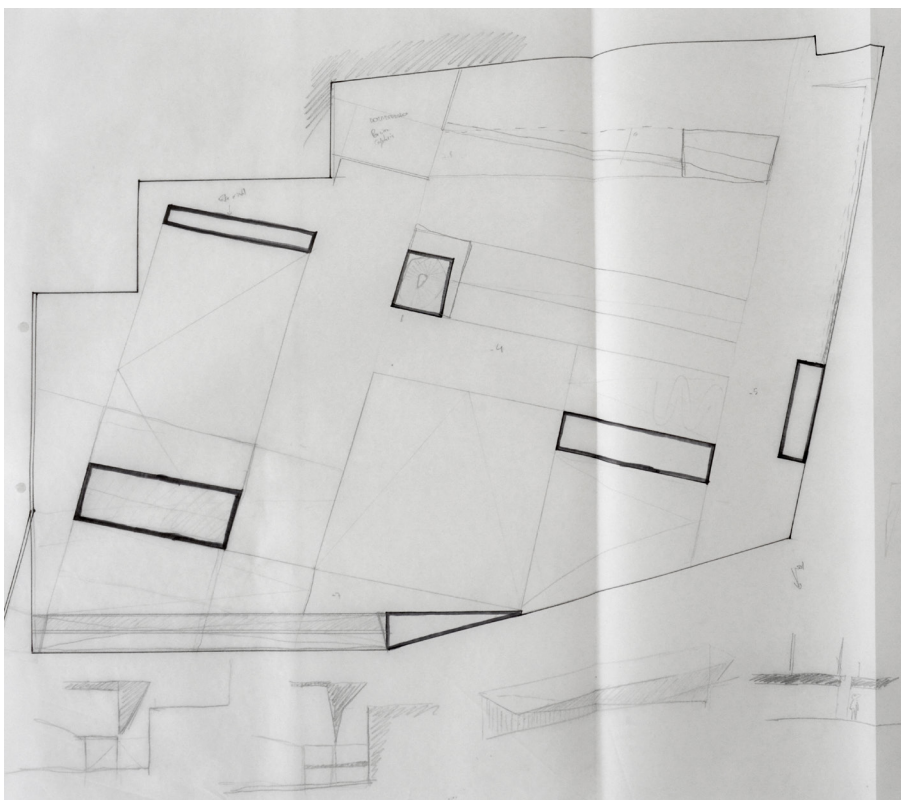


Ligação das rampas exteriores com as interiores e corte axonométrico da relação interior-rampa-exterior.

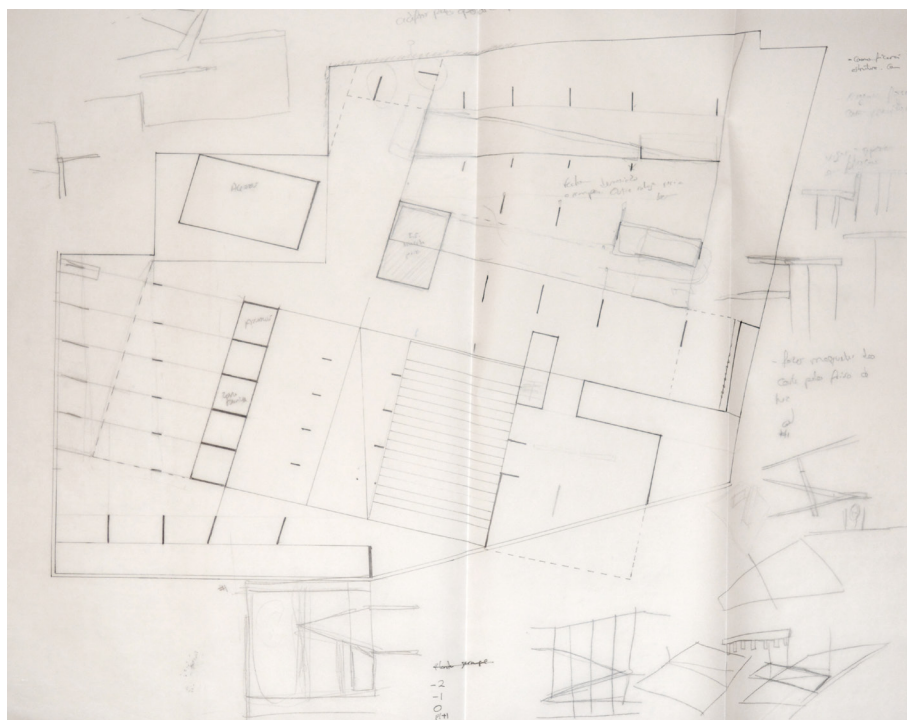




Diferentes configurações dos volumes estruturais.

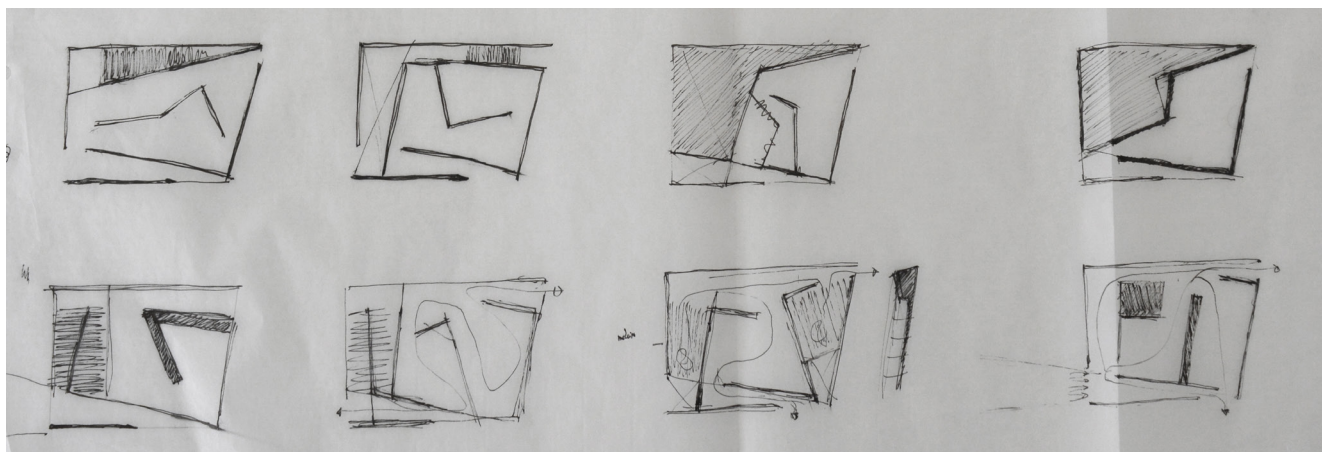


Utilização de volumes como "motores" estruturais e organizadores do espaço.



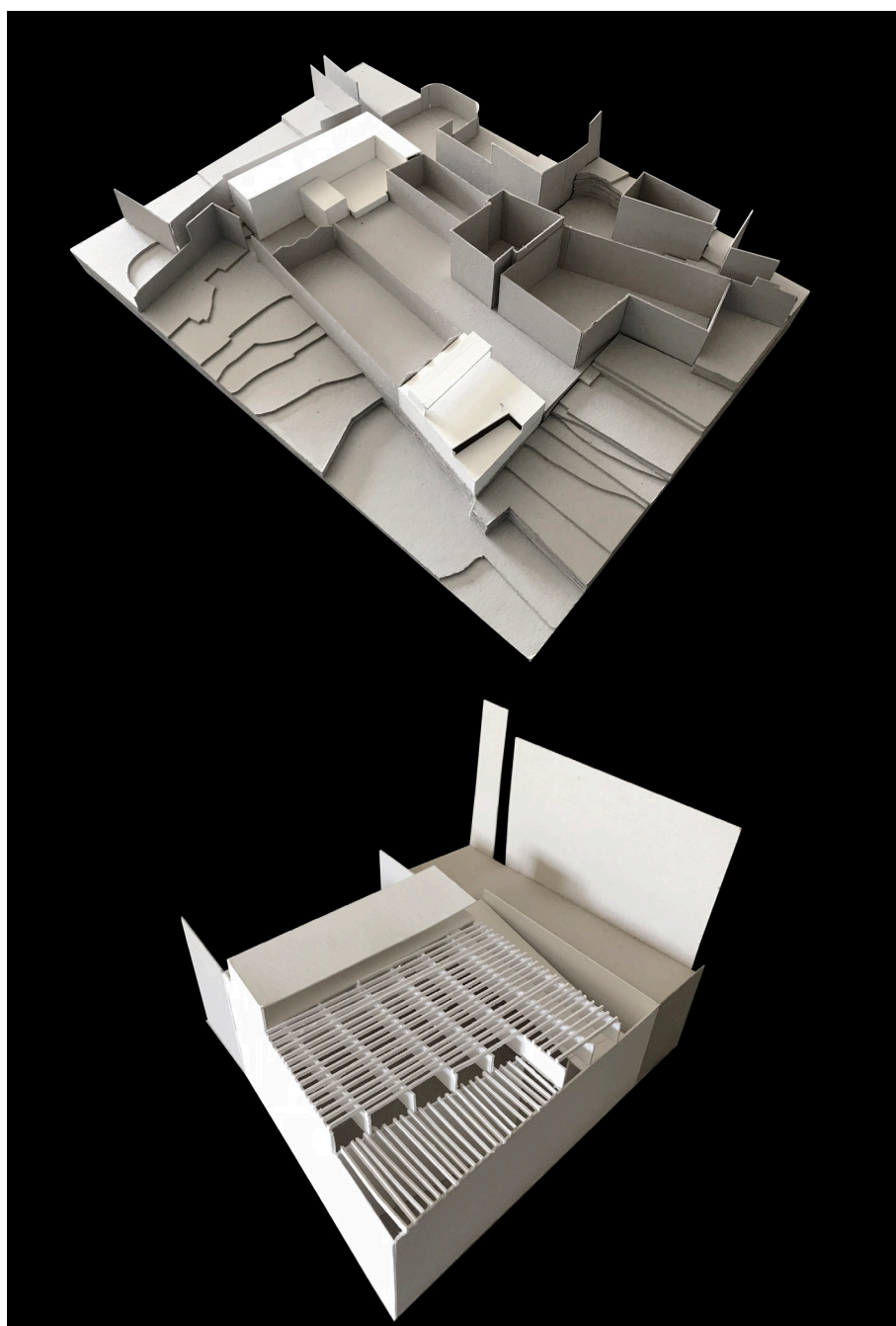
Possibilidade de ligação de volumes com lâminas de betão estruturais.

Diferentes iterações da organização espacial do volume da biblioteca.

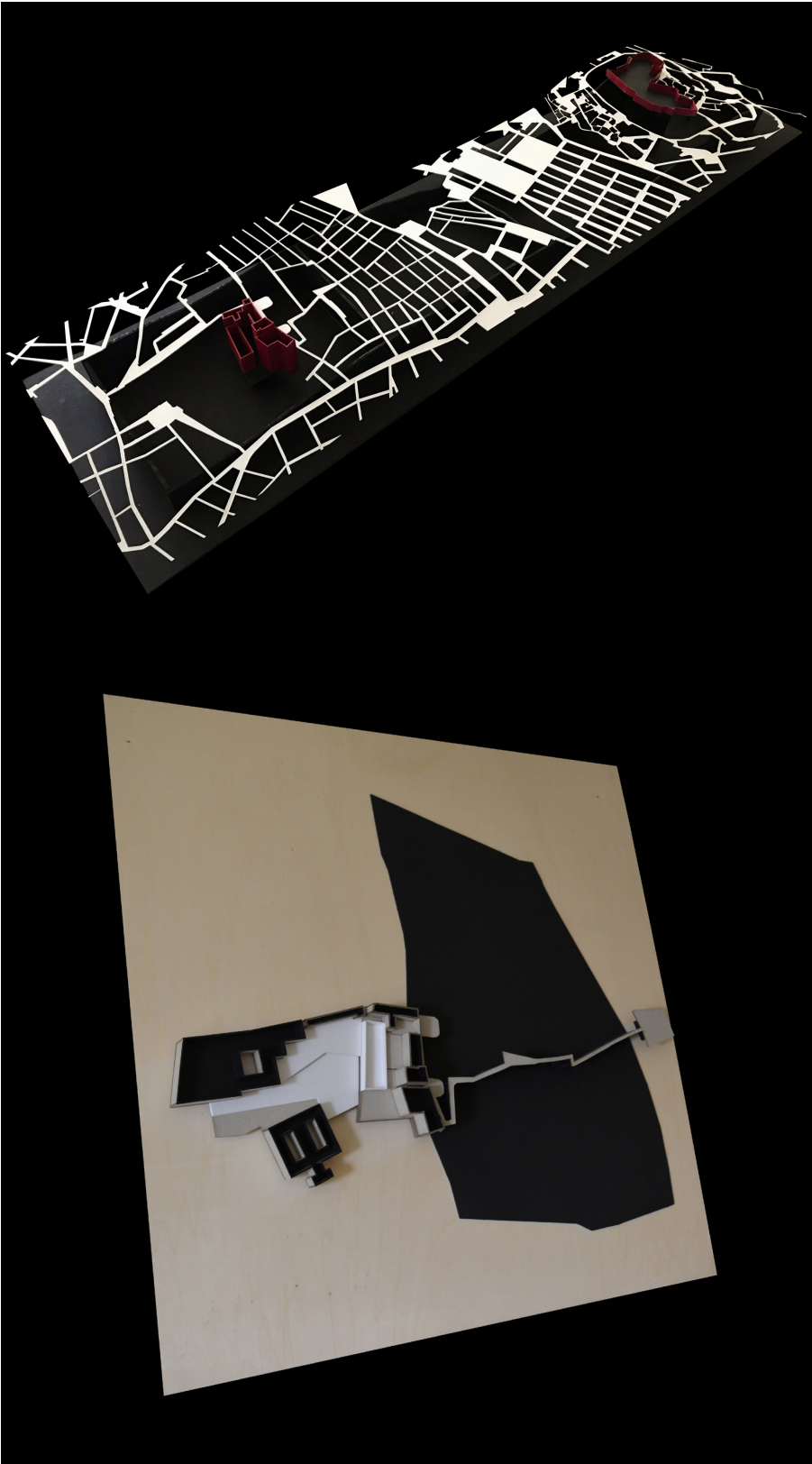


ANEXO V - Maquetes

Plano Urbano Inicial
1|500
Cartão prensado e cartão canson
branco.



Exploração do interior do
quarteirão
1|200
Cartão prensado e cartão canson
branco.



Cheios e Vazios - Malhas Urbanas

1|5000

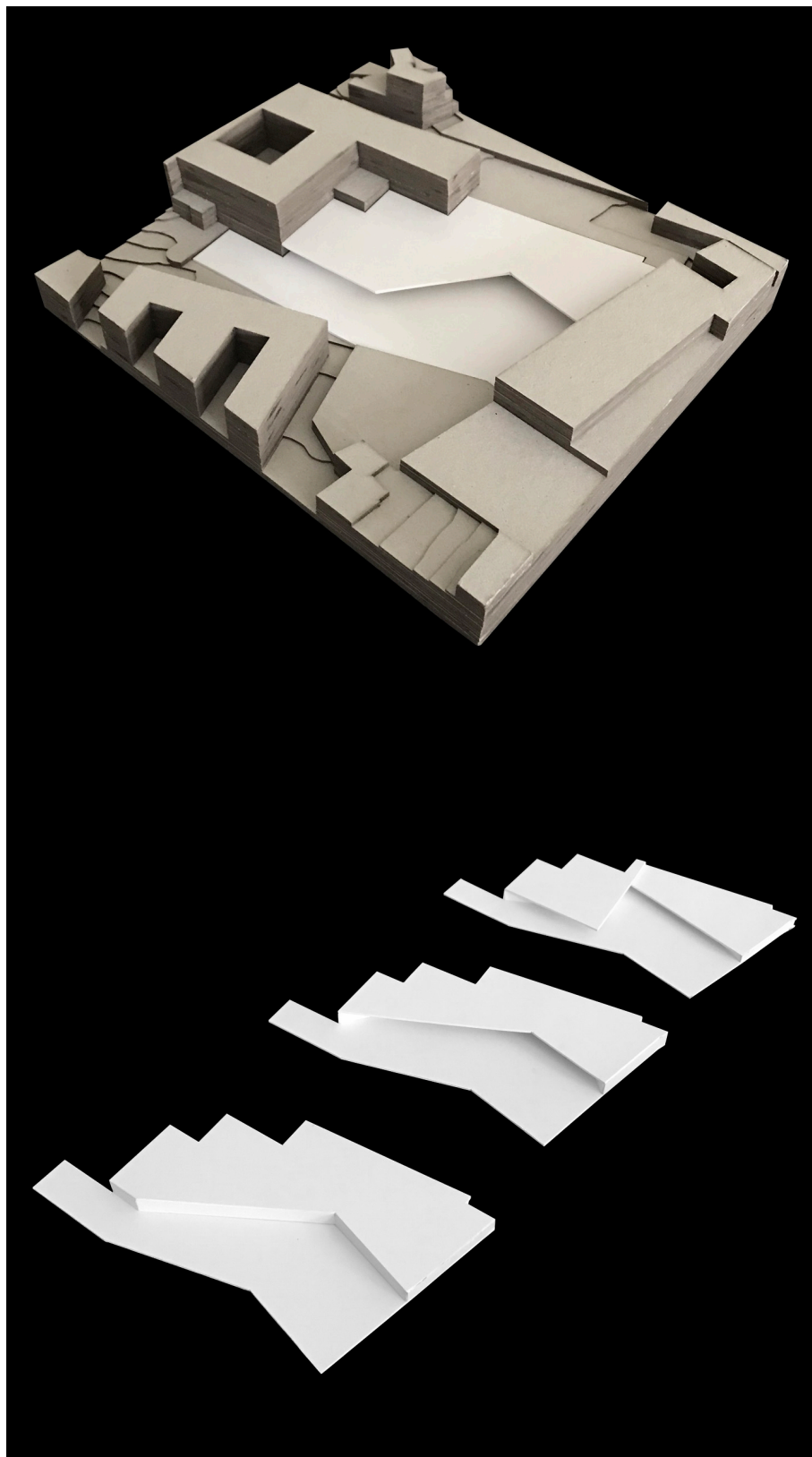
MDF pintado a preto mate, cartão canson branco e cartão prensado pintado a vermelho mate.

Conceito do atravessamento Este-Oeste

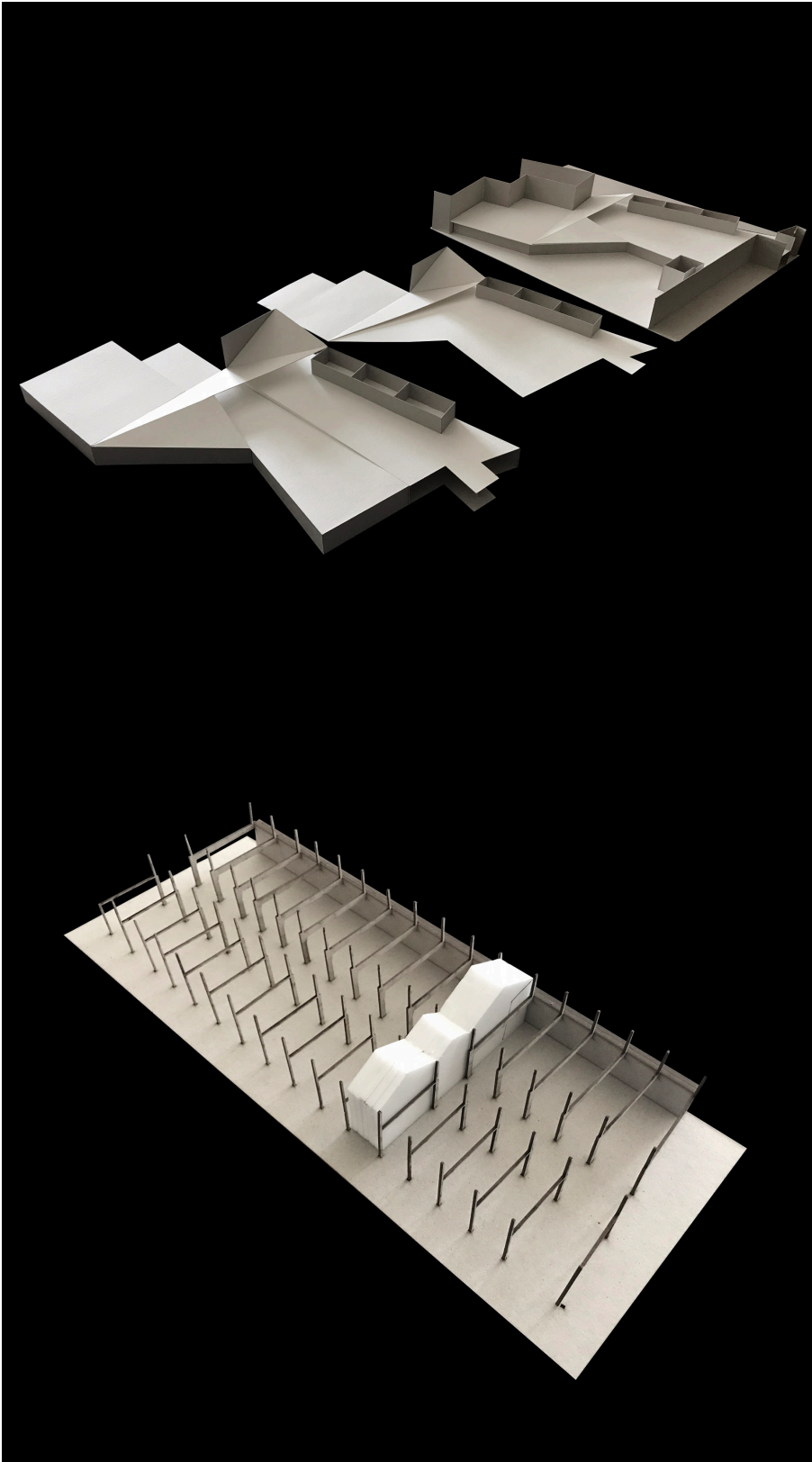
1|1000

Contraplacado de choupo, Cartão prensado cinza e pintado a preto e cartão canson branco.

Conceito das Plataformas
1|500
Cartão prensado e PVC



Exploração das plataformas
1|500
PVC



Exploração da Cobertura

1|200

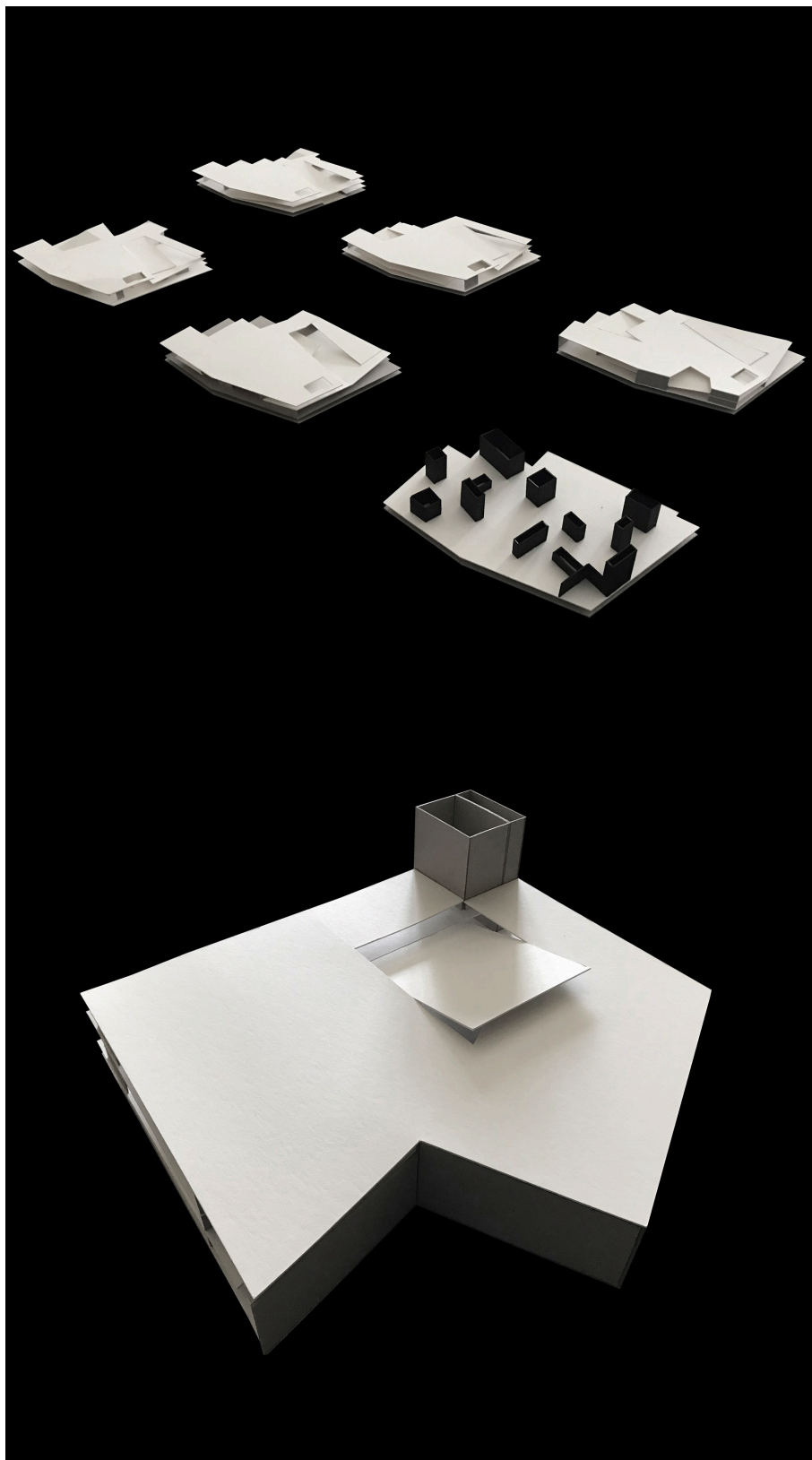
Cartão prensado e cartão canson branco.

Fracionamento da Fábrica

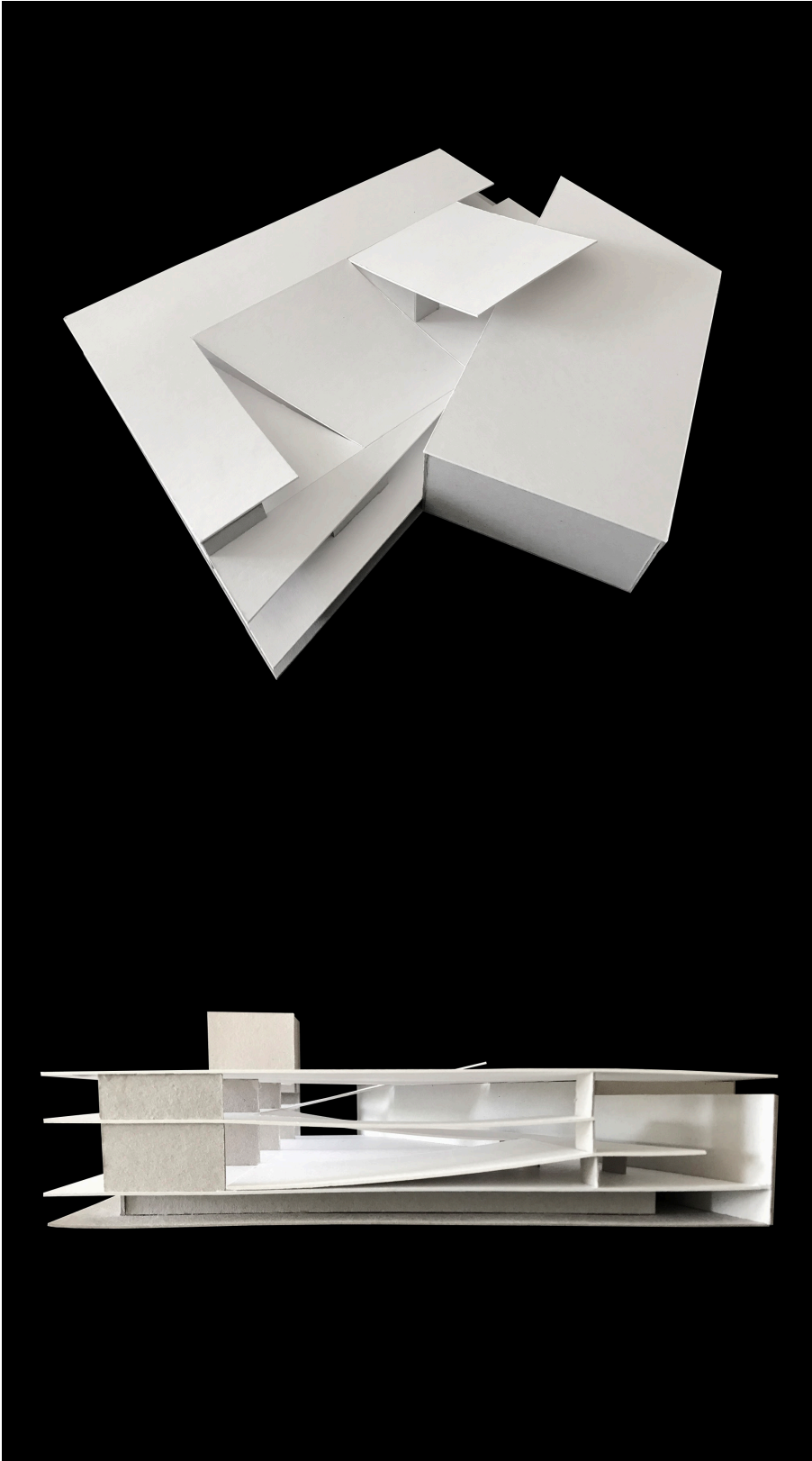
1|200

Cartão prensado e PVC

Exploração das rampas e volumes
1|200
Cartão prensado natural e preto e cartão canson branco

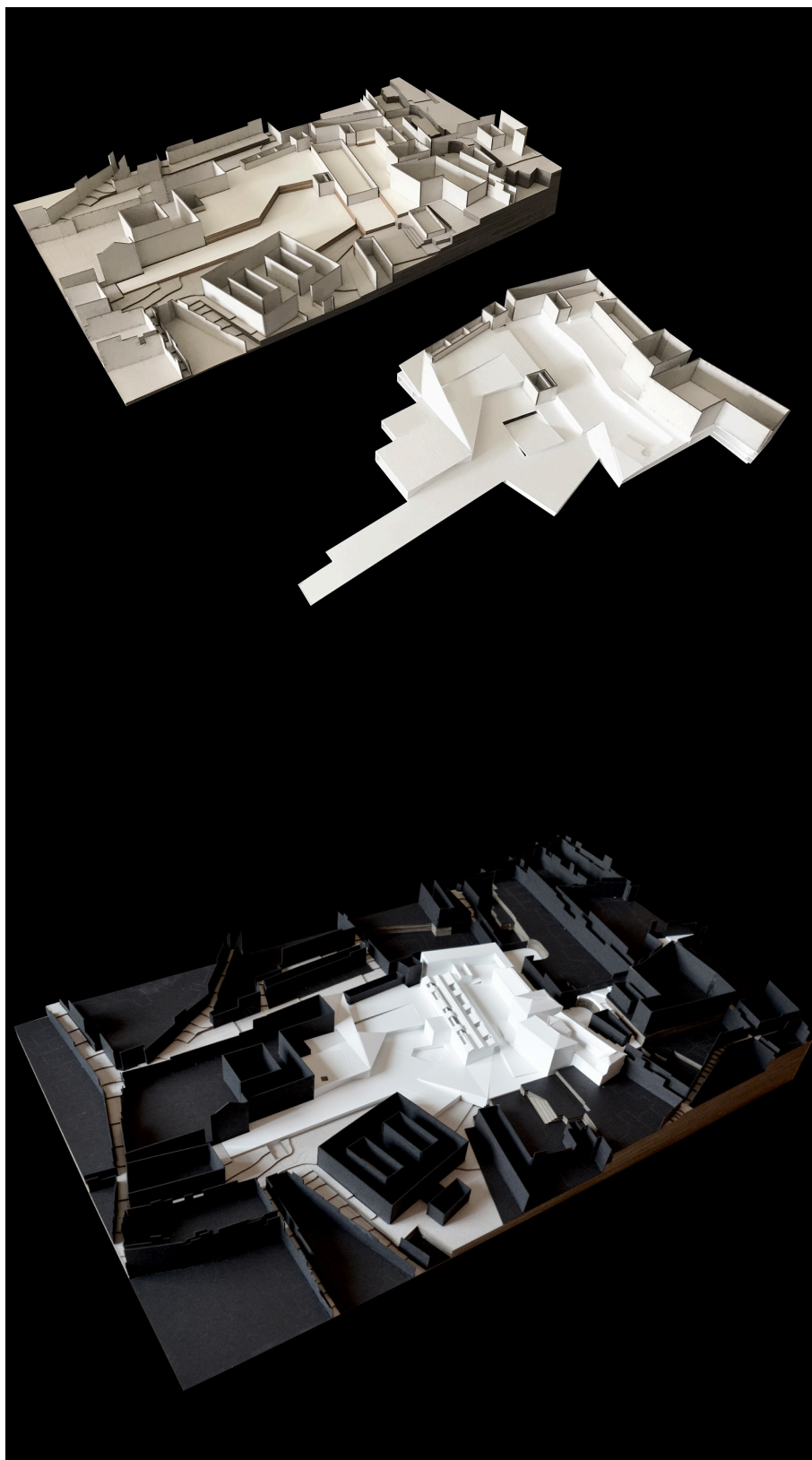


Exploração da Luz e Praça
1|200
Cartão prensado e cartão canson branco.

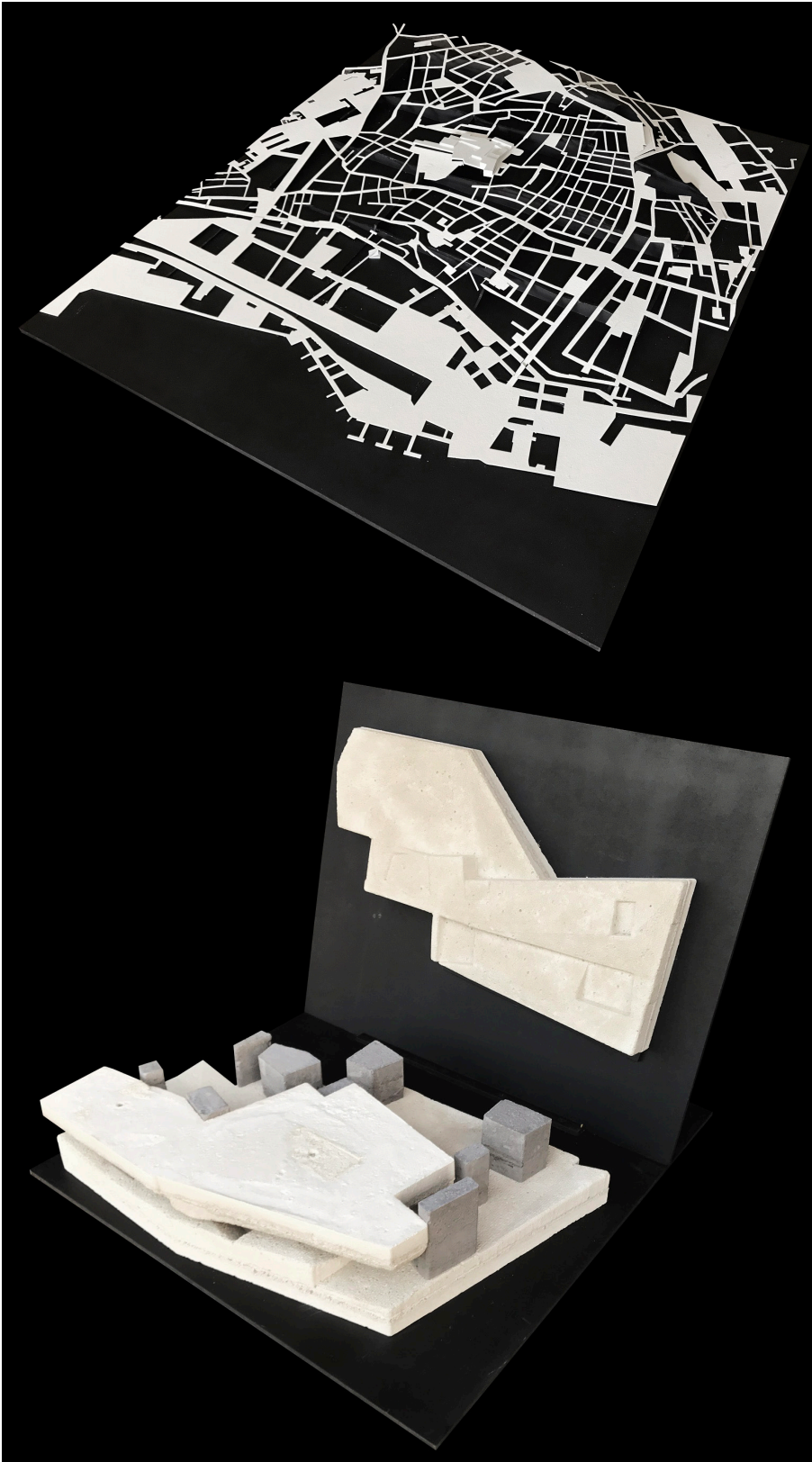


Exploração das rampas
1|200
Cartão prensado e cartão canson
branco.

Exploração do plano urbano
1|500
Cartão prensado e cartão canson
branco.



Plano Urbano
1|500
Cartão prensado cinza e preto e PVC



Enquadramento na cidade

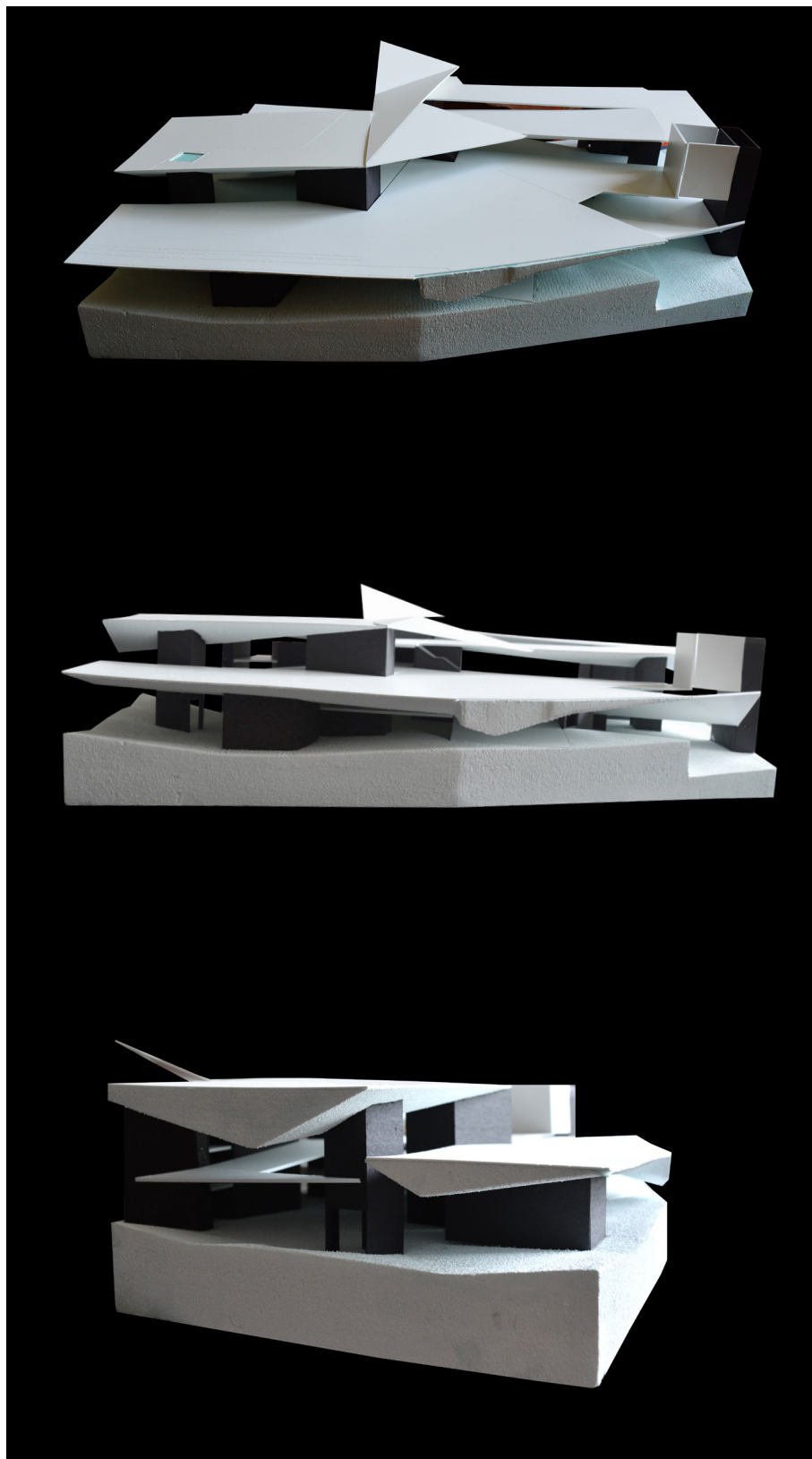
1|5000

MDF pintado a preto mate, cartão
canson branco e PVC

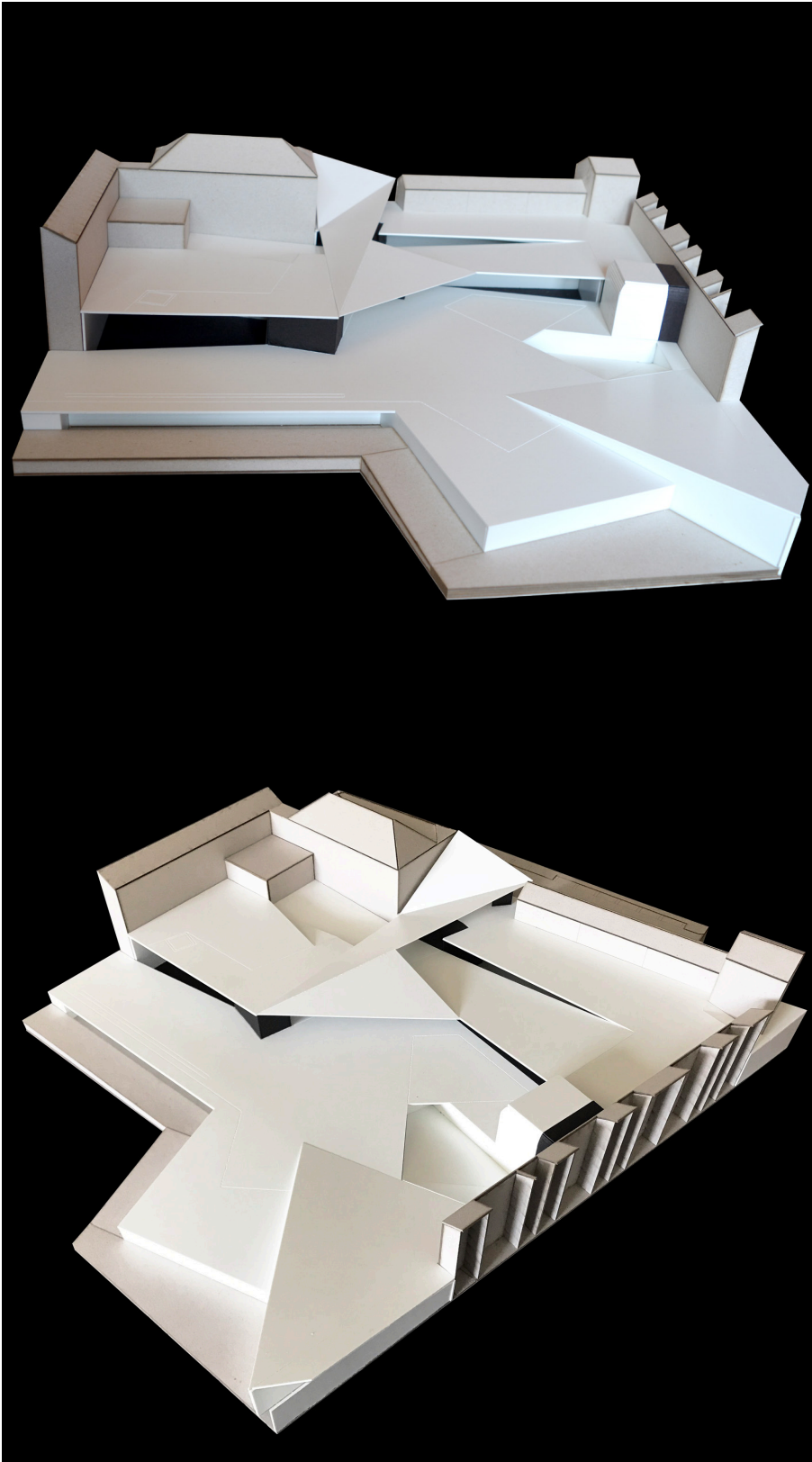
Landscape - Roofscape - Volumes

1|200

MDF pintado a preto mate, betão
branco e betão com óxido de ferro
negro.



Landscape - Roofscape - Volumes
- Rampas
1|200
XPS pintado a branco, cartão
prensado preto e PVC



Maquete final do Edifício
1|200
Cartão prensado cinza e preto e PVC

ANEXO VI - Paineis Finais

